FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.080 | DOMINGO, 24 DE JULHO DE 2022 | R$ 7,00

ilustríssima ilustrada

Fala a embaixadas expõe abalo de Itamaraty sob Bolsonaro

Apresentação de teor golpista arrasta ministério para campanha de reeleição

O discurso de mentiras e teorias conspiratórias sobre o sistema eleitoral brasileiro feito nesta semana pelo presidente Jair Bolsonaro a mais de 60 embaixadores em Brasília consolida o declínio do Ministério das Relações Exteriores em sua gestão.

A apresentação, descrita por diplomatas como vergonhosa e rebatida por governos estrangeiros com declarações oficiais de confiança nas urnas brasileiras, solapou a tentativa do chanceler Carlos França de resgatar a imagem do Itamaraty.

Diplomatas ouvidos pela **Folha** na última semana veem a pasta, uma das mais tradicionais e estáveis, ser arrastada para a campanha de reeleição do presidente e questionam o esforço de normalização após a tensa gestão de Ernesto Araújo.

Bolsonaro convocou representantes da comunidade global na segunda (18) para uma reunião na qual exibiu slides com erro ortográfico e questionou a confiabilidade das urnas eletrônicas e do Judiciário a menos de três meses da eleição. Mundo A14

ENTREVISTA
Thomas Shannon

Brasil será isolado caso haja ruptura

Jair Bolsonaro e sua equipe estudaram a estratégia de Donald Trump, que em janeiro de 2021 insuflou a invasão ao Congresso americano, diz o ex-embaixador dos EUA no Brasil. Para Thomas Shannon, o país sofrerá muita pressão política e econômica se a democracia ruir. Mundo A15

Marcelo Leite narra experiência de inalar psicodélico DMT em teste clínico C4 a C6

Direito ao aborto era menos polêmico em 1973, quando EUA o reconheceram C10

MÔNICA BERGAMO
Não se apaga falta de Daniella, diz Gloria Perez sobre crime que virou série C2

Equilíbrio B4
Médicos veem aumento na busca por cirurgias estéticas no país

Esporte B7
Hamilton chega ao 300º GP na F1 sob maior jejum, sem vencer há 12 provas

planeta em transe

Gabriela Biló/Folhapress

ÚNICA DEPUTADA FEDERAL INDÍGENA, JOENIA WAPICHANA PREGA CALMA PARA DIALOGAR

Joenia (Rede-RR) no Congresso; ela diz se inspirar no costume de seu povo de negociar para ter apoio a projetos de defesa dos indígenas Ambiente B6

Fast-food vira 'última refeição' de pacientes paliativos

VIDA PÚBLICA
Comer lanche de fast-food é desejo comum a pacientes de oncologia e hematologia internados em estado grave e submetidos a tratamento paliativo no HC da Unicamp. Muitos optam pela refeição por não terem mais preocupação com saúde. Cotidiano B2

EDITORIAIS A2

Caixa de problemas
Acerca de novas irregularidades no banco estatal

Apreensão global
Sobre o risco de recessão nos EUA e na Europa

ATMOSFERA
São Paulo hoje

28° 15°

	Hoje	Amanhã
Rio	15° 32°	16° 31°
Brasília	13° 28°	14° 28°
Ribeirão	15° 32°	16° 32°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

Marlene Bergamo/Folhapress

VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA BUSCAM REGISTRO DE CAC

Anderson Nonato, 40, no clube de tiro onde pratica, em São Paulo, desde que foi assaltado, em 2021; procura pelo registro distorce categoria privilegiada por atos de Bolsonaro Cotidiano B1

Recuperar instituições deve ser prioridade econômica em 2023

O próximo governo terá de reverter a deterioração institucional para o país voltar a crescer de forma sustentável, afirmam analistas. Para Luis Otavio de Souza Leal, do Banco Alfa, contestar as urnas agravaria o quadro. Mercado A17

Ricardo Lewandowski

Eleitores brasileiros não são cordeiros diante de sofismas para solapar urna A3

Lula sugere não disputar ruas no 7 de Setembro

Por sugestão do ex-presidente, movimentos sociais planejam mobilização dia 10, para evitar confrontos com bolsonaristas. A10

Para OMS, varíola dos macacos é emergência global

A Organização Mundial de Saúde classificou a disseminação da varíola dos macacos como emergência pública de preocupação global. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, disse que o risco no mundo ainda é relativamente moderado, exceto na Europa, onde é alto. Saúde B4

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Caixa de problemas

Novos depoimentos e investigações reiteram sofríveis práticas de gestão no banco estatal

Banco estatal que se notabilizou por servir de aparelho político a sucessivos governos, a Caixa Econômica Federal tem sido marcada por uma série de despautérios que reiteram suas sofríveis práticas de gestão e sugerem um ambiente empresarial turvo e propício a irregularidades.

Desde junho, quando se conheceram as acusações de abuso sexual contra o então presidente da instituição, Pedro Guimarães, multiplicam-se os depoimentos sobre condutas inaceitáveis do dirigente, relatos de ameaças internas e indícios de desvios envolvendo despesas custeadas pelo banco.

Como esta **Folha** noticiou, Guimarães, além dos assédios, beneficiou-se de recursos da Caixa para reformar sua residência e fez turismo de luxo com aluguel de carros blindados e hospedagem em resorts durante viagens de trabalho.

Em outra frente, o Ministério Público do Trabalho investiga os motivos pelos quais diversos funcionários em topo da carreira foram lotados em agências bancárias e estão sendo subaproveitados.

Só em Brasília, a empresa admite que ocorreram 123 transferências num intervalo de 90 dias entre o final de 2020 e o começo de 2021. Reservadamente, funcionários dizem que são alvo de retaliação por terem ocupado funções de destaque em governos petistas ou por divergências com a diretoria.

Alguns deles, com salários na faixa de R$ 45 mil, foram designados para organizar filas de clientes. A tarefa, aliás, deixa a nu uma característica perversa do banco, que é o tratamento vergonhoso e ineficiente dispensado a seus correntistas e aos que necessitam de serviços ligados ao FGTS, PIS, habitação ou benefícios do governo federal.

Uma demonstração das humilhações impostas a clientes de baixa renda foi vista na distribuição tumultuada do auxílio emergencial na pandemia, sob monopólio da Caixa, em sinal de uso político.

De positivo, diante dos percalços, mencione-se o anúncio de que a corregedoria do banco deixará de ser subordinada à sua presidência e passará a ser ligada ao conselho de administração —que reúne, entre outros membros, um representante dos empregados. A mudança procura contornar as hesitações de funcionários em buscar o órgão por receio de represálias.

Toda medida adotada com vistas a modernizar a Caixa merece, obviamente, ser saudada. A questão é saber até que ponto é possível transformar uma estatal vinculada ao Ministério da Economia, que é usada por governantes como cabide de emprego para apaniguados políticos e tem servido de abrigo para esquemas de corrupção. Não é aceitável que a sociedade continue a manter uma instituição pública com esse perfil.

Apreensão global

Com risco de recessão nos EUA e na Europa, Brasil terá de lidar com quadro de descontrole fiscal

Com a escalada da inflação e dos juros nos Estados Unidos e na Europa, num contexto de tensões geopolíticas em ascensão, crescem os riscos de uma recessão global. Em paralelo, há dúvidas sobre a atividade na China, que passa por um momento de desaceleração e crise no mercado imobiliário.

A combinação de fatores negativos nos três principais motores do mundo torna o cenário especialmente incerto. No tema inflacionário, as pressões se comparam às da década de 1970, ocasionadas por duas crises de oferta de petróleo.

No caso americano, que dá o tom para o mercado financeiro mundial, a inflação acumulada nos doze meses encerrados em junho chegou a 9,1%, resultado dos choques da pandemia e dos inéditos estímulos fiscais e monetários, que impulsionaram a demanda além da capacidade de produção.

Com o desemprego próximo das mínimas históricas nas duas regiões e altas dos salários acima da produtividade, tem-se pela primeira vez em décadas o risco de uma espiral inflacionária de difícil controle. Daí a resposta rápida, ainda que tardia, dos bancos centrais. Combater a inflação o quanto antes é crucial para evitar uma recessão mais profunda adiante.

Mas o processo não é indolor. Desde que o Fed iniciou o ciclo de aperto na política monetária, a expectativa para os juros disparou, de pouco mais de 1% para 3,5% no final de 2022, com forte queda dos mercados de títulos públicos, crédito privado e ações —uma perda de capital de US$ 20 trilhões.

No caso da China, as restrições de combate à pandemia levaram a um crescimento de apenas 0,4% no segundo trimestre e parece inalcançável a meta do governo de expandir o PIB em 5,5% neste ano.

Acumulam-se sinais de desaceleração do consumo e da atividade global. A despeito da guerra, os preços das commodities já começam a cair. As cotações de metais industriais e alimentos já recuaram para o patamar do início do ano e até o petróleo caiu sensivelmente, sinal de menor demanda global.

A combinação de temores recessivos e queda nos preços das commodities afugenta capital de países emergentes, inclusive o Brasil.

Neste quadro, o dano na credibilidade da política econômica ocasionado pela intervenção eleitoreira de Jair Bolsonaro poderia ter sido evitado. Os preços de combustíveis cairiam de qualquer forma, mas o país agora terá que lidar com o legado do descontrole fiscal.

A história por trás das histórias

Hélio Schwartsman

Qual é a história mais antiga do mundo? Não sabemos ao certo, mas há uma boa chance de que seja o relato de como um grande animal que era perseguido por caçadores acaba galgando aos céus, dando origem à constelação de Ursa Maior. Variantes do mito da Caçada Cósmica aparecem em várias tradições, tanto da Europa como da América do Norte, o que permite supor que a base da história já fosse repetida diante das fogueiras dos acampamentos antes mesmo de o homem atravessar a ligação terrestre que havia entre os continentes entre 28.000 e 13.000 a.C.

Essa história consta de "The Science of Storytelling" (a ciência de contar histórias), de Will Storr, que pretende ser um manual de composição literária para alunos de cursos de escrita criativa. Não sei se ele funciona muito bem para fabricar escritores, mas devo dizer que é uma obra cativante para quem apenas tenta entender o fascínio humano por mitos, histórias e até fofocas.

Storr foi atrás dos achados na neurociência e da psicologia que de alguma forma dizem respeito a nosso apetite pela ficção e com eles montou uma peça muito interessante, que articula todos esses conhecimentos e os ilustra com passagens de obras ecleticamente variadas, que incluem desde a Bíblia hebraica e Shakespeare até "Ms. Dalloway" e jogos de computador.

Uma coisa que pelo menos para mim é novidade é que, quando nos envolvemos com uma história, entramos num estado mental que os psicólogos chamam de "transporte pela narrativa", no qual nossas crenças, atitudes e intenções se tornam mais suscetíveis a serem alteradas.

Histórias seriam, assim, um veículo privilegiado de aprendizagem e persuasão. Isso não está no livro, mas é algo que, se confirmado, reforça a ideia de que nosso gosto por histórias seria uma adaptação biológica, não apenas um efeito colateral de outras adaptações. Nossa obsessão para com a ficção seria parte irredutível de nossa humanidade.

helio@uol.com.br

A arma da desordem

Bruno Boghosian

A comissão do Congresso americano que investiga a invasão do Capitólio reuniu provas de que o presidente Donald Trump escolheu deixar a violência correr solta naquele 6 de janeiro. O republicano assistiu ao ataque pela TV e se recusou a mandar aos apoiadores a mensagem de que a eleição estava encerrada.

O tumulto foi uma arma útil para Trump naquela investida contra o processo eleitoral. Com baixa adesão institucional, a insurreição permitiu ao americano criar incertezas sobre o futuro político do país. Agora, a expectativa de confusão é uma peça central dos preparativos de Jair Bolsonaro para questionar o resultado da votação de outubro no Brasil.

A desordem é uma condição tão importante para Bolsonaro quanto o apoio dos militares. Seria a maneira de encenar uma desconfiança generalizada sobre as eleições, simular apoio em massa a posições radicais e reivindicar alguma solução de seu interesse —ignorar o resultado das urnas para permanecer no poder ou negociar uma saída confortável do cargo, se o levante falhar.

É por isso que o presidente trabalha insistentemente para enfurecer seguidores com a falsa ideia de que existe uma conspiração para derrotá-lo com a urna eletrônica. Bolsonaro nunca disfarçou o que espera de seus apoiadores como resposta.

Um dia depois do ataque que matou cinco pessoas em Washington, o presidente brasileiro disse que "a mesma coisa" deve ocorrer por aqui. "Se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que nos Estados Unidos", ameaçou.

Caso o desejo se realize, o país sabe como o presidente vai agir. Flávio Bolsonaro indicou que o pai quer usar a violência a seu favor. "As pessoas acompanharam os problemas no sistema eleitoral americano, se indignaram e fizeram o que fizeram", disse ao jornal O Estado de S. Paulo. "A gente não tem controle sobre isso."

Trump não foi adiante porque ficou sem o apoio dos militares. Bolsonaro parece mais próximo de ter essa peça da máquina a seu lado.

E aquela do Millôr?

Ruy Castro

Se o Brasil de hoje é isso que estamos vendo, não foi por falta de aviso. Millôr Fernandes (1923-2012) levou grande parte do século 20 nos avisando. Exemplos?

"Deus projetou o Brasil como uma sala de estar. Mas os proprietários preferiram usá-lo como depósito de lixo." "Deus é brasileiro. Mas, para defender o Brasil de tanta corrupção, só escalando Deus no gol." "A voz do povo é a voz de Deus. Mas Deus, sempre que fala, manda o povo calar a boca." "O Brasil é uma empresa unifamiliar." "Brasil, país do futuro." "Brasília é a prova de que os países também se suicidam."

"O cavalo foi um elefante projetado pelo Planalto. Na hora do acabamento, sumiram vinte por cento." "O dinheiro da corrupção compra até caráter sem jaça." "Nossos corruptos são tão incompetentes que só conseguem roubar do governo. Se fossem ladrões na iniciativa privada, morreriam de fome."

"Afinal, o que mais falta nesse Congresso? Quorum ou dequorum?" "No Congresso Nacional, uma mão suja a outra."

"Não há bem que sempre dure. Nem mar que nunca se acabe." "Bons tempos em que o faroeste era nos Estados Unidos!" "Racista é um cara que nunca mandou examinar sua árvore genealógica." "Conciliação vem de 'cílios'. Conciliador é o cara que fecha os olhos. Não vê. Porque não quer ver." "Quem confunde liberdade de pensamento com liberdade é porque nunca pensou em nada."

"Só haverá democracia no dia em que tivermos voto a favor, voto contra e voto retroativo." "Aliás, por que não só o voto contra? O menos votado seria eleito." "O Brasil engoliu o gorila, mas deixou o rabo de fora." "Quando é que os milicos vão se convencer de que 'civilização' vem de civil?" "No Brasil, só há duas escolhas: desobediência civil ou obediência militar." "Uma maneira de acabar com as pretensões da caserna é pegar todos esses milicos metidos em política e convocá-los pro serviço militar obrigatório."

O saturado e o podre

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Em entrevista bem ponderada, um pastor evangélico fez raro diagnóstico de "apodrecimento da política e da religião". Há, de fato, um momento em que toda forma de poder, benigna ou maligna, começa a definhar. Para o primeiro tipo, o sociólogo russo Pitirim Sorokin, fundador do departamento de sociologia de Harvard, concebeu a hipótese da "saturação", ou seja, de esgotamento das possibilidades históricas de uma forma social. O segundo diz respeito às formas autocráticas, que atropelam a normalidade das instituições sociais.

É possível, assim, falar de saturação das formas canônicas da democracia representativa ou, noutro plano, de uma fórmula anteriormente consagrada da indústria cultural. A televisão e as revistas semanais coloridas fornecem um bom exemplo. Nas décadas de 1960 e 1970, as revistas prosperaram em termos de audiência e publicidade até a inevitável saturação frente aos atrativos da televisão que, por sua vez, também tenta hoje contornar com "remakes" de sucesso o enfartamento das telenovelas. Esse é um fenômeno razoavelmente normal, dentro do escopo teórico de Sorokin.

Agora, fala-se publicamente de algo além do mero saturado, que é o podre. A fala do pastor foi explícita, mas referências e adjetivos de formadores de opinião revelam ampla percepção do apodrecimento cognitivo nos comportamentos públicos, de que acaba de dar mostra à diplomacia estrangeira o presidente da República. Além disso, porém, é o próprio tecido coesivo de instituições, no âmbito da religião e da política. Basta ver a sanha autodestrutiva da elite política, que oscila entre o espúrio e o escatológico. Ou então, as "igrejas" que se multiplicam como vírus ou filiais de comércio umas das outras, ameaçando o máximo da renda mínima de legiões de incautos. É como se houvesse septicemia da dignidade pessoal e coletiva.

Numa perspectiva global, isso tudo é efeito da exaustão de instituições democráticas, em meio ao turbilhão mundial de mudanças. São diversos, porém, os níveis regionais do fenômeno. O que dá margem à "teoria da flor frágil", a ideia do sociólogo Anthony Giddens de que a democracia não pode crescer em terreno superficial, pois suas raízes dependem de solo profundo e de acumulação de cultura cívica. Seria o tipo de crescimento que Gramsci identificou como "ocidentalização" da sociedade civil, do qual se viram entre nós alguns sinais com o fim da ditadura militar.

Só que a política já saturada foi incapaz de perceber outro tipo de sedimentação, a do Mal, solo da atual variante "transgênica" entre o perverso e o asqueroso. Assim chegamos ao auge: não só as coisas, mas também um certo substrato humano está indo pelo ralo, além da saturação e apodrecendo a inferno aberto, como esgoto não tratado.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Sobre lobos, cordeiros e urnas

Fábula remete à inusitada situação do Brasil hoje

Ricardo Lewandowski

Ministro do Supremo Tribunal Federal e professor titular de Teoria do Estado da Faculdade de Direito da USP

As fábulas constituem um gênero literário, de cunho popular, disseminado de boca a boca por diferentes povos desde a mais remota antiguidade. Elas têm como personagens animais com características humanas, cujas ações refletem os defeitos e as virtudes das pessoas. Desde a origem, foram empregadas para criticar ricos e poderosos por meio de sátiras e alegorias, culminando, usualmente, com uma frase que encerra uma lição de moral.

Atribui-se a paternidade dessas narrativas ao escritor Esopo, que viveu na Grécia Antiga (620 a.C.-564 a.C.). Sua vasta obra serviu de inspiração, além de outros, ao ensaísta romano Fedro (20 a.C.-50 d.C.) e ao literato francês La Fontaine (1621-1695), que reescreveram, com traços estilísticos próprios, algumas das historietas do autor grego, dentre as quais uma das mais famosas, intitulada "O Lobo e o Cordeiro", grosso modo abaixo reproduzida.

Em um pequeno córrego, bebia água um lobo faminto, quando se aproximou mais abaixo um cordeiro, que também começou a beber. Com um olhar ameaçador e dentes arreganhados, o lobo grunhiu: "Como você ousa turvar a água on-de bebo?".

O cordeiro, humildemente, redarguiu. "Eu estou abaixo da correnteza e, por isso, não poderia sujar a sua água." O lobo, enraivecido, rosnou. "Seja como for, sei que você andou falando mal de mim no ano passado." O cordeiro, tremendo de medo, retrucou: "Não é possível, no ano passado, eu ainda não tinha nascido".

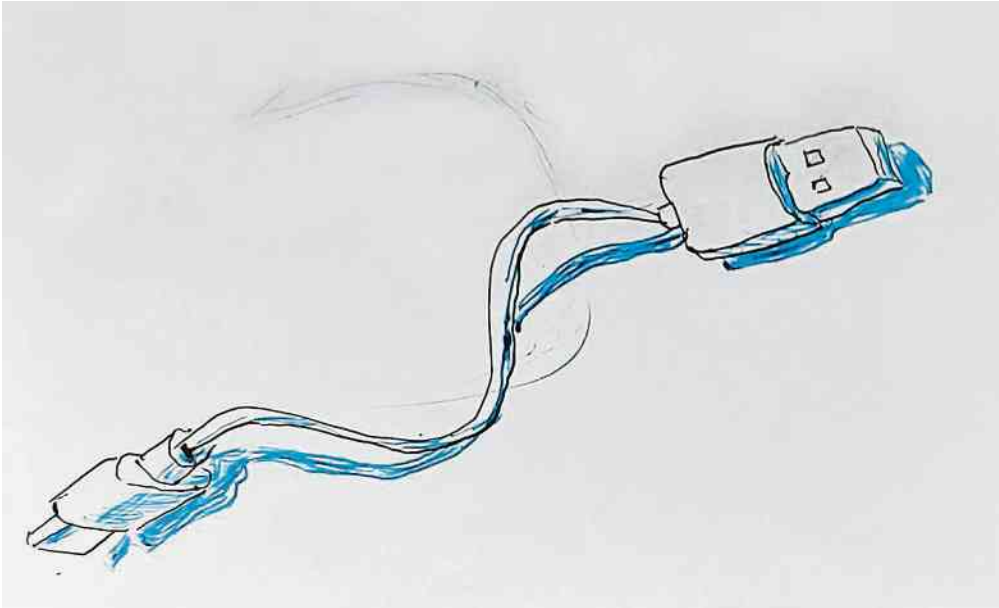
O lobo, pego de surpresa, replicou. "Se não foi você, foi seu irmão, o que dá no mesmo." Apavorado, o cordeiro defendeu-se, mais uma vez, retorquindo: "Eu não tenho irmão, sou filho único". Já salivando, o lobo rezingou: "Então, foi alguém que você conhece, um outro cordeiro, um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho".

E, saltando sobre ele, devorou-o. Moral da história: quem pretende usar a força não se sensibiliza com nenhum argumento.

Esta velha fábula remete-nos à inusitada situação vivida atualmente no Brasil, na qual agentes governamentais, secundados por integrantes de estamentos armados —ao que se sabe, minoritários— colocam em dúvida, mediante alegações completamente infundadas, a segurança das urnas eletrônicas, que há cerca de 25 anos captam e computam, sem maiores contestações, os votos dos eleitores brasileiros.

Quem acompanha essa polêmica, no mínimo farsesca, constata estupefato que, a cada refutação ofertada por juristas e técnicos em informática, os detratores de nosso processo eleitoral, respeitado pela grande maioria dos cidadãos brasileiros e admirado pela comunidade internacional, articulam renovadas cavilações para solapar a credibilidade do pleito que se avizinha, com a ameaça velada de rejeitar o seu resultado, caso os candidatos pelos quais externam despudorada preferência não se sagrem vencedores.

Ocorre que, desta feita, contrariando o epílogo da parábola esopiana, os lobos não levarão a melhor, por mais que elaborem sofismas e exibam as presas, pois os hoje mais de 150 milhões de brasileiros aptos a votar —os quais de cordeiros não têm nada—, escaldados pelos incontáveis retrocessos institucionais que maculam a crônica política nacional, certamente haverão de fazer prevalecer a sua vontade soberana.

A moral dessa nova narrativa talvez possa ser sintetizada na sempre oportuna advertência de Ulysses Guimarães: "Nosso povo cresceu, assumiu o seu destino, juntou-se em multidões, reclamou a restauração democrática, a justiça social e a dignidade do Estado".

Carvall

Democracia e ciência

Conhecimento rigoroso é essencial para o país

Renato Janine Ribeiro, Fernanda Sobral e Paulo Artaxo

Professor sênior de ética e filosofia política na USP, é presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência)

Professora emérita da UnB, é vice-presidente da SBPC

Professor sênior de física na USP, é vice-presidente da SBPC

Neste domingo (24/7), abre-se em Brasília, no campus da UnB, a 74ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que nos honra dirigir. Temos uma grande responsabilidade, dados os tempos difíceis que o Brasil atravessa, mas que havemos de superar, sim, todos unidos.

Reafirmamos, na 74ª encontro, nosso compromisso absoluto com a democracia, forjado na luta contra a ditadura, quando as reuniões anuais, do Norte ao Sul do Brasil, eram um momento de respiro e de articulação de projetos para um país democrático.

Nomes ilustres, entre eles dois futuros presidentes da República, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, abrilhantaram nossos encontros, na defesa do Estado de Direito, da democracia e da inclusão social.

Também lutamos, no período da Constituinte, para que ela redigisse uma Constituição Cidadã, que não só restabeleceu o Estado de Direito e as garantias democráticas, como desenhou o que o Brasil quer ser: um país pacífico, justo, próspero, solidário e sem pobreza ou preconceitos.

Além disso, definiu vários meios para chegar a esta meta, como o fortalecimento da educação básica, o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica, essencialmente na pós-graduação, a cultura, a saúde, a proteção do meio ambiente e dos indígenas e a inclusão social.

Recentemente, a SBPC lutou pela emenda constitucional 85, que fortalece o papel da ciência no desenvolvimento econômico e social. Nos últimos anos se tem batido para restabelecer e aprimorar nossa educação, pesquisa e demais áreas já mencionadas, gravemente prejudicadas nesse período por políticas de cortes, censura e desmonte das instituições.

Mas o principal é o que vamos mostrar. Tendo como tema "Ciência, Independência e Soberania Nacional", discutiremos como aqui chegamos e os meios de melhorar o Brasil. Como pode o conhecimento rigoroso resolver problemas legados por séculos de discriminação, décadas de poluição, agravados por políticas de governo insensatas?

Da Batalha do Jenipapo, visitando a história do Grão-Pará, discutindo o legado dos cem anos da Semana de Arte Moderna, até o debate das políticas indigenistas e das consequências da devastação do meio ambiente, mostraremos como a democracia, nosso maior compromisso, é o pilar da construção de políticas de Estado que levem o Brasil à autêntica soberania e independência, e, portanto, tem que ser preservada e melhorada.

Também comemoraremos os 60 anos da UnB, instituição que nos recebe, nascida do ideário de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira.

As exposições da 74ª reunião anual mostrarão as faces da ciência dos últimos 200 anos, com destaque para o naturalista Fritz Muller. Vamos contar a história e a importância das urnas eletrônicas, foco do debate político atual e produto do avanço científico e tecnológico brasileiro, em debates, livro e exposição. Falaremos da pandemia e de seus impactos na fome e na educação.

Como fazemos há quase 30 anos, com a SBPC Jovem, a Expot&C e a SBPC Família que fecha a reunião, mostraremos aos jovens e suas famílias como a ciência permeia e melhora nossas vidas.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

7 de Setembro

"Lula sugere não medir forças com bolsonaristas no 7 de Setembro" (Política, 23/7). E assim os 200 anos da Independência também vão virar arruaça. Trazem de Portugal o coração de D. Pedro 1º só para lhe causar um infarto póstumo.
Mario Luiz Frungillo (São Paulo, SP)

*

Lula está certo. Está tranquilo na liderança e não deve aceitar provocações. Deixem os cães raivosos espumarem no dia 7 de setembro.
Paulo Cezar Souza (Porto Velho, RO)

Debate violento

"Violência e criminalidade disparam no debate eleitoral das redes" (Política, 23/7). Nenhum dos dois candidatos está querendo discutir os reais problemas do país. São ambos populistas que já se envolveram com corrupção e crimes. Todos sabem disso. Até os fanáticos passadores de pano de cada lado.
Antonio Araújo (Salvador, BA)

TSE

"TSE não inabilita Bolsonaro porque não quer" (Hélio Schwartsman, 22/7). Tudo que Bolsonaro quer é que a Justiça o torne inelegível, sabe que não terá nenhuma chance de vitória. O Brasil não pode cair nessa cilada. Bolsonaro tem de cair com o voto do eleitor para que o país possa reencontrar a paz.
Gil Almeida (São Carlos, SP)

Exército

"Exército cancela certificado de registro de CAC de membro do PCC" (Cotidiano, 22/7). Que Exército que temos! Se não saísse a denúncia da liberação das autorizações, ficaria na surdina. Exército a serviço do governo e não do Estado. Defesa? Para quem?
Waldir Roque Maffei (Farroupilha, RS)

R$ 27 bilhões

"Governo libera R$ 27 bi para elevar Auxílio Brasil, Auxílio Gás e compra de alimentos" (Economia, 22/7). Parabéns ao governo brasileiro, parabéns aos nossos parlamentares que tomaram as medidas corretas e sensatas, pois o mundo ainda sofre com os efeitos terríveis desta pandemia mundial que ainda mata, mais essa terrível guerra. Tais situações empobreceram pessoas em todo o mundo, e brasileiros afetados não podem ficar em casa sem dinheiro e com fome porque é ano eleitoral.
Lidia F. Costa (Rio de Janeiro, RJ)

Os cúmplices

Em textos distintos da página A2 (Editorial e Ruy Castro, 22/7), a **Folha** aponta três cúmplices dos desvios presidenciais desse desgoverno: Arthur Lira, Ciro Nogueira e Augusto Aras. A história lhes cobrará as omissões e os crimes de responsabilidade nos pedidos de impeachment e no orçamento secreto.
Jonas Nilson da Matta (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 15 a 22.jul - Total de comentários: 18.852

Comentários	Tema
625	Bolsonaro repete teorias da conspiração e ataca urnas, STF e TSE a embaixadores (Política) 18.jul
487	Assassinato de petista em Foz do Iguaçu teve motivo torpe, conclui polícia (Política) 15.jul
467	Presidente golpista (Opinião) 19.jul

ASSUNTO COMO A POLÍTICA TEM AFETADO SUA SAÚDE MENTAL E SUAS RELAÇÕES PESSOAIS?

Relações se romperam, outras estremeceram. No núcleo familiar isso é particularmente desgastante, pois não é possível evitar contato. Pessoas próximas compraram armas. Se radicalizaram. A dor emocional, a ansiedade e a melancolia aumentaram drasticamente.
Evandro Botteon (Campinas, SP)

*

O desgaste aumenta a cada dia com tanta desfaçatez do governo. Um descaso total com o menos favorecido, dizendo-se cristão enquanto incentiva uma violência gratuita. Minha família está cega para tudo isso, como conformar-me?
Claudia Alvarenga (São Paulo, SP)

*

Não consigo aceitar que pessoas como meu pai possam apoiar um golpe de Estado mesmo que isso signifique que eu mude de país. Isso me deixa arrasado, pois sinto que as conspirações em que ele acredita tomaram um lugar mais importante que a paz e harmonia social. Para ele e seus amigos, vale tudo para exterminar "a esquerda".
Bruno Camargo (Cotia, SP)

*

Desenvolvi um quadro de ansiedade generalizada associada a ataques de pânico. Estou inclinado a não trabalhar como mesário, pois nada me tira da cabeça que bolsonaristas invadirão as seções eleitorais e abrirão fogo contra os mesários.
Verlan Neto (Juiz de Fora, MG)

*

Meu isolamento aumentou, bem como a desmotivação para a vida social. Saí de grupos de WhatsApp da família e deixei de participar em outros. Evito algumas pessoas e algumas conversas.
Milton dos Santos (São Paulo, SP)

*

Evito ficar sempre criticando o presidente, pois faz muito mal à saúde. A energia dele é ruim, mordaz, negativa, te joga pra baixo.
Claudio B. Guerra (Belo Horizonte, MG)

*

Não somos educados para respeitar quem pensa diferentes de nós. Esse quadro piorou muito nos últimos anos. Adoto um comportamento preventivo. Não converso sobre política com qualquer pessoa e nem em qualquer lugar.
José A Pitico da Silva (Juiz de Fora, MG)

*

Evitar pessoas e lugares tem sido um refúgio aos antagonismos. A leitura é uma grande aliada.
Paulo H M da Silveira (Recife, PE)

*

Cortei relações com bolsonaristas e "isentos". Já me bastam os da minha família.
Caroline Chang (São Paulo, SP)

*

Tenho me sentido intranquila, preocupada com uma possível ação do governo para inviabilizar o pleito.
Tânia Galluzzi (São Paulo, SP)

*

A política tem me afetado muito, me dá medo e angústia. Até saí das redes sociais. Evito o assunto.
Larissa Almeida Neres (São Paulo, SP)

*

O desconforto com membros de minha família me fez questionar o amor intacto que existia entre nós, e percebo uma imensa tristeza desde 2018, algo que nunca experimentei antes. Uma mistura de raiva com tristeza. Combinação bem confusa!
Fabio Porto (Brighton, Inglaterra)

*

A política não me afeta emocionalmente, o que me afeta são os desmandos, as perdas de vidas, de direitos, de liberdade, os ataques à democracia.
Odete dos Santos (São Paulo, SP)

*

Meus pais são ultrabolsonaristas. Tenho vontade de me afastar, mas são meus pais. Se fizesse isso, o ódio realmente teria vencido.
Marcelo Moretti Fioroni (São Paulo, SP)

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Big Bang

Um eventual governo Lula (PT) deve expandir o número de ministérios, incluindo a volta de pastas extintas após a saída do PT do governo. "Lula já falou que vai recriar o Ministério das Mulheres, do Combate ao Racismo, da Cultura, e criar o dos Indígenas", diz o deputado Alexandre Padilha (PT-SP). Outra novidade será no perfil demográfico da equipe. "Vai ter muito mais mulheres, negros e negras nos ministérios. A fotografia da equipe de 2023 será diferente da de 2003", afirma Padilha.

CRESCEI Integrantes da campanha apostam ainda que Lula vai reviver Desenvolvimento e Desenvolvimento Agrário, além de cindir Fazenda e Planejamento. Também pode haver um ministério para o combate à fome, tema que foi alçado a prioridade pelo petista. Lula chegou a ter 39 pastas, enquanto Bolsonaro conta atualmente com 23.

VIP Depois de uma convenção protocolar do PT, sem a participação de Lula, o PSB fará a sua com pompa e circunstância, no dia 29. Participarão, além do petista e seu vice, Geraldo Alckmin, os presidentes dos partidos coligados e suas principais lideranças. A previsão é de um público de cerca de 250 pessoas.

PARCIMÔNIA Candidata ao governo de Pernambuco, Marília Arraes (Solidariedade) buscará calibrar os ataques ao PSB, que controla o estado, para não provocar um rompimento total. Sua campanha avalia que há grandes chances de as duas forças políticas estarem juntas no segundo turno.

CRITÉRIO "Nossa maior preocupação aqui é enfrentar o fascismo, representado pelos candidatos apoiados pelo bolsonarismo", diz o publicitário da campanha, Edson Barbosa. Ex-petista, ela tem irritado seu antigo partido, que apoia Danilo Cabral (PSB), por buscar se associar a Lula.

ACENO Provável vice na chapa de Luciano Bivar (União Brasil), a senadora Soraya Thronicke (MS) apresentará projeto obrigando presos que agrediram mulheres a serem transferidos para outros estados. A inspiração vem do caso de Bárbara Penna, que teve o corpo incendiado no RS pelo então companheiro em 2013 e continuou a receber ameaças dele.

CASCALHO Líderes do União Brasil afirmam que a sigla está disposta a ajudar financeiramente uma eventual campanha de Edson Aparecido (MDB) para o Senado por SP. Seria uma estratégia para ajudar a convencer os emedebistas a abrirem mão de indicar o vice de Rodrigo Garcia (PSDB).

TIO PATINHAS Para o União, que colocou em ata o apoio a Garcia na sua convenção, dinheiro não é problema. A legenda calcula ter R$ 1 bilhão em recursos para gastar na eleição, entre fundos partidário e eleitoral.

SILÊNCIO Indicado do Chile para ser embaixador em Brasília, Sebastián Depolo completa neste domingo (24) 112 dias na geladeira do Itamaraty. O Ministério ainda não se manifestou sobre o agrément, a aceitação da nomeação. Depolo é uma das lideranças que participaram da ascensão do esquerdista Gabriel Boric à Presidência.

IMPASSE No passado, ele fez críticas a Jair Bolsonaro, chamando sua eleição de "início do fascismo". Enquanto o imbróglio não se resolve, o Chile permanece sem embaixador. O país, no entanto, não cogita retirar a nomeação. Procurados, o Ministério das Relações Exteriores do Chile e o Itamaraty não comentaram.

PÉRIPLO A agenda da comitiva de entidades brasileiras que irão aos EUA na semana que vem falar sobre risco de golpe no Brasil com autoridades inclui conversas com representantes da OEA (Organização dos Estados Americanos).

JUÍZES A entidade, que representa os países do continente, foi credenciada como observadora da eleição brasileira e emitirá um parecer sobre a lisura do processo eleitoral e do resultado apresentado pelas urnas eletrônicas.

SAGRADO Tradutor de Libras (língua brasileira de sinais) de Bolsonaro durante dois anos e meio, Fabiano Guimarães, 42, vai ser candidato a deputado federal no DF pelo Republicanos. Ele defende que inclusão e conservadorismo são temas ligados, desde a Bíblia.

SLOGAN "Essa relação vem dos primórdios da religião, quando o Cristo reabilitou e trouxe de volta à sociedade os deficientes", diz ele, que se aproximou no Palácio do Planalto de Michelle Bolsonaro, fluente na língua usada por surdos e mudos. "Sou Deus, pátria, família e liberdade, como Bolsonaro", afirma.

LIMPO O ministro das Comunicações, Fábio Faria, comemorou o início da operação do 5G no Brasil. A principal preocupação era interferência do sinal com parabólicas, o que não ocorreu. A previsão é que até o final de julho o sinal esteja disponível para 80% do Distrito Federal. A partir daí, chegará às demais capitais e cidades com mais de 500 mil habitantes.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

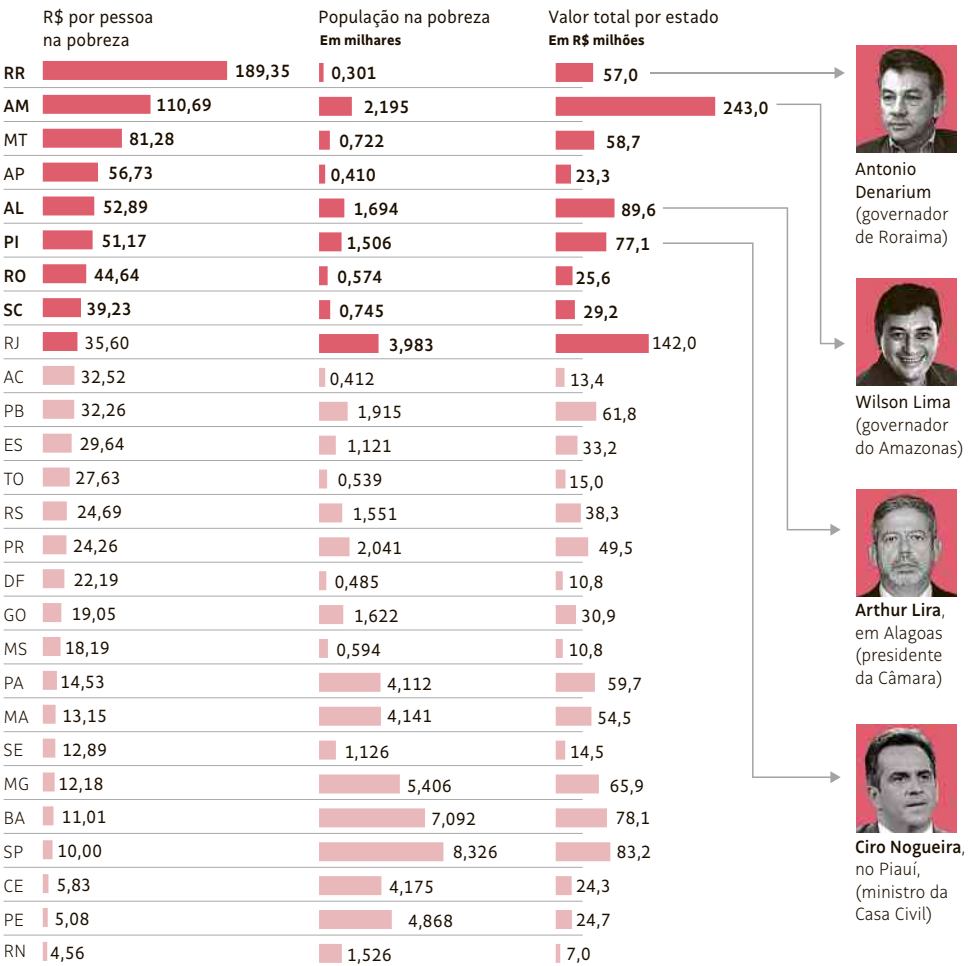
EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
352.428 exemplares (junho de 2022)

Estados de aliados ao governo recebem mais dinheiro de emendas da área social

Repasse de verba desconsidera taxa de probreza, veja o ranking

Fontes: Congresso Nacional, IBGE e FGV Social

Emendas para área social privilegiam aliados e ignoram taxa de pobreza

AL e PI foram abastecidos por pedidos ligados à base de Bolsonaro; CE, PE e RN estão entre os estados que menos receberam recursos

Lucas Marchesini e Thiago Resende

BRASÍLIA A distribuição das emendas parlamentares para a área social tem privilegiado estados aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) e não segue um critério de pobreza. A assimetria na divisão das emendas de relator no ano eleitoral é mais evidente no Nordeste, região onde ficam as dez cidades mais pobres do país.

Dos 5 estados que mais receberam recursos por habitante em 2022, apenas 2 são da região: Alagoas, reduto do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), e Piauí, do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP). Outros estados, como Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, que também estão entre os mais pobres do país, ficaram no fim da lista de beneficiados —atrás, até mesmo, dos três da região Sul.

As comparações levam em consideração o número de habitantes em cada local. Esses cinco estados do Nordeste são governados por desafetos de Bolsonaro, inclusive Alagoas e Piauí. Mas o dinheiro enviado a esses dois estados foi apadrinhado por aliados de Lira e Ciro Nogueira.

As emendas via Ministério da Cidadania foram destinadas principalmente para reformas e obras em locais de atendimento à população de baixa renda ou compra de equipamentos para esses centros, além de recursos para esporte e agricultura familiar.

Duas cidades do Nordeste podem ser usadas como exemplo da distorção: Roteiro (AL) e Cacimbas (PB). Elas são as duas mais pobres do país, de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, que utiliza dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Roteiro entrou na lista das emendas. Cacimbas, não. A liberação da verba para a cidade alagoana foi pedida por um secretário do prefeito Alysson Reis. O valor é de R$ 336,5 mil.

Parlamentares governistas e próximos à cúpula do Legislativo têm usado uma brecha nas regras para destinar emendas a suas bases sem revelar o padrinho político do recurso. Para isso, elas são registradas por um usuário externo, que pode ser qualquer pessoa.

Responsável pela liberação das emendas, o relator do Orçamento, Hugo Leal (PSD-RJ), disse à **Folha** que quer divulgar, após as eleições, uma lista com o parlamentar responsável pelo apadrinhamento de todos os recursos, o que incluiria mostrar quem está por trás dos usuários externos. O prefeito Alysson Reis também é do PP e é próximo de Lira.

"Arthur tem sido um gigante na nossa gestão e tem nos ajudado a evoluir e avançar cada vez mais com serviços prestados na nossa cidade, como saneamento, calçamento, máquinas, poços artesianos, como emendas para nossa saúde", disse o prefeito em vídeo gravado em março deste ano.

A emenda destinada a Roteiro tem o objetivo de mitigar danos das chuvas e enchentes. A tabela com recursos liberados pelas emendas de relator deste ano não indica outras cidades no Nordeste atendidas por causa das chuvas.

Cacimbas entrou em estado de emergência no ano passado e em abril de 2022. O motivo foi a estiagem, mas a cidade não foi beneficiada com recursos para a área social. O prefeito Nilton de Almeida (PSDB) defende a reeleição

Arthur [Lira] tem sido um gigante na nossa gestão e tem nos ajudado a evoluir e avançar cada vez mais com serviços prestados na nossa cidade, como saneamento, calçamento, máquinas, poços artesianos, como emendas para nossa saúde

Alysson Reis (PP)
prefeito de Roteiro sobre o presidente da Câmara

do governador João Azevêdo (PSB), desafeto de Bolsonaro.

Alagoas ficou no topo da lista de destino de recursos da área social por intermédio de outros aliados do governo. Entre os padrinhos das emendas estão o deputado Marx Beltrão (PP), o senador Fernando Collor (PTB), que é próximo de Bolsonaro, e Rodrigo Cunha (União Brasil), que se licenciou do Senado para concorrer ao governo —e tem apoio de Lira.

As emendas de relator somam R$ 16,5 bilhões no Orçamento e são hoje o principal mecanismo para garantir apoio para Bolsonaro no Legislativo. A distribuição dessas emendas depende de acordos.

A emenda de relator é um tipo de recurso que foi incluído no Orçamento de 2020 pelo Congresso, que passou a ter controle de quase o dobro da verba de anos anteriores.

Os estados que mais receberam verba social por habitante, Amazonas e Roraima, são governados por políticos alinhados a Bolsonaro.

Em Roraima, depois de Boa Vista, a campeã de emendas foi Iracema, que tem cerca de 10 mil habitantes e recebeu R$ 8,5 milhões. Há um Cras (Centro de Referência de Assistência Social) na cidade, mas R$ 2 milhões do total de emendas foram enviados para construir um novo Cras.

De acordo com pessoas que trabalham no Cras já existente, um novo estabelecimento é desnecessário.

O Piauí também recebeu mais que a média de outros estados. Cidades foram abastecidas por emendas de pessoas próximas a Ciro Nogueira.

Procurados pela **Folha**, o Ministério da Cidadania e as prefeituras de Campo Maior, Iracema e Roteiro não responderam aos questionamentos.

Violência dispara como tema eleitoral na rede

Corrupção perde espaço em discussões ligadas aos presidenciáveis nas plataformas digitais, segundo estudo da FGV

Renata Galf e Paula Soprana

SÃO PAULO As menções a assuntos relacionados a violência e criminalidade dispararam no debate eleitoral no Twitter e no Facebook. Já a corrupção, central em 2018, tem perdido espaço.

É o que mostra relatório da FGV DAPP (Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas) que analisa as conversas sobre segurança nas menções às eleições e aos presidenciáveis.

De 1º de janeiro a 18 de julho de 2022, foram identificadas pouco mais de 14 milhões de menções sobre violência e criminalidade, frente a 6 milhões sobre corrupção no Twitter.

Também há um aumento da associação dos dois favoritos nas pesquisas, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) ao tema, especialmente a partir de junho, passando de cerca de 10% para 20%.

O estudo da FGV busca identificar, primeiro, o tamanho e o discurso dos campos políticos sobre esse assunto no Twitter. Analisa a evolução de menções a subtemas de segurança (como crimes eleitorais, violência e políticas públicas) e, por fim, a associação dos presidenciáveis com o debate.

Parte dessa alta no debate sobre criminalidade vem de episódios como os assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips e a morte do guarda municipal e militante petista Marcelo de Arruda pelo policial penal bolsonarista Jorge José da Rocha Guaranho.

Outro fator para o crescimento, aponta o estudo, é uma movimentação de grupos bolsonaristas para substituir críticas de corrupção a Lula por associação do PT ao crime organizado, como o PCC.

De acordo com Marco Ruediger, diretor da área de políticas públicas da FGV, além da pauta de violência e criminalidade, outro debate central é a economia. "Historicamente, são os dois grandes debates que vão se revezando em primeiro e segundo lugar", diz.

"O que ocorre é que a direita tem investido muito nisso, porque perdeu a bandeira da questão da corrupção. Não consegue mais impor isso como uma temática, visto que também houve uma série de derrapadas do governo atual."

Em janeiro, o percentual das menções ao tema associadas a Lula era de 8,1%. Em junho, o petista ultrapassa Bolsonaro e passa a representar 17% das associações e, no período mais recente da análise, 21,4%.

Até maio, Bolsonaro tinha maior nível de associação. O presidente passou de 12% em janeiro para 14,9% em junho e, em julho, chegou a 20,1%.

Até maio, quando Bolsonaro tinha maior associação ao debate de violência do que Lula, as publicações eram relacionadas a milícias, mortes por Covid-19, crimes de prevaricação e corrupção e declarações favoráveis ao armamento.

Em junho, ele passa a ser associado aos assassinatos no Amazonas e em Foz do Iguaçu.

Plataformas precisam definir se papel na eleição será de inércia ou combate

ANÁLISE

A três meses da eleição, as redes sociais precisam definir se serão proativas ou inertes em relação à moderação de mentiras difundidas sobre as urnas eletrônicas, em especial por figuras públicas.

É consensual que houve avanço nas políticas e no diálogo das empresas com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) nos últimos anos, mas ainda é difícil calcular a efetividade do cumprimento das diretrizes impostas pelas próprias empresas para o enfrentamento da desinformação em suas plataformas.

A última semana dá um exemplo concreto disso.

O YouTube, que tem uma das políticas mais específicas contra conteúdos que alegam fraude na eleição de 2018, deletou na segunda-feira (18) uma live do presidente Jair Bolsonaro (PL) de um ano atrás. Era uma transmissão em que o chefe de Estado trazia "indícios de fraude", nada comprovado.

No mesmo dia em que o YouTube derrubou a live, o presidente fez um discurso parecido, desta vez a dezenas de embaixadores no Alvorada. Mudou um pouco o pacote de teorias conspiratórias e baixou o tom da fala.

Excluiu do repertório a tese que haveria fraude baseada na diferença percentual ao longo da apuração dos votos, mas inovou ao afirmar que o TSE sugeriu que houve "manipulação dos dados em 2018", o que não aconteceu.

O YouTube avaliou o conteúdo e decidiu mantê-lo no ar.

Desde março, a empresa proíbe "conteúdo com alegações falsas de que fraudes, erros ou problemas técnicos generalizados ocorreram em eleições nacionais certificadas anteriores". Isso vale para menções à eleição de 2018.

A diretriz pode parecer genérica, e é por vários motivos. Se as redes sociais forem ultraespecíficas em seus termos, passam a exigir um controle interno extremo para que todo discurso político seja avaliado. Isso abre precedente para a censura prévia, já que a primeira análise é feita por inteligência artificial, não por humanos.

No caso do YouTube, não bastaria monitorar títulos e transcrições, mas o conteúdo do áudio de bilhões de vídeos. Uma diretriz específica também daria o caminho das pedras a quem pretendesse infringir as regras.

Mesmo que o ministro Alexandre de Moraes determine que não há ligação entre Lula e PCC, é possível fazer um título cifrado para relacionar os temas e não ser fisgado.

Mas o que levou a plataforma a derrubar um vídeo do presidente e manter o outro, com argumentos quase iguais? A resposta oficial é que um violou sua política e o outro, não. Um deu alegações falsas de fraude em 2018 e o outro, não.

Aos olhos do público, ambos são parecidos e têm o mesmo objetivo de tumultuar o pleito sob o argumento de buscar "eleições limpas".

Embora a resposta da plataforma do Google seja de que apenas um dos vídeos feriu sua política, só a empresa sabe que frase levou ao banimento. Assim como o algoritmo é um segredo industrial, os critérios de moderação também parecem ser.

Talvez Bolsonaro tenha sido mais incisivo na live de um ano atrás. Talvez tenha feito mais insinuações na deste ano. Talvez saiba que não pode falar explicitamente em fraude porque sua fala sairá do ar. Talvez o YouTube não queira tomar sozinho a decisão política de derrubar uma transmissão e munir a conspiração de que big techs participam de um complô mundial contra a direita.

Não há uma resposta clara e pública. Com a emissão de comunicados vagos, as plataformas se colocam justamente na posição que evitam, de decidirem sozinhas, sem escrutínio da sociedade civil ou da imprensa.

A live a embaixadores também foi publicada no perfil do presidente no Facebook. A rede social incluiu um botão que direciona o usuário para a página do TSE. É uma medida que permite quantificar a efetividade, já que os acessos do site da Justiça Eleitoral costumam subir com esse tipo de ação.

Mas, se o objetivo fosse conter desinformação, tão importante quanto contextualizar a mentira seria frear seu compartilhamento.

O Marco Civil da Internet determina que as redes sociais são obrigadas a retirar conteúdo somente sob ordem judicial, e num prazo de 24 horas. Como empresas, entretanto, elas têm autonomia para fazer uma moderação espontânea, por isso criam suas políticas internas.

A três meses da eleição, a última semana mostrou que será preciso balizar mais uma vez: qual é o tempo razoável para moderar um discurso golpista que também fere uma política empresarial? Se o combate à desinformação contra as urnas é tão importante quanto a liberdade de expressão, é preciso melhorar a prestação de contas. **Paula Soprana**

[...]

Assim como o algoritmo é um segredo industrial, os critérios de moderação também parecem ser

COMO CHEGAMOS AQUI?

Nenhum dos presidentes do Brasil desde o fim da ditadura testou tanto os limites impostos ao exercício dos seus poderes como Jair Bolsonaro, e nenhum encontrou tantos obstáculos. Suas ações acirraram tensões entre os Poderes e provocaram retrocessos, mas seu desempenho pode ser considerado decepcionante se comparado com o de antecessores. Sem apoio sólido no Congresso, viu sua agenda naufragar no Legislativo ou ser barrada no STF. Mas o acordo com o centrão o ajudou a se livrar do impeachment. Este é o primeiro de uma série de três textos que buscam explicar como as instituições democráticas funcionaram no governo Bolsonaro.

FOLHA EXPLICA/BOLSONARO E O EXECUTIVO

Bolsonaro acirrou tensões em vez de buscar compromissos para governar

Centrão ofertou proteção contra impeachment, mas não avanço de agenda no Congresso

O presidente Jair Bolsonaro (PL) Pedro Ladeira - 6.jul.22/Folhapress

O desempenho de Bolsonaro como presidente

Bolsonaro foi o presidente que menor êxito alcançou com suas **iniciativas no Congresso** desde a redemocratização do país

Taxa de sucesso, em %*

*Os cálculos consideram projetos de lei e medidas provisórias enviadas pelo presidente e transformados em lei durante seu governo, sem contar projetos de lei sobre matéria orçamentária, que são de iniciativa exclusiva do Executivo e raramente são rejeitados | **Até 2021 | Fonte: Cálculos de Danilo Medeiros, com informações do Banco de Dados Legislativos do Cebrap

Bolsonaro foi o presidente que mais vetos assinou ao sancionar leis aprovadas pelo Legislativo, e o que mais teve **vetos derrubados**

*Somados vetos parciais e totais, até jun.2022 | Fonte: Cálculos de Pedro Henrique Reis Pereira, com informações do Banco de Dados Legislativos do Cebrap

Ações movidas contra atos do governo receberam **resposta rápida no STF**, especialmente no primeiro ano da pandemia

Dias até a primeira decisão, em média

Fonte: "Supremocracia e infralegalismo autoritário", de Oscar Vilhena Vieira, Rubens Glezer e Ana Laura Barbosa, da FGV Direito SP

Bolsonaro usou bem os instrumentos que o chefe do Executivo tem para governar e promover políticas de seu interesse? Não. Ao contrário do que fizeram seus antecessores, Bolsonaro decidiu não montar uma coalizão partidária que lhe assegurasse maioria no Congresso para aprovar projetos e mudar leis. Ele alegou que não pretendia negociar cargos e verbas em troca de apoio como no passado.

Por que ele precisaria fazer isso? Quando Bolsonaro tomou posse como presidente, o Congresso estava muito fragmentado, sem nenhuma força política dominante. Seu partido, o antigo PSL, tinha uma das maiores bancadas na Câmara dos Deputados, mas era minoritário e só teria maioria aliando-se com outras siglas.

Bolsonaro deixou o PSL antes de completar o primeiro ano no cargo e filiou-se a outra legenda, o PL, somente no fim do ano passado, para concorrer à reeleição agora. O PSL fundiu-se com o antigo DEM para formar a União Brasil, que hoje tem a quarta maior bancada.

Na corrida presidencial, Bolsonaro e o PL deverão ter o apoio do PP e dos Republicanos. As três siglas reúnem hoje 175 dos 513 deputados federais. Com um terço dos votos no plenário, o bloco é minoritário. Atualmente, há 23 partidos com representação na Câmara.

Mas Bolsonaro não fez um acordo com o centrão? Sim. Em 2021, após a eleição de Arthur Lira (PP-AL) para a presidência da Câmara, Bolsonaro nomeou o senador Ciro Nogueira (PP-PI) como ministro da Casa Civil e entregou aos novos aliados o controle de vários órgãos com verbas disponíveis para obras em estados e municípios.

Além disso, Bolsonaro permitiu que a cúpula do Congresso assumisse controle quase total sobre a distribuição de recursos reservados pelo Orçamento para emendas parlamentares, que são usadas pelos políticos para beneficiar seus redutos eleitorais, com pouca transparência.

O principal objetivo de Bolsonaro foi garantir proteção contra o risco de um processo de impeachment.

Como presidente da Câmara, Lira barrou mais de uma centena de denúncias apresentadas contra Bolsonaro por crimes de responsabilidade, a maioria durante a pandemia.

O Congresso impediu Bolsonaro de governar? Não. Antes do acerto com o centrão, a falta de articulação política do governo com os líderes partidários barrou várias iniciativas.

Mas uma ampla reforma da Previdência foi aprovada em 2019. Coube ao então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (PSDB-RJ), liderar as negociações.

Propostas ambiciosas formuladas pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, incluindo uma reforma tributária, novas regras para o funcionalismo e uma emenda constitucional que permitiria reduzir gastos sociais obrigatórios não avançaram e acabaram abandonadas pelo próprio governo.

"Bolsonaro é um presidente inepto que usa mal as prerrogativas que tem", afirma a cientista política Argelina Figueiredo, professora da Universidade Estadual do Rio. "Uma coalizão minoritária, sem liderança do presidente, é incapaz de promover uma agenda consistente."

A taxa de sucesso de Bolsonaro no Legislativo é muito baixa. Dados compilados pelo Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) mostram que somente 37% de suas propostas foram aprovadas, contando medidas provisórias e projetos de lei apresentados pelo Executivo.

Por esse critério, o desempenho de Bolsonaro é pior do que o da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em seu segundo mandato, abreviado por uma profunda crise política que levou ao seu impeachment, ou o de Michel Temer (MDB), o presidente mais impopular da história recente.

Em três anos e meio de governo, Bolsonaro usou seus poderes para impor 224 vetos ao sancionar leis aprovadas pelo Legislativo, um recorde desde a redemocratização.

Mas o Congresso derrubou 33% dos vetos, taxa de rejeição maior do que a encontrada pelos outros mandatários.

O que ele conseguiu fazer no Congresso? No início da pandemia, medidas importantes para o enfrentamento da Covid foram tomadas por iniciativa dos parlamentares, como a ampliação do auxílio emergencial concedido a pessoas economicamente vulneráveis e o socorro financeiro a estados e municípios.

Após o acordo com o centrão, várias propostas de interesse do governo foram aprovadas, como a autonomia do Banco Central, a privatização da Eletrobras, o Auxílio Brasil e projetos que permitiram ampliar gastos e criar novos benefícios sociais às vésperas das eleições deste ano.

A emenda constitucional que declarou estado de emergência por causa dos preços dos combustíveis, o que permitiu remover barreiras legais para a criação dos benefícios temporários, foi aprovada pelas duas Casas do Congresso em duas semanas, com o apoio de ampla maioria.

Propostas pelas quais a direita bolsonarista se mobilizou nunca tiveram apoio suficiente para avançar no Congresso, como o voto impresso e o projeto que reduzia a idade de aposentadoria dos ministros do STF para abrir vagas que Bolsonaro pudesse preencher.

Poderia ter sido diferente? Estimativa baseada em pesquisas conduzidas com parlamentares por César Zucco, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), e Timothy Power, da Universidade de Oxford, indica que 55% das cadeiras da Câmara são ocupadas por partidos que se identificam com a direita.

Para o cientista político Fernando Limongi, da FGV, isso significa que Bolsonaro teria conseguido formar facilmente uma coalizão majoritária para promover sua agenda no Legislativo se tivesse optado por esse caminho, que poderia ter assegurado maior estabilidade a seu governo.

O STF impediu Bolsonaro de governar? Não, mas os ministros do tribunal barraram medidas que julgaram ilegais. Isso ocorreu principalmente no primeiro ano da pandemia, quando o presidente procurou minar esforços de estados e municípios no combate ao coronavírus, opondo-se a medidas de isolamento social.

Segundo levantamento de um grupo de pesquisadores liderado por Oscar Vilhena Vieira, professor da FGV Direito SP e colunista da **Folha**, foram ajuizadas 114 ações contra atos do governo no STF em 2020, mais do que o dobro do ano anterior. A maioria teve resposta rápida da corte.

A principal decisão do Supremo foi a que impediu Bolsonaro de interferir nas ações de estados e municípios, ao declarar que eles tinham autonomia para tomar medidas contra a Covid. Nada impedia que Bolsonaro tentasse coordenar suas ações, mas o presidente nunca o fez.

Outras decisões impediram a veiculação de uma campanha publicitária do governo contra o isolamento social na quarentena, obrigaram o governo a divulgar dados epidemiológicos e cobraram a definição de políticas para indígenas e quilombolas e planos para a vacinação.

Atos de Bolsonaro em outras áreas também foram barrados. O STF suspendeu três portarias e trechos de quatro decretos editados pelo presidente como parte de sua política para ampliar o acesso dos brasileiros a armas. Três decretos da área ambiental foram derrubados.

"Bolsonaro fez muita coisa com instrumentos que prescindem de diálogo com o Legislativo para ter efeito imediato, como decretos e medidas provisórias", diz Eloísa Machado de Almeida, da FGV Direito SP. "O controle desses atos dependeu quase exclusivamente do STF."

Essas decisões impediram que Bolsonaro conseguisse o que queria? Nem sempre. No caso das armas, as decisões que suspenderam atos de Bolsonaro são provisórias. Nenhuma das 14 ações movidas contra o governo teve julgamento definitivo. As medidas que seguem válidas permitiram aumentar muito o número de armas em circulação no país.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, há 2,9 milhões de armas particulares registradas na Polícia Federal e no Exército. Atiradores esportivos, caçadores e colecionadores registraram 280 mil novas armas só no ano passado, o triplo do que foi registrado em 2018.

"O Supremo segurou o possível, mas não bastou", afirma a advogada Isabel Figueiredo, consultora do Fórum. "O Congresso teve sua competência legislativa usurpada, porque os decretos contrariam o Estatuto do Desarmamento, mas não houve reação."

Na área ambiental, um dos decretos que foram derrubados pelo Supremo paralisou por dois anos o Fundo Amazônia, que recebeu no passado recursos da Noruega e da Alemanha para financiar projetos de desenvolvimento sustentável e tem R$ 3,2 bilhões parados em seus cofres.

Ricardo Balthazar

Com vice indefinido, PT oficializa candidatura de Haddad ao governo

Marina Silva e ex-prefeito de Campinas são cotados para chapa; Márcio França disputará o Senado

Victoria Azevedo

SÃO PAULO O Partido dos Trabalhadores aprovou a candidatura do ex-prefeito Fernando Haddad (PT) ao Governo de São Paulo nas eleições de outubro em convenção estadual realizada neste sábado (23).

A legenda também aprovou a coligação com o PSB, oficializando o ex-governador Márcio França (PSB) como candidato à vaga ao Senado na chapa majoritária, e homologou seus candidatos à Câmara dos Deputados e à Assembleia.

O PT delegou à executiva estadual da federação que reúne PT, PC do B e PV demais encaminhamentos relacionados à chapa e eventuais alianças.

Em seguida, na convenção da federação, os partidos também oficializaram o nome de Haddad para o governo e de França ao Senado. O ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), que será vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência, participou do ato.

O PT ainda não anunciou quem será vice de Haddad.

Na avaliação de petistas que atuarão na campanha de Haddad, a vaga de vice pode contribuir para passar a imagem de uma candidatura para além da esquerda e para conquistar uma parcela mais conservadora do eleitorado —e por isso avaliam que o melhor seria um candidato com perfil mais ao centro.

Fernando Haddad, com Márcio França e Geraldo Alckmin, em convenção do PT, em São Paulo Bruno Santos/ Folhapress

Estão cotados para vice do ex-prefeito nomes como a ex-ministra Marina Silva (Rede), que tem a predileção de Haddad, segundo aliados do petista, e o ex-prefeito de Campinas Jonas Donizette (PSB).

Marina declarou apoio a Haddad em evento em junho. A ex-ministra, no entanto, já anunciou a sua pré-candidatura como deputada federal em São Paulo e é considerada pela Rede como uma potencial puxadora de votos.

O PSOL, que se diz excluído da negociação sobre a formação da chapa majoritária de Haddad, ameaça lançar um candidato ao Senado. PSOL e Rede formam uma federação.

Em discurso neste sábado, Alckmin afirmou que o Brasil precisa resgatar um governo que seja comprometido com a democracia e que a eleição nacional passa por São Paulo. "São Paulo é caixa de ressonância. O que acontece aqui ressoa no Brasil inteiro."

Haddad resgatou momentos na história em que adversários políticos se uniram em torno de uma candidatura ou de uma causa, abordou mais enfaticamente a questão nacional, afirmou que o Brasil está correndo risco nos dias de hoje e criticou o presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em sua fala, Haddad não fez menções aos seus adversários nem citou gestões anteriores.

Após a convenção, ao ser questionado sobre os adversários Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Rodrigo Garcia (PSDB), o ex-prefeito, sem citar nomes, relacionou as duas candidaturas a um projeto ligado ao autoritarismo.

A mais recente pesquisa Datafolha, divulgada em junho, mostra Haddad com 34%, e Tarcísio e Rodrigo empatados com 13% das intenções de voto.

Na quinta (21), na convenção nacional, o PT aprovou por unanimidade o nome do ex-presidente Lula à Presidência e o de Alckmin para a vice na chapa nas eleições.

Como a **Folha** mostrou, o comando do PT constatou uma ofensiva do bolsonarismo em São Paulo e por isso Lula deverá fazer agendas com Haddad, Alckmin e França pelo estado.

Também neste sábado, o PP e o Patriota confirmaram apoio a Rodrigo Garcia. Ambos compõem a base de Bolsonaro no plano federal.

No mesmo dia, Tarcísio de Freitas anunciou que Marcos Pontes (PL), ex-ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, será o candidato ao Senado pela chapa.

Pontes era uma das opções sugeridas pelo presidente Bolsonaro para a vaga depois que o apresentador José Luiz Datena desistiu de pleitear o posto.

Bolsonaro é o principal patrocinador da candidatura de Tarcísio ao Palácio dos Bandeirantes.

Colaboraram Bruno B. Soraggi, de São Paulo, e o UOL

Ombudsman
O colunista está em férias

Silêncio na desordem

Apresentação de Bolsonaro a embaixadores emudeceu militares

Janio de Freitas
Jornalista

O gênio que sugeriu a exibição de Bolsonaro a representantes do mundo merece o reconhecimento dos democratas. A ele se deve a inversão simultânea que emudeceu os generais e coronéis, de farda e de pijama, contrários à segurança das urnas eleitorais e, de quebra, soltou as vozes antigolpe que nem se esperava mais ouvir.

Foram apontadas várias ilegalidades no ato de Bolsonaro, mas está mais do que provada a falta de disposição para fazê-lo responder pelos crimes de responsabilidade, de instigação contra as instituições democráticas e, além de outros, abusos de poder. E como tudo dá em nada, eis um vão acréscimo: no Palácio da Alvorada, como dependência da União, a lei proíbe qualquer situação com algum sentido eleitoral. Foi, porém, com o objetivo de propagar e defender seu plano de candidato, contra o sistema eleitoral e pela intromissão aí dos militares, que Bolsonaro confessou ao mundo o seu golpismo trumpista.

A ausência dos comandantes militares na plateia não indicou qualquer restrição deles, mas só cautela com a proibição de militares da ativa em ato político. A reação internacional a Bolsonaro atinge todos militares e, com precisão, o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira. Para a presunçosa autoimagem militar, a reação interna é descartável. Mas a internacional soaria como um chamado à racionalidade, no entanto improvável por inexistir o pretendido pelo chamado.

Este seria um bom momento, com a ebulição política-eleitoral, para os militares voltarem à tentativa de profissionalização feita por seus antecessores entre o governo Fernando Henrique e a devolução, por mera pusilanimidade, do Ministério da Defesa a militares, feita por Michel Temer. Foi a ocasião para o general Eduardo Villas Bôas levar o Exército de volta ao golpismo, na pretensa condição de força tutelar, sem quaisquer condições para isso além dos fuzis e dos tanques. O bom momento tem sido usado para agravar a distância entre a função legal e a prática nos altos postos militares.

A adesão a Bolsonaro é indicativa, como resultado de identificação, das ideias sobre e para o Brasil que se sustentam entre as chefias das Forças Armadas. Nada a ver com as necessidades e aspirações das classes formadoras da grande maioria no país —inclusive parte numerosa dos apoiadores civis de Bolsonaro, aqueles de pouco discernimento e muita desinformação. Nada a ver, também, com a Constituição.

Na contraposição dessas duas correntes está a divisão que importa, a polarização mais profunda e estimulante do atraso brasileiro, imenso mesmo em comparação à fase retroativa que ataca o mundo. O silêncio dos comandos incorporados no projeto bolsonarista talvez não seja senão o pasmo com a derrota imposta pela reação internacional, sufocante mesmo. Mas há pendências deixadas pelo ministro da Defesa em suas intempestivas falas no Senado, na semana anterior ao show eleitoral/golpista no Alvorada. Por exemplo, a exigência de entrega, do Tribunal Superior Eleitoral aos generais e coronéis da Defesa, da documentação referente às eleições de 2014 e 2018. Será reiterada pelas fardas e fuzis ou enterrada sob sete palmos de abuso de poder, desvio de função e afronta à Constituição?

A interrogação envolve mais canhonaços internacionais, maior reação das indignações internas que superaram os cuidados. E, do outro lado, tanto a possibilidade de mais ação dos militares bolsonaristas como alguma acomodação. Exclusive a do próprio e silenciosamente estarrecido Bolsonaro. Aquela pergunta é, entre tantas, a que parece oferecer a resposta mais próxima.

Resposta provisória, bem entendido. Como as faltantes, até que a eventual compreensão militar absorva ao menos dois conceitos: 1- se querem ser militares, parem de provocar desordem institucional. Já a fizeram demais, quase ininterruptas nos 133 anos desde o golpe da República. 2- militares têm as armas, mas a importância que pensam ser sua, neste país, quem a tem são os garis e os bons médicos. Obsoletas entre vizinhanças pacíficas, forças militares na América do Sul são uma duvidosa tradição.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Marqueteiros vivem embates nas campanhas ao Planalto

Profissionais enfrentam desconfianças e apostam na propaganda de rádio e TV

BRASÍLIA A pouco mais de dois meses das eleições, as equipes de marketing dos principais candidatos à Presidência da República enfrentam embates internos e dificuldades para encontrar o tom das campanhas. Com pouca mudança significativa nas pesquisas até agora, a aposta é no início da propaganda eleitoral em rádio e TV, a partir de 26 de agosto.

Líder nas pesquisas, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) trocou de marqueteiro em abril após uma crise interna na comunicação da pré-campanha. No lugar de Augusto Fonseca, indicação do ex-ministro Franklin Martins, assumiu Sidônio Palmeira, marqueteiro dos governadores petistas da Bahia Jaques Wagner e Rui Costa.

A Leiaute Propaganda, da qual Sidônio é sócio, apresentou um orçamento de R$ 44,5 milhões para o primeiro e o segundo turno das eleições. Márcio Macedo, que será o tesoureiro da campanha de Lula, disse que os valores finais ainda estavam sendo acertados.

A expectativa de petistas é a de que o marketing da campanha explore os problemas da economia do país e reforce a paternidade de Lula na área social, alvo de um pacote eleitoral de última hora lançado por Jair Bolsonaro (PL).

Na campanha do atual mandatário, a comunicação continua sendo um dos principais desafios. Enquanto em campanhas tradicionais o marqueteiro é próximo ao candidato, na de Bolsonaro isso ainda não ocorre. A relação entre ele e Duda Lima —profissional levado pelo presidente do PL, Valdemar da Costa Neto— ainda se dá principalmente por meio de interlocutores.

A chegada do ex-secretário de Comunicação Fábio Wajngarten ao time de Bolsonaro trouxe a integrantes esperança de melhorar a relação.

O mandatário resiste em admitir, oficialmente, a contratação de um marqueteiro. Apresentado ao chefe do Executivo por Valdemar, Lima trabalha na pré-campanha desde fevereiro.

Discreto, ele tem apoio de senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), coordenador da campanha do pai.

Lima assume o papel que, em 2018, não existia na campanha de Bolsonaro. Ele enfrenta má vontade e fogo amigo, em especial da ala mais radical próxima ao presidente.

O vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ) segue responsável pelas redes do pai. Expressou, contudo, descontentamento com a roupagem tradicional da campanha. Antes internas, as divergências na comunicação se tornaram públicas em junho. "Vou continuar fazendo o meu aqui e dane-se esse papo de profissionais do marketing", disse em uma rede.

Ele reagia a publicação sobre o slogan "Sem pandemia, sem corrupção e com Deus no coração, seremos uma grande nação", que seria usado por Bolsonaro na inserção do PL na TV.

A análise de Carlos vai na contramão do que afirmam outros aliados de Bolsonaro. Para eles, esta campanha será diferente da de 2018, e formas mais tradicionais de comunicação eleitoral e política, como a propaganda no rádio e na TV, terão peso grande.

Terceiro colocado nas pesquisas, Ciro Gomes (PDT) contratou, em abril de 2021, o marqueteiro João Santana, uma das referências da área no país e responsável pelas campanhas de Lula em 2006 e de Dilma Rousseff em 2010 e em 2014.

Santana foi investigado pela Operação Lava Jato e condenado a 7 anos e 6 meses de prisão por lavagem de dinheiro em 2017. Ele cumpriu pena durante 1 ano e 6 meses em reclusão no regime fechado diferenciado após fechar um acordo de delação premiada.

Inicialmente, a empresa do publicitário, a Santana & Associados Marketing e Propaganda Ltda., recebia R$ 250 mil mensais para cuidar da comunicação e das redes de Ciro.

Com o início da propaganda partidária, o valor foi reajustado para R$ 315 mil e passou a contemplar a propaganda das mulheres na TV. Deve sofrer novo aumento com o início oficial da campanha.

Em outubro do ano passado, quando a campanha "Prefiro Ciro" foi lançada, o pedetista tinha 9% das intenções de voto no Datafolha. Na pesquisa mais recente, em junho deste ano, aparecia com 8%.

No lançamento de sua pré-candidatura, em janeiro, Ciro ainda tentou explorar no slogan "A rebeldia da esperança" uma das características atribuídas por detratores, o destempero. Recentemente, decidiu mudar a estratégia e se apresentar como uma alternativa para quebrar a polarização entre Lula e Bolsonaro.

A campanha de marketing da pré-candidata Simone Tebet (MDB) vem sofrendo com fogo amigo e críticas nos bastidores. O marqueteiro, que prefere ser chamado de estrategista, é Felipe Soutello, que tem um histórico dentro do PSDB.

Parlamentares emedebistas e militantes reclamam nos bastidores que Tebet tem sido descaracterizada nas peças publicitárias, em particular nas inserções em rádio e TV.

Em pesquisa Datafolha divulgada em maio, a senadora tinha 2% das intenções de voto. A campanha sempre argumentou que um dos motivos do baixo índice era o desconhecimento de Tebet. Após as inserções de rádio e TV do MDB protagonizadas pela senadora, o percentual caiu para 1%.

Críticos argumentam que Tebet se tornou a face do novo MDB por ser uma mulher independente e forte, que presidiu a CCJ, principal comissão do Senado, foi a primeira senadora a disputar a presidência da Casa e enfrentou bolsonaristas na CPI da Covid.

No entanto, as peças preparadas por Soutello e sua equipe estariam tentando mostrar Tebet como uma mulher mais zelosa e cuidadosa, explorando aspectos ligados à família.

Em nota, o presidente do MDB, Baleia Rossi (MDB-SP), avalia como "positivo e promissor o trabalho executado até então pela equipe de marketing, que é experiente, foi vencedora de eleições importantes recentemente e, portanto, tem a nossa confiança".

Nos bastidores, emedebistas e a equipe de Soutello atribuem parte das críticas à movimentação para emplacar outros marqueteiros, como Elsinho Mouco, ligado a Michel Temer, ou Nizan Guanaes.

A equipe do deputado federal André Janones (Avante-MG), tecnicamente empatado com Tebet, contratou em junho o marqueteiro Ioni Abelson, que trabalhou na vitoriosa campanha do chileno Gabriel Boric. Ao custo de US$ 35 mil mensais, o argentino pretende explorar a imagem de candidato digital do mineiro.

A campanha do pré-candidato Pablo Marçal (Pros) diz não ter marqueteiros. Vera Lúcia, pré-candidata do PSTU, também não terá marqueteiro. A comunicação da campanha é coordenada por jornalistas militantes do partido. A aposta principal é nas redes sociais.

A **Folha** ouviu para esta reportagem as campanhas dos pré-candidatos que pontuaram na mais recente pesquisa do Datafolha. **Renato Machado, Ranier Bragon, Marianna Holanda e Danielle Brant**

Os marqueteiros das eleições de 2022

LULA (PT)
Sidônio Palmeira Coordenou a publicidade de campanhas do PT na Bahia (dos governadores Jaques Wagner e Rui Costa) e participou da campanha presidencial de Fernando Haddad em 2018
Valor Não divulgado

JAIR BOLSONARO (PL)
Duda Lima Trabalha há mais de uma década com Valdemar Costa Neto, presidente do PL; busca espaço em uma área que sofre grande influência de um dos filhos de Bolsonaro, o vereador Carlos
Valor Não divulgado

CIRO GOMES (PDT)
João Santana Foi o marqueteiro das vitórias de Lula em 2006 e de Dilma em 2010 e 2014. No escândalo da Lava Jato, foi preso, virou delator e rompeu com o PT
Valor R$ 315 mil ao mês na pré-campanha

ANDRÉ JANONES (AVANTE)
Ioni Abelson Argentino, integrou a equipe de estratégia da campanha do atual presidente do Chile, Gabriel Boric
Valor US$ 35 mil ao mês

SIMONE TEBET (MDB)
Felipe Soutello Ex-integrante da juventude do PSDB, foi o marqueteiro da campanha de Bruno Covas à Prefeitura de São Paulo, em 2020
Valor R$ 2,5 milhões

PABLO MARÇAL (PROS)
Não tem

VERA LÚCIA (PSTU)
Não tem

(*) pré-candidatos que pontuaram na pesquisa do Datafolha mais recente

Bolsonaro afirma não temer ações em série na Justiça

Felipe Bächtold e Lorena Giordina

SÃO PAULO E VITÓRIA Em evento com evangélicos em Vitória (ES), o presidente Jair Bolsonaro (PL) reagiu neste sábado (23) a uma reportagem da **Folha** que mostrou que ele deve enfrentar ações em série na Justiça comum caso não se reeleja.

Na Presidência, Bolsonaro só pode responder a processos penais que tenham relação com o mandato.

A reportagem, publicada na sexta-feira (22), mostrou que, caso perca o foro especial, ações contra ele poderão ser movidas por procuradores ou promotores pelo país. A realização de motociatas e declarações sobre a pandemia já motivaram procedimentos na Justiça contra o presidente, com liminares negadas.

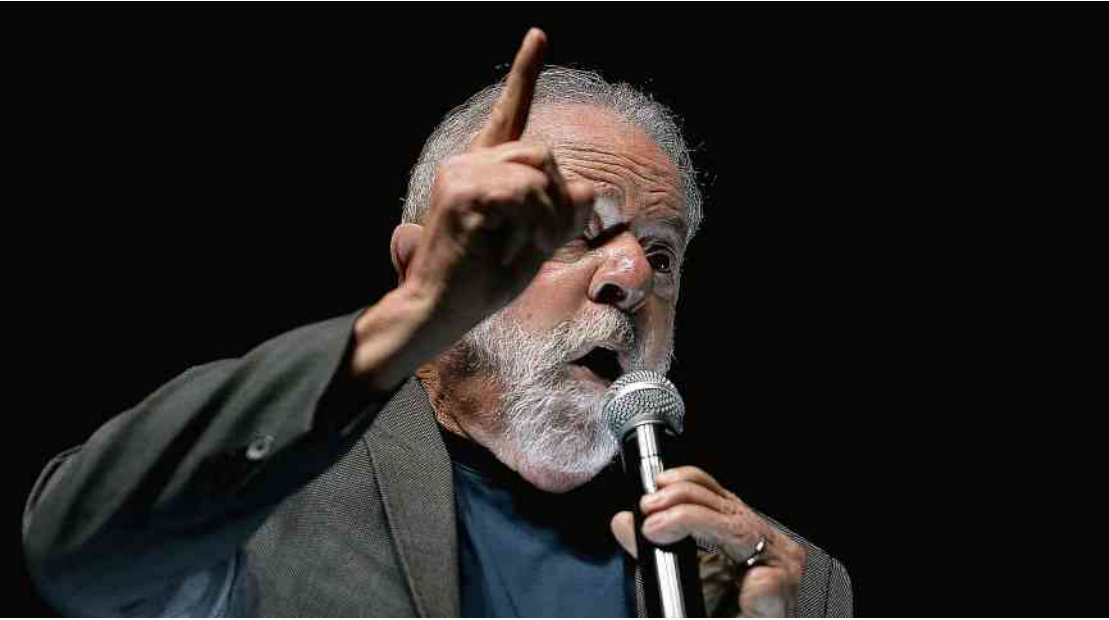
"Hoje tá na imprensa, segundo um grupo meu, tá na imprensa, ameaças à minha pessoa. Se eu perder o mandato, poderei ser preso por até cem anos pelos ataques à democracia. Eu não dou recado a ninguém. Se querem dar recado a mim, não vai surtir efeito. Vou continuar fazendo a mesma coisa", disse Bolsonaro.

A seguir, afirmou que tem "a obrigação moral, até com o sacrifício da própria vida" de não deixar que o país perca a liberdade.

No discurso, o presidente associou o seu principal adversário, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à liberação das drogas e afirmou que não vai indicar nenhum "abortista" para o Supremo Tribunal Federal, caso vença.

Também defendeu suas atitudes na pandemia da Covid-19 e afirmou que foi o único chefe de Estado com uma opinião sobre o assunto. Sua condução da crise à época motivou a instauração de uma CPI no Senado, que pediu seu indiciamento em 2021.

Na Espírito Santo, Bolsonaro também participou de motociata. À tarde, discursou em outro evento com apoiadores.

O presidente disse que, por falta de conhecimento, o povo padece, mas que ali todos tinham conhecimento que há "uma luta do bem contra o mal".

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) Pedro Ladeira - 12.jun.22/Folhapress

Lula sugere não medir forças com campo adversário no 7/9

Avaliação é que data será o dia D de Bolsonaro e que ele irá para 'tudo ou nada'

Catia Seabra e Victoria Azevedo

SÃO PAULO Por sugestão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), movimentos sociais planejam para 10 de setembro, e não dia 7, a mobilização da Semana da Pátria.

Programado para ser sua maior manifestação do ano, o ato acontecerá três dias depois de completados os 200 anos da proclamação da Independência.

A escolha da data parte da avaliação de que o 7 de Setembro deverá ser o dia D para a campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Na avaliação de aliados de Lula, o atual mandatário deverá incentivar mobilizações, além da própria parada militar, para dar uma demonstração de poder.

Essa agenda foi tema de reunião da coordenação da campanha de Lula, no último dia 11. Representantes de movimentos sociais levaram à mesa propostas para a comemoração do 7 de Setembro.

Segundo participantes, avaliou-se que Bolsonaro irá para "o tudo ou nada" no dia da Independência, seja em busca de uma virada na disputa presidencial ou em mais uma tentativa de deslegitimar o processo eleitoral.

Por isso, não seria recomendável medir forças com bolsonaristas nas ruas do país. O grau de animosidade dos apoiadores do presidente, avaliam, dependerá de sua situação nas pesquisas eleitorais.

Mantida a liderança de Lula nas pesquisas de intenção de voto, a agressividade dos simpatizantes de Bolsonaro será proporcional à vantagem do ex-presidente, acredita-se.

Ainda segundo presentes, o próprio Lula desencorajou a realização de um ato apenas como resposta aos bolsonaristas, que terão a máquina administrativa a seu favor.

O ideal, ponderou, é que seja organizado um ato que reúna apoiadores, incluindo artistas e intelectuais, em torno de um tema, como combate à fome e defesa da soberania nacional.

Na tarde de sexta-feira (22), os organizadores definiram como mote o "dia nacional de mobilização unitário em defesa da democracia, por eleições livres e contra a violência".

Um dos integrantes da comissão responsável pela organização, o coordenador nacional da Central de Movimentos Populares (CMP), Raimundo Bonfim, afirma que a definição da data não tem apenas o objetivo de evitar hostilidade nas ruas.

"O debate que a gente faz é: será o caso de jogarmos peso na mobilização do 7 de Setembro apenas para fazermos uma contraposição, para uma medição de forças?", justifica.

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), um dos coordenadores da campanha de Lula, diz que o dia da independência é para celebrar o Brasil e a união dos brasileiros e que Bolsonaro "dá sentido partidário" à data.

"A ideia é fazer algo diferente da proclamação ao ódio que o Bolsonaro fará. Não queremos entrar na disputa e nas provocações."

"Achamos, inclusive, que Bolsonaro está sendo pouco inteligente. Ele lucraria muito mais se fizesse um ato cívico, de união nacional, em vez de um ato eleitoral de divisão dos brasileiros", afirma o senador.

> "Achamos, inclusive, que Bolsonaro está sendo pouco inteligente. Ele lucraria muito mais se fizesse um ato cívico, de união nacional, em vez de um ato eleitoral de divisão dos brasileiros
>
> **Randolfe Rodrigues (Rede-AP)**
> senador e um dos coordenadores da campanha de Lula à Presidência

Outro aliado de Lula afirma ainda que organizar um ato no mesmo dia das manifestações convocadas por Bolsonaro colocaria em risco a segurança dos participantes.

Na reunião com Lula foi criada uma comissão encarregada do planejamento das atividades na Semana da Pátria.

Pelo simbolismo, foi discutido também um ato no dia 5 de setembro, data em que é celebrado o Dia da Amazônia.

No dia 18 de julho, Bolsonaro reuniu embaixadores no Palácio da Alvorada com o objetivo de lançar dúvidas sobre a lisura do processo eleitoral.

A iniciativa do presidente pesou para opção por um movimento "em defesa da democracia, por eleições livres e contra a violência".

Pela proposta inicialmente encaminhada ao comando da campanha de Lula e ainda não aprovada, no dia 7 de Setembro o ex-presidente deverá participar de um ato longe

da turbulência das grandes cidades, optando, por exemplo, por Ouro Preto, em Minas Gerais, marco dos inconfidentes.

Na data, também deverá ocorrer o Grito dos Excluídos —conjunto de manifestações criado por setores católicos em 1995—, mas sem pretensão de concorrer em tamanho com os bolsonaristas.

Como uma espécie de aquecimento, a retomada das manifestações que integram a Campanha Fora, Bolsonaro acontecerá no dia 6 de agosto. A expectativa, porém, é que o grande ato seja o de 10 de setembro, em São Paulo.

Ao não disputar espaço com os bolsonaristas, os movimentos sociais também se livram de comparações, como no ano passado, quando as manifestações em defesa do governo superaram, em número, os atos do Grito dos Excluídos.

No ano passado, ato pró-Bolsonaro de raiz golpista na avenida Paulista reuniu 125 mil pessoas, segundo estimativa do governo paulista, enquanto manifestação da oposição contou com 15 mil participantes, no Vale do Anhangabaú.

Na avenida Paulista, Bolsonaro exortou desobediência a decisões da Justiça.

“Nós devemos sim, porque eu falo em nome de vocês, determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade. Dizer a vocês, que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou”, afirmou Bolsonaro.

No mesmo ato, o presidente afirmou também que as únicas opções para ele são ser preso, ser morto ou a vitória, afirmando na sequência, porém, que nunca será preso. “Dizer àqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá.”

Equipe do PT busca o agro por aliança em reduto bolsonarista

Encontro entre representantes definiu que Alckmin viajará a Mato Grosso para conversas com ruralistas

Thaísa Oliveira, João Gabriel e Victoria Azevedo

BRASÍLIA E SÃO PAULO Numa tentativa de diminuir a resistência do setor agropecuário a Luiz Inácio Lula da Silva (PT), lideranças ruralistas que aderiram à campanha do petista se reuniram com aliados do ex-presidente para debater pontos que podem ser incorporados ao plano de governo da chapa.

O senador licenciado Carlos Fávaro (PSD-MT), o deputado federal e ex-ministro de Dilma Rousseff (PT) Neri Geller (PP-MT) e o empresário Carlos Augustin se encontraram na sexta-feira (22), em São Paulo, com integrantes da campanha de Lula.

Estavam no encontro o ex-ministro Aloizio Mercadante, coordenador do programa de governo e presidente da Fundação Perseu Abramo, e o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSB), candidato a vice e designado pela campanha para articular a aproximação com o agro.

Também está em jogo a articulação política para tentar alcançar um segmento que, até agora, tem mostrado apoio ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e resistido a Lula.

Alckmin articula acenos ao agro Bruno Santos - 21.jun.22/Folhapress

> Todos sabem que, lá no estado [Mato Grosso], ideologicamente, do ponto de vista político, para nós, não é uma tarefa tão fácil, diferente de outros estados
>
> **Neri Geller (PP-MT)**
> ex-ministro da Agricultura do governo Dilma Rousseff (PT)

Na reunião de sexta, começou a ser desenhada, por exemplo, uma agenda de encontros de Alckmin após a convenção do PSB —marcada para o próximo dia 29— com representantes do agronegócio em Mato Grosso, estado dos dois parlamentares, e também em São Paulo.

Um dos encontros deve ser com o Fórum Agro, que reúne diversas entidades do setor.

“A gente começa as conversas por sindicatos, partidos políticos e pessoas ligadas ao agro. Começa por lá, e estamos organizando alguns lugares também em São Paulo. Depois a gente começa a fazer uma agenda pelo Brasil. Ao menos essa é a intenção”, disse Geller após a reunião.

As lideranças ruralistas propuseram a Mercadante e a Alckmin, por exemplo, um programa para recuperação de pastos degradados, um mecanismo de incentivo ao chamado crédito verde e redução de juros para produtores.

“Esse setor moderno da agricultura tem conhecimento dos desafios diplomáticos e comerciais. Estamos aqui dialogando com esse setor moderno da agricultura. É um setor muito importante, que tem contribuições, que já ajudou a formular políticas públicas no passado e, seguramente, o fará no futuro próximo”, afirmou Mercadante.

Reservadamente, políticos envolvidos nas conversas falam que a tentativa principal é a de “neutralizar” o setor, garantindo que empresários ao menos não façam campanha contra o petista.

“Eu estou aqui por convicção. Todos sabem que, lá no estado [Mato Grosso], ideologicamente, do ponto de vista político, para nós, não é uma tarefa tão fácil, diferente de outros estados. Nós estamos convictos de que estamos fazendo o que é correto para o país”, completou Geller.

O senador licenciado Carlos Fávaro afirma que pretende levar propostas de “investimentos com vocação ambiental”. Fávaro foi presidente da Aprosoja-MT (Associação Brasileira dos Produtores de Soja), que hoje é dominada por apoiadores de Bolsonaro em todo o país.

Em jogo não estão apenas pautas agrárias, mas também a articulação política entre PP e PT. O acordo entre PP e PT em Mato Grosso significa que Lula receberá o apoio de Blairo Maggi, um dos maiores produtores de soja do Brasil, hoje no Progressistas e ex-ministro da Agricultura do governo Michel Temer (MDB).

A aproximação de Geller com Lula não teve resistência do atual ministro de Bolsonaro, Ciro Nogueira (Casa Civil), um dos líderes do partido junto com Arthur Lira (PP-AL).

A estratégia da campanha é explorar a ligação de Lula com Blairo e, em outra frente, usar a relação de Alckmin com o ex-deputado Nilson Leitão, presidente do Instituto Pensar Agropecuária e consultor da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária).

A investida pró-PT, até o momento, vem sendo considerada tímida por interlocutores dos ruralistas, e membros da bancada lembram que o governo Bolsonaro implementou medidas que ampliaram a avaliação positiva da atual gestão no campo.

Lula e Alckmin também devem aproveitar a ida à região Norte do país para conversas com representantes do setor, que também reivindicam um programa robusto de armazenagem e prioridade ao transporte ferroviário.

Juliana Freire

A fritura de Trump

A polícia e a Justiça americana funcionam

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

A comissão da Câmara que investiga o comportamento de Donald Trump durante a insurreição de 6 de janeiro de 2021 fechou o foco em 187 minutos durante os quais o presidente dos Estados Unidos permaneceu em silêncio cúmplice.

Graças às câmeras de vídeo, às mensagens com o registro da hora e dos minutos, bem como as listas de telefonemas da Casa Branca, produziu-se uma inédita reconstrução de fatos. Magnífica demonstração da eficácia do FBI e da Justiça. Os federais americanos já pegaram 840 pessoas e pelo menos 185 foram sentenciadas. Uma delas pegou cinco anos de cadeia por ter agredido um policial.

Os 187 minutos começam às 13h10, quando Trump terminou de discursar perto da Casa Branca. Ele havia estimulado a marcha para o Capitólio, sugerindo que a acompanharia. Foi para a Casa Branca, onde ficou grudado nas televisões.

Aqui vai o que aconteceu a quatro pessoas que provavelmente foram vistas por Trump enquanto curtia o dia.

Entre 13h e 13h30, o veterano fuzileiro Carey Walden escalou uma parede do Capitólio. Preso em maio, declarou-se culpado e foi condenado a 30 dias de prisão domiciliar.

Às 14h02 Richard Franklin Barnard entrou na Rotunda do Capitólio. Foi preso em fevereiro e contou ao FBI que pretendia chegar perto de Trump. Tomou 30 dias de prisão domiciliar e 60 horas de serviços comunitários.

Troy Williams entrou no prédio às 14h39. Foi preso em fevereiro e condenado a 15 dias de cadeia e um ano de liberdade condicional.

(Minutos depois, o vice-presidente Pence era retirado da sala onde estava e levado para um subterrâneo. O filho de Trump apelava para que ele condenasse a invasão. O presidente continuou assistindo ao espetáculo.)

Duke Wilson entrou no Capitólio às 14h55, agrediu um policial, foi preso em abril e condenado a 51 meses de cadeia e três anos de liberdade condicional.

Os 187 minutos do foco da comissão terminam quando Trump postou seu vídeo pedindo à sua turma que fosse para casa. Essa foi a primeira vez em que ele disse isso.

Dois minutos antes, o presidente eleito Joe Biden classificara a invasão do Capitólio como "limítrofe da sedição".

Diplomacia palaciana

O episódio do cercadinho dos embaixadores marcou o apogeu da diplomacia palaciana do coronel Mauro Cesar Cid, chefe dos ajudantes de ordens de Bolsonaro, e do almirante Flávio Rocha, secretário de Assuntos Estratégicos. Eles foram os diretores da cena do "brienfing" de segunda-feira.

O coronel foi o revisor do texto de pelo menos um dos discursos de Bolsonaro na Assembleia-Geral das Nações Unidas.

Quando os oficiais palacianos atropelam ministros, os resultados são desastrosos.

No dia 30 de março de 1964, o general Assis Brasil, chefe da Casa Militar, garantiu ao presidente João Goulart que era boa ideia ele ir à reunião de sargentos no Automóvel Clube. Dois dias depois estava deposto.

No dia 27 de agosto de 1969, o presidente Costa e Silva perdeu a fala durante um despacho. O capitão médico do palácio recomendou-lhe repouso, e mais nada. Em suas memórias, o general Jayme Portella, chefe do gabinete militar, repetiu dez vezes que, segundo o capitão, o caso não era grave. No dia seguinte o marechal voltou a perder a fala. Quando a recuperou, perguntou ao capitão:

— Não é derrame?

— Não senhor, derrame não é.

Era uma isquemia, com efeitos semelhantes. Nela, a irrigação do cérebro é afetada por uma obstrução. Horas depois Costa e Silva emudeceu de vez. Morreu em dezembro.

Na manhã de 1º de abril de 1981, o presidente João Figueiredo recebeu a notícia de que na noite anterior explodira uma bomba no estacionamento do Riocentro, matando um sargento, e aliviou-se: "Até que enfim os comunistas fizeram uma bobagem".

A bomba era do DOI, onde estavam lotados o sargento e o capitão que dirigia o carro.

Um livro sobre o atraso da educação

Está chegando às livrarias "O Ponto a Que Chegamos", do repórter Antônio Gois. É o retrato da ruína da educação brasileira ao longo dos últimos 200 anos. Gois mastigou estatísticas e a boa bibliografia sobre a questão. Mostrou a sucessão de projetos vindos da esquerda (Anísio Teixeira) ou da direita (Francisco Campos) e a bola de ferro do atraso que leva o país a perder oportunidades.

O livro é uma aula, sem estridências, para quem vive um tempo em que a roubalheira se encastelou no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (o FNDE dos pastores e dos milhares de laptops).

Tudo cabe numa observação do professor José Goldemberg, que foi ministro, secretário de Educação de São Paulo e reitor da USP. Depois de passar pelo Ministério da Educação, resumiu criticamente a posição: "Era um lugar formidável para fazer favores".

Gois mostra boas iniciativas, como o ProUni e o sistema de cotas, mas, lendo-o, vê-se o tamanho dos dois séculos de burrice do andar de cima nacional: montou um sistema excludente que não produziu qualidade.

Boa notícia para 2023

No ano que vem a banda moderna do agronegócio brasileiro anunciará a criação do Instituto Mato Grosso de Tecnologia de Alimentos. Empresários criarão um centro de ensino e pesquisas com a meta de se tornar um dos melhores do mundo.

Hoje, numa lista das 20 melhores, o Brasil tem duas instituições (a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP, e a Unicamp). A China tem nove e os Estados Unidos, quatro.

Estão nessa iniciativa dois nomes do agro brasileiro: Blairo Maggi e Otaviano Pivetta. Armando o meio de campo, está o empresário Guilherme Quintela.

Nos Estados Unidos, a Purdue University nasceu em 1869, ajudada por John Purdue com uma doação de 300 milhões de dólares em dinheiro de hoje. Ele começou a vida no setor de alimentos. Numa listagem de 2021, ela é a 25ª melhor do mundo.

A Funai em Madri

É do embaixador Azeredo da Silveira, um diplomata da carreira (e dos melhores), a observação de que há gente capaz de atravessar a rua para escorregar na casca de banana que está na outra calçada.

O doutor Marcelo Xavier, presidente da Funai, atravessou o Atlântico para ir a uma reunião em Madri, onde se realizava a Assembleia-Geral do Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e Caribe.

Peitado por um ex-funcionário que o chamou de "miliciano" e "assassino", retirou-se do auditório.

Um passeio até Madri vale alguns minutos de constrangimento?

Vacina contra golpe

A liquidação da fatura da eleição presidencial no primeiro turno oferece uma vacina contra sonhos golpistas.

Na noite de 2 de outubro, 156 milhões de eleitores terão escolhido 27 senadores, 513 deputados federais, mais uns mil deputados estaduais.

Estarão na disputa também os candidatos a presidente e a governadores, mas só serão eleitos aqueles que conseguirem maioria dos votos. Quando isso não acontecer, os dois mais votados irão para um segundo turno, no dia 30 de outubro.

Quem quiser contestar o resultado de 2 de outubro estará contestando a vitória de pelo menos 1.513 eleitos.

Bolsonaristas minimizam apoio de Anitta a Lula

Campanha de presidente vê limites em apoio da cantora ao petista, que ganhou popularidade nas redes após a adesão

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

BRASÍLIA A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) tenta minimizar o apoio de Anitta ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Na avaliação de integrantes da equipe, a cantora e empresária fala apenas para a sua bolha e não agrega votos ao petista.

Anitta declarou, no último dia 11, que irá apoiar o ex-chefe do Executivo, ainda que diga não ser petista.

Esta é a primeira vez que ela indica apoio a um candidato, apesar de ser declaradamente crítica ao atual governo e de já ter protagonizado discussões nas redes sociais com o presidente, a quem chama de "Voldemort", em referência ao vilão do filme "Harry Potter". Bolsonaro, inclusive, foi bloqueado por ela no Twitter.

O PT ficou otimista com o apoio da artista, que foi a primeira brasileira a chegar ao primeiro lugar mundial no aplicativo Spotify e tem mais de 17 milhões de seguidores no Twitter. Bolsonaro possui 8,4 milhões e Lula, 3,8 milhões.

Para aliados do mandatário, ainda que tenha um público muito grande, Anitta influencia uma parcela do eleitorado do jovem que já estava decidida ou tinha intenção de votar no petista.

Uma das estratégias para dirimir a influência e criticar a cantora será explorar uma declaração recente dela em que diz ser favorável à legalização da maconha.

A empresária alegou que a proibição colabora com o que chamou de guerra na favela que só mata o pobre e enriquece traficantes, que não pagam imposto e lavam dinheiro. "Eu sou a favor de virar tudo empresa legalizada", completou, em uma live com o rapper Filipe Rett.

Depois, ela questionou se o candidato petista apoiaria a pauta e pediu ajuda a Lula pela legalização. O tema costuma ser tabu em campanhas. Aliados do presidente apostam nessa frase para diferenciá-la do grupo de mulheres e jovens que buscam atrair.

A apoiadores Bolsonaro ironizou o posicionamento de Anitta, sem mencioná-la diretamente. "Vi outro dia aí uma, não sei se é cantora, pessoa conhecidíssima falando: 'Tô dando o maior apoião, libera aí a maconha, cara'. Cobrando, obviamente, o apoio que ela está dando para o cara [Lula], porque ela apoia o cara politicamente e o cara, por sua vez, tem a contrapartida para liberar as drogas", disse a simpatizantes no cercadinho do Palácio da Alvorada.

Apoiadores de Bolsonaro durante motociata em Feira de Santana (BA); aliados pregam avanço sobre eleitorado feminino e jovem para diminuir vantagem de Lula Kaio Vinicius - 1º.jul.22/Acorda Cidade

E prosseguiu: "Sabemos que esse pessoal de esquerda, quase todos, são favoráveis à legalização das drogas". Apesar de o presidente se referir de forma genérica à legalização das drogas, Anitta falou especificamente sobre maconha.

O presidente registra maior rejeição entre jovens (60%) e mulheres (61%), públicos mais próximos à artista.

Apesar de o entorno de Bolsonaro minimizar o impacto da cantora na disputa, o seu apoio fez disparar a popularidade de Lula nas redes sociais há dez dias, aponta o Índice de Popularidade Digital (IPD), calculado diariamente pela consultoria Quaest.

Bolsonaro, por sua vez, teve queda no índice após repetir ameaças golpistas a embaixadores. Integrantes da campanha constataram que os ataques ao sistema eleitoral, além de não renderem votos, prejudicam sua imagem.

A menos de três meses das eleições, Bolsonaro está 19 pontos atrás do ex-presidente, com 28% contra 47%, segundo o Datafolha.

A estratégia de aliados do chefe do Executivo será a de buscar uma fatia possível de jovens e mulheres —aqueles mais alinhados a pautas conservadoras. Por isso, esse conceito será amplamente explorado na campanha.

Bolsonaro coleciona declarações polêmicas sobre mulheres e já chegou a afirmar que sua única filha foi fruto de uma "fraquejada".

O chefe do Executivo foi orientado a ressaltar o que seu governo faz por mulheres, como a priorização delas na hora de distribuir títulos de terra.

A ideia da campanha é ir atrás do apoio de mães e avós e que elas consigam influenciar suas famílias e virar votos.

Do ponto de vista dos jovens, Bolsonaro também passou a adotar uma estratégia mais clara para atraí-los. Nos últimos dias, reviveu uma declaração do petista de novembro em que ele defendeu regulamentar as redes sociais.

Neste domingo (24), o PL realizará convenção no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, em que apresentará o presidente como candidato à reeleição. O evento terá espaços exclusivos para gravação de TikTok, rede social amplamente utilizada pelos mais jovens.

mundo

O chanceler Carlos França em evento da OCDE em Brasília Adriano Machado - 21.jun.22/Reuters

Bolsonaro coroa abalo ao Itamaraty com falas golpistas a diplomatas

Ministério é arrastado para eleição em meio a projeto para tornar parlamentares diplomatas sem perda de mandato

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA As teorias conspiratórias sobre urnas eletrônicas e os ataques contra o sistema eleitoral brasileiro, feitos pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) a uma plateia de embaixadores estrangeiros, consolidaram o enfraquecimento do Itamaraty a poucos meses das eleições.

O episódio —descrito reservadamente por diplomatas como vergonhoso e danoso aos interesses nacionais— também arrastou o Ministério das Relações Exteriores para a campanha de reeleição do presidente e colocou em xeque a imagem que Carlos França tenta projetar dentro do Itamaraty: a de um chanceler que trabalha para normalizar a pasta depois do período carregado de tintas ideológicas de seu antecessor, Ernesto Araújo.

A avaliação foi feita à **Folha** por diferentes diplomatas consultados desde segunda (18), quando Bolsonaro abriu as portas do Palácio da Alvorada para dezenas de chefes de missões diplomáticas estrangeiras e acusou ministros do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) de tramarem sua derrota no pleito de outubro.

Embora o Itamaraty tenha tentado se manter distante do episódio, diplomatas dizem que o ministério foi fatalmente vinculado ao caso por ser o órgão responsável por aconselhar a Presidência da República sobre assuntos de política externa. Também cabe à pasta o relacionamento com a comunidade diplomática sediada em Brasília —no caso, a plateia escolhida por Bolsonaro.

Além do mais, França esteve presente no Alvorada e acompanhou a exposição em que Bolsonaro reciclou mentiras e atacou o sistema eleitoral.

No Itamaraty, a atitude do presidente foi amplamente criticada em conversas reservadas. O diagnóstico geral é que a palestra internacionalizou uma crise que até o momento era doméstica e retratou o Brasil como uma espécie de republiqueta em que o próprio chefe do Executivo comanda uma ofensiva institucional contra o Judiciário.

Tratou-se, segundo diplomatas ouvidos, de um ato voltado para o público interno, principalmente a militância bolsonarista mais radical. O presidente também ignorou alertas de que a repercussão internacional seria majoritariamente negativa —o que se confirmou na imprensa estrangeira e nas notas que foram divulgadas pelos governos dos EUA e do Reino Unido reafirmando a confiança nas urnas eletrônicas.

Nos dias após o palanque montado no Alvorada, houve uma mobilização para tentar afastar os diplomatas do ocorrido. A articulação resultou numa nota divulgada pela ADB (Associação dos Diplomatas Brasileiros), que manifestou "plena confiança" na Justiça Eleitoral e no sistema eletrônico de votação.

"Desde sua implantação, em 1996, o sistema brasileiro de votação eletrônica é objeto de reiteradas demandas de cooperação internacional de transferência de conhecimento e tecnologia. Ao longo desse tempo, a diplomacia brasileira testemunhou sempre elevados padrões de confiabilidade que se tornaram referência internacional indissociável da imagem do Brasil como uma das maiores e mais sólidas democracias do mundo", afirma o comunicado da associação.

França não conseguiu evitar críticas de colegas devido à realização do evento no Alvorada. Um ato do tipo deveria ter sido desaconselhado pela chancelaria nos mais fortes termos, de acordo com diplomatas ouvidos, que ficaram apreensivos com o fato de ele não ter tido êxito na tentativa de preservar a diplomacia brasileira de uma agenda que consideram danosa aos interesses nacionais.

Essa visão é compartilhada por embaixadores estrangeiros ouvidos pela **Folha** sob reserva. Existe também o receio no Itamaraty de que o ministério seja envolvido ao longo do processo eleitoral em novos ataques de Bolsonaro ao sistema de votação. Uma das datas no calendário que gera apreensão é o encontro anual da Assembleia-Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), em setembro.

Embora a reunião de líderes esteja agendada para acontecer poucos dias antes do primeiro turno, o que deve reduzir as chances de Bolsonaro ir ao encontro, existe o temor de que o presidente queira utilizar o palco para outra vez internacionalizar sua campanha contra a Justiça Eleitoral.

Questionado sobre o tema e o papel de França na reunião no Alvorada, o Ministério das Relações Exteriores não respondeu aos questionamentos feitos pela **Folha**.

Internamente, o ministro é considerado alguém que vinha conseguindo afastar o Itamaraty, ao menos em parte, das pautas bolsonaristas, o que não impediu que a pasta publicasse nota de pesar pela morte de Luiz de Orleans e Bragança, neto da princesa Isabel, chamando-o de "Sua Alteza Imperial e Real".

Diplomatas próximos a França alegam que ele era contra a realização da apresentação no Alvorada, mas não tinha o que fazer diante da decisão do Planalto de promover o evento. Seus aliados também costumam defendê-lo com o argumento de que, não fosse ele o ministro, haveria o risco de Bolsonaro indicar para o Itamaraty um substituto com perfil parecido ao do antecessor.

O ex-chanceler Aloysio Nunes (PSDB) classifica o encontro de Bolsonaro com embaixadores de "vergonha alheia" que gerou "profundo constrangimento" entre diplomatas, mas concorda que França tinha pouca margem de manobra para evitar o ocorrido.

"Um presidente normal seria suscetível a receber aconselhamento de um diplomata experiente", disse ele. "Mas Bolsonaro não é um político normal. Você não aconselha o obsessivo a abandonar as suas obsessões. Um obsessivo é avesso a qualquer conselho em relação às suas obsessões. E nesse caso é uma obsessão que tem para Bolsonaro um sentido político claro: manter mobilizado o setor mais radical da sua base eleitoral."

A apresentação feita a embaixadores estrangeiros não é o único episódio recente que simboliza a fragilidade da pasta ou que tenha rendido desgaste para o ministro. Nas últimas semanas, uma articulação do senador Davi Alcolumbre (União-AP) quase resultou na aprovação, na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, de uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que permite a indicação de parlamentares para embaixadas sem a perda de mandato.

O projeto é considerado um duro golpe na carreira diplomática, e França, até o último momento, teve uma atuação pública discreta contra o texto —o que também lhe gerou críticas entre colegas.

Seus aliados novamente o defendem e dizem que ele articulou nos bastidores a não votação da PEC. O adiamento ocorreu após o chanceler ameaçar cancelar uma agenda na ONU em Nova York para voltar a Brasília e trabalhar contra a proposta, tendo obtido do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a promessa de que a proposição não avançaria no momento.

Por fim, o fato de que países como EUA e China estão sem embaixadores em Brasília, sendo representado por encarregados de negócios há meses, reforça o enfraquecimento diplomático do governo brasileiro.

Quando o Itamaraty deu sinais de enfraquecimento

Apresentação a embaixadores
Bolsonaro reuniu embaixadores no Palácio da Alvorada e propagou mentiras sobre o sistema eleitoral brasileiro. A apresentação recebeu críticas de outros Poderes e instituições, e representações estrangeiras depois reafirmaram apoio ao sistema. A Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB) disse em nota ter confiança na Justiça Eleitoral.

PEC 34
Proposta de emenda à Constituição em tramitação no Senado abre caminho para políticos virarem embaixadores sem perderem o mandato. O projeto é criticado por diplomatas, professores de relações internacionais e pesquisadores. O Itamaraty também se manifestou contra a PEC e afirmou, em nota, que a natureza do cargo de embaixador "recomenda distanciamento da política partidária"

Ausência de representantes no Brasil
O país tem um déficit na representação das chefias de missões diplomáticas em Brasília. China e EUA, por exemplo, são representadas por encarregados de negócios, e países do entorno regional, entre os quais Argentina e Chile, também estão sem embaixadores na capital federal, o que também reforça o enfraquecimento diplomático do governo brasileiro

Pedro Ladeira - 17.dez.16/Folhapress

Thomas Shannon, 64

Embaixador dos EUA no Brasil entre 2009 e 2013. Foi subsecretário para Assuntos Políticos do Departamento de Estado, um dos cargos mais importantes da diplomacia americana, e secretário de Estado assistente para assuntos do hemisfério Ocidental. Teve uma primeira passagem pela embaixada em Brasília entre 1989 e 1992.

Thomas Shannon

Bolsonaro estudou Trump e parece preparar terreno para questionar eleições

Ex-embaixador dos EUA no país vê receio de Washington com postura do presidente e afirma que Brasil ficaria isolado em caso de ruptura

ENTREVISTA

BRASÍLIA Ex-embaixador no Brasil e referência nos EUA para temas da América Latina, o diplomata Thomas Shannon, 64, diz à **Folha** que Jair Bolsonaro (PL) parece preparar o caminho para questionar o resultado das eleições de outubro.

Segundo ele, o presidente brasileiro e sua equipe estudaram a estratégia adotada pelo ex-líder americano Donald Trump, que em 6 de janeiro de 2021 insuflou uma invasão do Capitólio para tentar reverter a derrota no pleito presidencial.

Hoje aposentado da diplomacia, Shannon argumenta que Washington não teria problema em trabalhar com um eventual novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), hoje líder nas pesquisas, e diz que o Brasil ficaria isolado no caso de uma ruptura institucional. **RDC**

*

O que o sr. achou da reunião de Bolsonaro com embaixadores para propagar mentiras sobre o sistema eleitoral? Não entendo por que o presidente escolheu falar com o corpo diplomático sobre esse tema, mas acho que ele indicou um desejo de explicar para essa comunidade em Brasília —uma das maiores no hemisfério Ocidental, portanto ele falou para o mundo— por que não confia no sistema eleitoral.

Acho totalmente surpreendente que um presidente, eleito por esse sistema e que chefia um governo que representa a vontade popular, coloque em questão o sistema eleitoral do próprio país. E fazer essa argumentação a uma audiência diplomática transforma o surpreendente em perigoso. Ele parece estar preparando o caminho para não aceitar o resultado das eleições.

Isso confirma a análise de que Bolsonaro está imitando a estratégia de Trump? Acredito que Bolsonaro e sua equipe estudaram muito atentamente os eventos do 6 de Janeiro e chegaram a uma conclusão. Primeiro, que Trump fracassou porque dependia de uma multidão pouco disciplinada e não tinha apoio institucional —de lideranças partidárias, tribunais, Forças Armadas. Bolsonaro e sua equipe avaliaram que, na hipótese de tentar algo parecido, precisariam de apoio institucional.

No entanto, na eleição de Joe Biden, embora no voto popular tenha ocorrido uma diferença de 7 milhões de votos, no Colégio Eleitoral houve um resultado bem apertado, o que permitiu que Trump argumentasse que houve fraude. No Brasil as pesquisas indicam no momento que a disputa não está apertada. Então a pergunta a ser feita é: qual o plano de Bolsonaro? Esperar a votação ocorrer e declará-la inválida? Ou impedir que a eleição ocorra ao desqualificar todo o processo agora?

O fato de Bolsonaro ter algum apoio institucional lhe dá mais chances de ser bem-sucedido numa eventual tentativa de ruptura? Depende muito das instituições brasileiras e como elas vão responder. Recai sobre elas a tarefa de deixar claro que têm confiança no sistema eleitoral brasileiro.

E o sr. vê essa reação institucional ocorrendo? Está ganhando corpo, à medida que as pessoas entendem a gravidade da situação. Eu não sou brasileiro, não vou votar. Cabe aos brasileiros e às instituições brasileiras decidir o caminho que o país vai tomar. O sistema eleitoral brasileiro guiou o país no período democrático desde os anos 1980, ajudou o país a atravessar eleições presidenciais, dois impeachments, foi capaz de garantir transições pacíficas.

É um sistema que ganhou o respeito do mundo, e é chocante que nesse momento não tenha o respeito do presidente. É um erro criticar o processo eleitoral brasileiro porque abre espaço para que as pessoas tentem questionar a eleição por meio da violência, não pelos canais normais e pelos tribunais. Isso não deveria ser aceito num líder político.

A embaixada dos EUA publicou uma nota em que manifesta confiança no processo eleitoral brasileiro. Os EUA têm grande respeito pelo Brasil e pela democracia do país e estão preparados para trabalhar com qualquer liderança que o povo brasileiro escolher. O comunicado afirma que o relacionamento dos dois países tem como fundamento compromissos democráticos e valores comuns. Também coloca que os EUA respeitam as instituições brasileiras e o processo eleitoral e, assim, não concordam com as alegações de Bolsonaro.

Há no Brasil analistas que argumentam que a reação internacional seria suficiente para impedir uma ruptura institucional. O sr. concorda? Cabe aos brasileiros proteger sua democracia, assim como cabe aos americanos proteger a nossa. Não podemos depender de britânicos, franceses ou japoneses. Mas o que o mundo está dizendo é que é falso o argumento de que o sistema eleitoral brasileiro é fraudulento. Quando você pensa no que poderia ocorrer no caso de ruptura, estamos falando sobre consequências contra ações que não são democráticas. O que a comunidade diplomática está tentando fazer é garantir que o Brasil não chegue a esse ponto.

Que tipo de consequências uma ruptura poderia gerar? Há no governo quem diga que o Brasil é grande demais para ser isolado do mundo. Na minha experiência, o Brasil não aceita ameaças. É um erro ameaçar o Brasil. É por isso que países não estão abordando o tema para falar de consequências em caso de ruptura. O que os países estão fazendo é dizer aos brasileiros: seu sistema eleitoral funciona bem e temos confiança nele. Estão oferecendo seu apoio.

Mas se a argumentação no governo Bolsonaro é que o Brasil é importante demais ao ponto de poder fazer o que quiser, isso simplesmente não é verdade. Veja o que está ocorrendo com a Rússia. É uma economia enorme, o maior território do mundo, um país em que os EUA gastaram 30 anos construindo uma relação econômica. E tudo acabou num instante devido ao comportamento [da Rússia, que invadiu a Ucrânia]. Se houver o colapso da ordem democrática, o Brasil ficaria isolado, ao menos no hemisfério Ocidental e na Europa. Sob muita pressão política e econômica.

No recente encontro entre Bolsonaro e Biden, a imprensa reportou que o líder brasileiro retratou Lula como uma ameaça aos interesses americanos. Esse tipo de mensagem é efetivo? Enquanto o líder brasileiro for escolhido livremente pelo sistema democrático, os EUA trabalharão com quem o povo brasileiro escolher. No caso de Lula, ele foi presidente por oito anos; sua sucessora [Dilma Rousseff] esteve no cargo por quase seis. São 14 anos de governo do PT. Os EUA conhecem bem e estão familiarizados com Lula e seu partido. Foi desenvolvida uma relação de trabalho muito boa, assim como com todos os presidentes eleitos democraticamente no Brasil. Até agora, claro.

O quão preocupado o governo Biden está com a instabilidade institucional causada por Bolsonaro? O fato de a embaixada ter divulgado um comunicado, seguido de manifestação do porta-voz do Departamento de Estado [Ned Price], significa que o governo dos EUA está muito preocupado.

Republicanos no Senado barraram a aprovação da embaixadora indicada para o Brasil, Elizabeth Bagley. Isso limita a capacidade do governo dos EUA de, nas eleições, manifestar suas posições? Nós temos uma excelente embaixada no Brasil, e nosso encarregado de negócios [Douglas Koneff] é um servidor muito bom. Ele tem relatado a situação a Washington e expressado as visões dos EUA [ao governo Bolsonaro]. Disto isso, num mundo definido pelo protocolo, um embaixador é melhor do que um encarregado de negócios.

Elizabeth Bagley era uma boa escolha. O fato de o Comitê de Relações Exteriores não ter aprovado seu nome foi lamentável. E tem um impacto muito negativo em razão da importância da relação [dos dois países] e do momento. Os republicanos sabiam disso.

EUA debatem mochila transparente para segurança em escolas

Rafael Balago

WASHINGTON Escolher uma mochila nova para a volta às aulas nos Estados Unidos, em agosto, pode se tornar tarefa mais complexa. Depois de o país registrar uma série de ataques a tiros, pais, escolas e autoridades debatem se a escolha do modelo pode ajudar os estudantes a se proteger.

O caso mais recente em instituições de ensino, em Uvalde, matou 19 crianças em maio. Agora, algumas cidades anunciaram medidas para tentar aumentar a segurança. Na segunda (18), Dallas, no Texas, determinou que alunos do ensino fundamental e médio terão de usar mochilas transparentes, dadas pelo governo — eles poderão levar uma segunda bolsa, menor e opaca, para itens pessoais, como remédios, absorventes e carteira.

"Reconhecemos que mochilas transparentes, sozinhas, não eliminarão preocupações de segurança. Esse é apenas um de vários passos de um plano para garantir a segurança", afirmou a prefeitura.

Modelo de mochila transparente semelhante ao que cidades americanas vão adotar Divulgação

Em Lafayette, na Louisiana, mochilas transparentes também serão obrigatórias. Lá chegou-se a debater a exigência de que até lancheiras deixassem o conteúdo visível, mas pais reclamaram do custo, e a ideia foi descartada.

Apesar das boas intenções, analistas questionam as medidas. "Se um aluno quiser de fato cometer um crime, pode enrolar a arma em um pano ou colocá-la num livro falso na mochila", diz Jorge Lordello, especialista em segurança. Para ele, o mais indicado seria restringir o acesso de pessoas de fora às escolas e reforçar cuidados com a saúde mental dos estudantes.

Investimentos em atendimento psicológico e monitoramento de pessoas com comportamentos destrutivos são quase um consenso entre democratas e republicanos. Em casos recentes, os atiradores tinham dado sinais de que sofriam de depressão e isolamento e que planejavam um massacre.

Em outros pontos, porém, há divisão forte: democratas defendem que é preciso restringir o acesso da população a armas; republicanos dizem que elas não são o problema e que a saída é reforçar a segurança nas escolas. Assim, surgem ideias como mudar mochilas, criar bunkers em sala de aula e armar professores.

Houve um aumento na busca por mochilas à prova de balas desde o caso de Uvalde, segundo dados do Google Trends. O produto em geral não é encontrado em grandes varejistas e tem preço elevado: mais de US$ 100, cinco vezes mais do que uma comum.

Outras propostas também têm a eficácia questionada. Criar espaços seguros, para onde os estudantes possam correr em caso de ataque, é de implantação complexa: eles precisariam ser grandes para abrigar dezenas (ou centenas) de pessoas e, ao mesmo tempo, rapidamente acessíveis.

Para barrar por completo a entrada de armas, seria preciso fazer revistas, como em aeroportos, mas escolas possuem dinâmica diferente. "Ao viajar, as pessoas chegam aos poucos, com antecedência. Na escola, entram todas no mesmo horário. Seria preciso ter uma grande estrutura, com vários agentes e detectores de metal", pondera Lordello.

Karla Hernandez-Mats, presidente de um sindicato de professores em Dade, na Flórida, vê com restrições essa abordagem que, para ela, transformaria escolas em prisões. "Nós, professores, não somos agentes da lei; e não queremos ser", afirma à **Folha**.

Ela conta que o estado mudou diversas regras depois do ataque a uma escola de Parkland, em 2018, com 17 mortes. "Desde então, não temos mais campus abertos e limitamos o acesso à escola o máximo possível. Temos um policial em cada escola e ensinamos às crianças como se proteger quando dissermos que há um código vermelho."

A professora aponta que o treinamento é dado para alunos a partir de três anos, idade em que ainda não entendem bem o conceito de morte. "Elas repetem palavras que os adultos dizem, mas não entendem por que estão sendo treinadas."

7ª onda acende alerta de nova explosão da Covid na Europa

OMS vê risco de 'inverno difícil'; com flexibilização, cientistas cobram governos

Renan Marra

SÃO PAULO Mais de dois anos após o início da pandemia, a Europa volta a lidar com o avanço do coronavírus e um aumento de internações devido à doença. A sétima onda da Covid, impulsionada pela disseminação de subvariantes da ômicron, acende o alerta para o risco de uma explosão de casos no outono e no inverno no hemisfério Norte.

Epicentro das infecções no começo da crise sanitária, o continente voltou aos holofotes: o boletim mais recente da Organização Mundial da Saúde (OMS), na quinta (21), mostrou que nos sete dias anteriores a Europa concentrou 44% dos novos casos no mundo.

O quadro, ainda que menos grave em relação a outros momentos, fez com que a OMS alertasse para a possibilidade do que chamou de meses difíceis depois do verão europeu, caso as autoridades não tomem providências desde já.

"Esperar para agir no outono [a partir de setembro] será tarde demais", destacou o diretor regional para a Europa, Hans Kluge. O número de novas infecções triplicou nas últimas seis semanas, e as taxas de hospitalização dobraram no mesmo período.

O Centro Europeu para Prevenção e Controle de Doenças (ECDC, na sigla em inglês) indicou que 12 dos 27 países da União Europeia relataram em 10 de julho aumento da ocupação em hospitais em relação à semana anterior e que 23 registraram aceleração de casos em pessoas com 65 anos ou mais.

Ainda que as internações em UTIs permaneçam, por ora, relativamente baixas, 3.311 pessoas morreram no continente em uma semana, segundo a OMS —número distante do pico de janeiro de 2021, quando, ainda sem as vacinas, 40 mil pessoas perderam a vida no mesmo período.

A imunização tem taxas relativamente satisfatórias —segundo o ECDC, na UE 75,4% da população recebeu ao menos uma dose. Mas o ritmo de ampliação da cobertura vacinal deixou de avançar numa velocidade desejável. Mais de um ano depois do início das campanhas de imunização, a taxa da segunda dose no bloco é de 72,8%, a da primeira dose de reforço chega a 53% e a da segunda ainda está em 5,1%.

Autoridades de saúde não esperam que a onda atual provoque mortes nos patamares do primeiro ano da pandemia, mas especialistas expressam preocupação com a estrutura dos sistemas de saúde para uma possível enxurrada de novos infectados. Holanda, Hungria e Luxemburgo são os países da UE com o maior percentual de novos casos confirmados em uma semana (61%, 51% e 48% de aumento, respectivamente), e esse avanço não se limita ao bloco.

Editorial conjunto de duas revistas médicas britânicas enfatizou preocupações no Reino Unido ao indicar que, nos últimos 50 anos, nunca tantas áreas do setor de saúde estiveram tão perto de "deixar de funcionar efetivamente", prenunciando o que pode vir a ser um colapso em função da alta na Covid.

Foram 9.000 admissões hospitalares devido ao vírus por semana nos primeiros seis meses e meio deste ano; em 2021, a média era de 6.000, e, no primeiro ano de pandemia, 7.000, indicaram os editores de The BMJ e Health Service Journal, que também criticaram a falta de medidas enérgicas das autoridades.

"Infelizmente, o governo está preocupado demais em resolver os próprios desastres políticos para fornecer à população o apoio que precisa", diz Stephen Griffin, virologista da Universidade de Leeds. Segundo ele, o país tem filas em hospitais por falta de pessoal, ao mesmo tempo que o financiamento de medidas de combate à Covid vem sendo cortado.

Prevalecem entre as novas infecções na Europa as subvariantes da ômicron BA.4 e BA.5 —que superam a marca de 90% dos casos também no Brasil. Estudos apontam que as cepas, detectadas na África do Sul no início de 2022, são mais contagiosas do que as anteriores BA.1 e BA.2.

Outro aspecto que mudou são as medidas de prevenção. Nos últimos meses, governos europeus descartaram muitas das táticas usadas na contenção do vírus, entre as quais o uso obrigatório de máscaras, os testes em massa, o comprovante de vacinação e a exigência de testes para viajantes.

A flexibilização foi autorizada após o avanço da vacinação e a queda no número de mortes, mas contou com a pressão dos impactos econômicos dos lockdowns, agravados neste ano pela Guerra da Ucrânia.

Pesquisa global de março da consultoria McKinsey apontou a instabilidade geopolítica como principal preocupação para o crescimento econômico doméstico, seguida pela inflação e pela volatilidade dos preços da energia —a Covid, que liderava a lista, foi só o oitavo motivo mais citado.

Fora da Europa, outros alertas estão se acendendo. Nos EUA, de 4 a 11 de julho foram registrados 866,4 mil casos, aumento de 17,2% em relação à semana anterior. O número é quase quatro vezes maior do que a média de março, ainda que esteja longe do pico de 5,6 milhões, visto em janeiro. No país, 67% dos habitantes estão com o primeiro ciclo de imunização completo, e a média de mortes é de 414 por dia.

Na ponta oposta, a África é o continente com o menor número de novos casos confirmados em uma semana, mesmo com a taxa mais baixa de vacinação —há que se pesar também a subnotificação. Segundo a OMS, 36,2 vacinas foram aplicadas no continente para cada 100 pessoas, bem distante das 171,2 na Europa e 188,15 nas Américas.

O aumento de casos e hospitalizações em várias regiões é explicado, em parte, porque a resposta imune das vacinas é menor contra as novas subvariantes —os imunizantes, porém, permanecem eficazes.

Segundo o presidente da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal, José David Urbaez, o quadro sugere que, com o surgimento de variantes, é difícil traçar uma perspectiva a longo prazo. "A pandemia não tem a mesma magnitude de antes, mas não temos como prever a evolução das variantes. Por isso, governos precisam ser muito mais prudentes."

Europa enfrenta sétima onda da Covid-19

Casos confirmados de coronavírus no continente, em milhões

Europa tem quase metade dos casos de coronavírus do mundo*

Total, desde o início da pandemia, em %

	Europa	Américas	Pacífico Ocidental**	Sudeste Asiático	Mediterrâneo Oriental***	África
Casos	42	30	12	11	4	2
Mortes	32	44	4	12	5	3

*De 11 a 17 de julho de 2022; considerando divisão regional adotada pela Organização Mundial da Saúde; números arredondados | **Região inclui 37 países da Ásia e Oceania | ***Região inclui 21 países do norte da África, Oriente Médio e Ásia mais território da Palestina | Fontes: Organização Mundial da Saúde e Centro Europeu para Prevenção e Controle de Doenças

Morador de Kharkiv deixa prédio residencial após local ser bombardeado Serguei Bobok/AFP

Ucrânia acusa Rússia de atacar cidade portuária 1 dia após pacto

GUERRA DA UCRÂNIA

KIEV | REUTERS E AFP As Forças Armadas da Ucrânia acusaram a Rússia de atacar com mísseis, neste sábado (23), infraestruturas da cidade portuária de Odessa, no sul do país, no que seria um golpe no acordo assinado menos de 24 horas antes para desbloquear as exportações de grãos dos portos do Mar Negro.

O pacto assinado por Moscou e Kiev, com mediação da Turquia e da ONU, é visto como crucial para conter os preços globais de alimentos e permitir que certas exportações fossem enviadas da Ucrânia.

"O inimigo atacou o porto comercial marítimo de Odessa com mísseis de cruzeiro Kalibr", escreveu Sergi Brachuk, porta-voz do governo regional, em uma nota publicada nas redes sociais. "Dois mísseis atingiram a infraestrutura do porto, enquanto outros dois foram abatidos pelas forças de defesa aérea."

A ação, no entanto, não causou danos sérios, de acordo com o Exército da Ucrânia, citado pela emissora pública Suspilne, que não relatou vítimas nem prejuízos aos locais de armazenagem de grãos. No Facebook, Oleksandr Kubrakov, ministro de Infraestrutura da Ucrânia, escreveu que o país "continuará os preparativos técnicos para o lançamento das exportações de produtos grícolas de nossos portos".

Para o porta-voz da chancelaria ucraniana, Oleg Nikolenko, ao disparar os mísseis, o líder russo, Vladimir Putin, "cuspiu na cara do secretário-geral da ONU e do presidente turco, que fizeram esforços enormes para chegar a esse acordo".

O Kremlin não respondeu ao pedido de comentários da agência de notícias Reuters, mas o ministro de Defesa da Turquia, Hulusai Akar, afirmou que autoridades russas disseram a Ancara que Moscou "não tem nada a ver" com o ataque a Odessa e que "está acompanhando o episódio de perto".

António Guterres, chefe da ONU, "condenou inequivocamente" os relatos da ofensiva, e a Turquia disse que o fato de a ação ter ocorrido no dia seguinte à assinatura do trato traz sérias preocupações.

O bloqueio dos portos ucranianos pela frota russa do Mar Negro impediu a saída de dezenas de milhões de toneladas de grãos e de muitos navios, o que piorou os gargalos da cadeia de suprimentos global e, junto com as sanções ocidentais à Rússia, alimentou a inflação dos preços de alimentos e energia.

O acordo assinado na sexta visa a evitar a fome entre dezenas de milhões de pessoas em países mais pobres, principalmente na África, injetando mais trigo, óleo de girassol, fertilizantes e outros produtos nos mercados mundiais, inclusive para necessidades humanitárias, em parte a preços mais baixos.

Antes do ataque, autoridades da ONU haviam dito que o trato estaria totalmente em vigor em semanas, retomando as saídas de grãos de três portos para níveis pré-guerra, de 5 milhões de toneladas por mês.

Sob o pacto, oficiais ucranianos guiariam navios por canais seguros em águas minadas até três portos, incluindo Odessa, onde seriam carregados com grãos. Moscou nega a responsabilidade pela crise, culpando as sanções impostas por países do Ocidente por desacelerar suas próprias exportações de alimentos e de fertilizantes e a Ucrânia por colocar explosivos próximos a seus portos no Mar Negro.

O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, disse neste sábado, no aplicativo Telegram, que o ataque a Odessa prova que, "não importa o que a Rússia diga e prometa, o país encontrará formas de não implementar o acordo".

Recuperar instituições é 1º passo para melhorar economia em 2023

A pedido da Folha, economistas listam quais devem ser as prioridades para o próximo governo

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Reverter a deterioração das instituições políticas e econômicas do Brasil, promovida pelos Poderes Executivo e Legislativo nos últimos anos, é visto como um dos principais desafios para o próximo presidente da República para que o país volte a crescer de forma sustentável.

Essa é a visão de analistas quando questionados pela **Folha** sobre as três prioridades na área econômica para o próximo mandato presidencial. As respostas mostram que é necessário ir além das reformas que aumentam a eficiência do gasto público e a competitividade do setor privado, pauta que se destacou na eleição passada.

Os ataques à democracia e as constantes mudanças feitas na Constituição a toque de caixa abalam a confiança dos agentes econômicos, afirmam os entrevistados, além de afastar investimentos.

Para além da opinião individual dos economistas, essa percepção se reflete atualmente no aumento do risco-país, das taxas de juros de longo prazo e no câmbio.

Há dúvidas, no entanto, sobre a possibilidade de o país eleger um presidente e um Congresso capazes de avançar na reconstrução do arcabouço institucional, em um momento em que o presidente da República, segundo colocado nas pesquisas eleitorais, afirma que pode desrespeitar o resultado das urnas.

"O que precisaria ser consertado de pronto por quem estiver no comando do país a partir de janeiro é o nosso arcabouço institucional", afirma José Júlio Senna, chefe do centro de estudos monetários do FGV Ibre e ex-diretor do Banco Central.

"Isso envolve as questões ligadas ao nosso sistema político, à nossa democracia, às questões fiscais e ao comportamento dos governantes. Não me refiro só ao Executivo, também ao Legislativo. As atividades econômicas dependem fundamentalmente de confiança no futuro."

Senna destaca as frequentes mudanças na Constituição para aumentar os gastos no ano eleitoral e também os ataques ao sistema democrático, fatores que trazem insegurança jurídica e desconfiança ao setor privado.

André Biancarelli, diretor do Instituto de Economia da Unicamp, afirma que a volta à normalidade institucional é o passo inicial, um desafio para além da economia, sem o qual o Brasil não vai avançar nas questões propriamente econômicas.

"O país precisa de um esforço concentrado de reconstrução institucional e civilizatória", afirma Biancarelli.

"O Brasil não vive, faz tempo, tempos normais do ponto de vista de como se organiza a sociedade, as relações jurídicas, a política e as relações econômicas."

Biancarelli também coloca entre as prioridades a reconstrução das regras fiscais, outro ponto destacado por vários analistas, embora não haja consenso sobre quais seriam as mais adequadas para o momento atual de restrições orçamentárias. Ele, por exemplo, defende a substituição do teto de gastos e o fim de mecanismos como o orçamento secreto.

Silvio Campos Neto, economista e sócio da Tendências Consultoria, vê a reconstrução dos pilares fiscais como uma prioridade, ao lado das reformas administrativa e tributária.

Para ele, o país precisa transmitir uma mensagem de austeridade, disciplina, com regras rígidas e críveis, para voltar a uma situação de juros mais baixos, como ocorreu logo após a aprovação do teto de gastos, no governo Michel Temer (2016-2018).

Campos Neto afirma ver baixa probabilidade de que esse cenário se concretize, considerando os candidatos que lideram as pesquisas eleitorais.

"É possível, mas depende de um governo que acredite nessa agenda e tenha capacidade política de implementá-la", afirma. "É um cenário otimista acreditar que realmente essas três agendas sejam tocadas, seja qual for o governo, entre as hipóteses mais consideradas."

Embora reconheçam a dificuldade em implementar tais medidas, os analistas veem a reforma das regras fiscais como inevitável —a questão já foi até citada em documento pela candidatura Lula.

A reforma tributária, que avançou no Congresso a partir das propostas apresentadas por governo e parlamentares desde 2019, também é apontada como mais madura, enquanto a administrativa é vista como mais difícil.

"A reforma tributária é uma demanda que já vem de tempos, é uma reivindicação forte de parte do empresariado. Em determinado momento, o governo vai ter de mexer nisso, mas vai depender também da característica do Legislativo que vai ser eleito", afirma Otto Nogami, professor de pós-graduação e educação executiva do Insper.

Margarida Gutierrez, economista e professora do Coppead/UFRJ, afirma que, sem resolver a questão fiscal, o novo presidente não conseguirá fazer a economia crescer e o país também precisa avançar na agenda de produtividade, com prioridade para as reformas tributária e administrativa.

Ela destaca que nenhum dos pré-candidatos mais bem colocados nas pesquisas tem um programa de governo que vá nesse sentido e que se corre o risco de que, daqui quatro anos, as mesmas discussões se repitam.

"A questão fiscal é inevitável. Sem ela, a gente não chega a lugar nenhum. O país não vai crescer com o desarranjo fiscal que a gente tem hoje."

Prioridades para o próximo mandato presidencial na área econômica

MARGARIDA GUTIERREZ
economista e professora do Coppead/UFRJ

- Lidar com o desequilíbrio fiscal
- Agenda de produtividade da economia (investimento em mão de obra/educação e infraestrutura, privatizações e abertura da economia, reformas administrativa e tributária)

OTTO NOGAMI
professor de pós-graduação e educação executiva do Insper

- Reforma administrativa
- Reforma tributária
- Nova reforma da Previdência

SILVIO CAMPOS NETO
economista e sócio da Tendências Consultoria

- Reconstrução dos pilares do arcabouço fiscal
- Reforma administrativa
- Reforma tributária

ANDRÉ BIANCARELLI
diretor do Instituto de Economia da Unicamp

- Reconstrução institucional e civilizatória
- Voltar a crescer, com participação do Estado na economia para articular objetivos econômicos, sociais e ambientais
- Reforma no arcabouço da política fiscal (teto de gastos)

JOSÉ JÚLIO SENNA
chefe do centro de estudos monetários do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas)

- Recuperação do arcabouço institucional (econômico e político)
- Programa com reformas para aumento da produtividade
- Revisão de alocação de recursos e de políticas públicas

Contestar votação ampliaria estresse no mercado, diz economista

ENTREVISTA
LUIS OTAVIO DE SOUZA LEAL

SÃO PAULO O pacote de auxílios aprovados via PEC (proposta de emenda à Constituição) recolocou o presidente Jair Bolsonaro (PL) no jogo eleitoral e tornou a disputa mais acirrada, o que eleva o risco de contestação do resultado e de uma crise institucional, com reflexos no mercado financeiro. Essa é a avaliação de Luis Otavio de Souza Leal, economista-chefe do Banco Alfa.

"O grande impacto desse acirramento, do aumento da competitividade da candidatura Bolsonaro até o segundo turno, a gente vai ver nos ativos [como Bolsa de Valores e dólar]. Não é uma questão do que é melhor para o mercado, Lula ou Bolsonaro. É muito mais a probabilidade de uma crise institucional", afirma o economista.

Para ele, a emenda constitucional que autorizou o governo federal a estourar o teto de gastos em R$ 41 bilhões afasta o risco de uma recessão no Brasil em 2022, mas o aumento da demanda vai exigir juros altos por mais tempo, o que prejudica o crescimento em 2023.

*

Em relatório a clientes, você afirma que a PEC dos benefícios pode ser determinante para os resultados nos próximos meses tanto no campo econômico como político. Qual o impacto sobre a economia brasileira no segundo semestre deste ano? Você vai ter um terceiro trimestre bem mais forte do que estava se esperando antes. Era lugar-comum no mercado até algum tempo atrás dizer que o PIB do segundo semestre ia ser negativo, até com dois trimestres negativos, gerando uma recessão técnica. Isso está mudando. Nossa projeção para o terceiro trimestre passou de uma queda de 0,10% do PIB para alta de 0,20%, e com viés de alta. Para 2022, a gente passou de 1,7% para 2%. E 2% é piso.

A gente tem discutido a questão fiscal: são R$ 41 bilhões a mais de gasto. A contrapartida disso são R$ 41 bilhões para o consumo. Boa parte irá para uma faixa de renda que é consumo na veia. Mesmo que a pessoa use o dinheiro inicialmente para diminuir endividamento, vai usar esse espaço para se endividar de novo.

Qual o impacto desse crescimento sobre a inflação e sobre o PIB de 2023? Mais consumo significa uma demanda mais forte, o que torna mais difícil reduzir a inflação.

Há algumas projeções de taxa de juros apontando que, em vez de parar em 13,75%, o Banco Central vai ter de acabar [de subir a Selic] em 14,5%, alguma coisa assim.

Acho que vai parar em 13,75%, mas essa demanda mais aquecida vai fazer com que ele tenha de deixar os juros altos por mais tempo. Nesse sentido, você pode ter uma redução do PIB no ano que vem. A gente está com 0,5% de alta, com viés de baixa.

Duas coisas sustentaram o crescimento neste ano, o setor externo e as medidas tomadas pelo governo. Nenhum dos dois vai estar presente no ano que vem. Então, de onde viria o crescimento? E a média dos juros vai ser mais alta que em 2022. Quando junta isso tudo, é difícil ser otimista com o crescimento no ano que vem.

Divulgação

Luis Otavio de Souza Leal
Economista-chefe do Banco Alfa, é bacharel e mestre em economia pela PUC-RJ, onde atuou como professor. Foi economista-chefe de instituições como Banco ABC Brasil, Pictet e Fecomércio-RJ

O ciclo eleitoral brasileiro sempre foi marcado por este vaivém: o mercado fica nervoso na véspera das eleições e depois devolve tudo quando começa o governo. Principalmente quando tem essas incertezas que a gente tem agora. Não acho que vai ser diferente dessa vez. Para o gestor ou o investidor pessoa física, é um momento de oportunidade

Você afirma que a PEC pode ser um divisor de águas das apostas para o resultado eleitoral e que, quanto mais acirrada for a disputa, maior a chance de haver contestações do resultado. Qual o reflexo disso na economia? O grande impacto desse acirramento, do aumento da competitividade da candidatura Bolsonaro até o segundo turno, a gente vai ver nos ativos [como Bolsa e dólar].

Não é uma questão do que é melhor para o mercado, Lula ou Bolsonaro. É muito mais a probabilidade de uma crise institucional. Da possibilidade de Bolsonaro, se for derrotado, não aceitar o resultado. Quanto mais acirrada estiver a campanha e mais perto das eleições, mais essa discussão vai surgir.

Embora afirme que uma crise institucional não é o seu cenário mais provável, você diz que a simples chance de que isso ocorra irá se refletir no preço dos ativos brasileiros. Qual seria o impacto? Eu dou um exemplo. Digamos que você atribua uma probabilidade de 10% de isso acontecer. Então você tem de colocar um prêmio de 10% em cima dos ativos. A gente estaria falando de um dólar próximo de R$ 5,90 e uma Bolsa próxima de 90 mil pontos.

A maior parte do movimento de alta do dólar que a gente viu recentemente tem a ver com a questão da política monetária nos Estados Unidos, foi o fortalecimento mundial do dólar. Um pedaço foi a piora da percepção fiscal por causa da PEC.

A questão eleitoral, se pode ter ou não um problema institucional, não entrou ainda no preço. Acho que o mercado pode começar a incorporar um pouco disso a partir do 7 de Setembro. O 7 de Setembro vai ser um bom desafio para esse cenário.

Qual a postura do gestor diante dessa instabilidade durante o período eleitoral e com uma possível calmaria posteriormente? Se você não achar que vai ter uma crise institucional stricto sensu, independentemente de quem ganhar, o Brasil não acaba.

Considerando que o país não vai acabar depois das eleições, o que vai acontecer é que quem comprar Brasil quando o dólar estiver a R$ 6, a Bolsa abaixo de 90 mil pontos, vai ganhar quando esse prêmio for retirado.

O ciclo eleitoral brasileiro sempre foi marcado por este vaivém: o mercado fica nervoso na véspera das eleições e depois devolve tudo quando começa o governo. Principalmente quando tem essas incertezas que a gente tem agora. Não acho que vai ser diferente dessa vez. Para o gestor ou o investidor pessoa física é um momento de oportunidade. **Eduardo Cucolo**

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*
painelsa@grupofolha.com.br

Eduardo Mufarej

Declaração ou canetada não acabarão com trabalho de instituições na eleição

SÃO PAULO As falas de Bolsonaro contra as urnas são chocantes mas não devem comprometer o processo eleitoral nem trazer ruptura institucional, na opinião do empresário Eduardo Mufarej, fundador do RenovaBR, movimento para a formação de candidatos políticos.

"Não é uma canetada ou uma declaração que vai acabar com o trabalho de tantas instituições envolvidas nas eleições. Acompanho a seriedade do trabalho da corte eleitoral", afirma o empresário.

Mufarej, que era um dos maiores entusiastas da candidatura de Luciano Huck como terceira via, até a desistência do apresentador, há um ano, hoje apoia Simone Tebet, mas avalia que, para o nome da senadora conseguir subir nas pesquisas vai precisar de união do centro democrático.

Sobre os sinais para a economia que têm sido enviados pela campanha de Lula, Mufarej avalia que não são bons. "O governo dele teve méritos em algumas áreas, mas os interlocutores são os mesmos que deixaram rastros desastrosos para o país", diz.

*

O presidente Jair Bolsonaro voltou a fazer declarações contra o sistema eleitoral brasileiro no evento com embaixadores. Que risco o sr. vê nisso? São falas chocantes, mas que não acredito que comprometam o nosso processo e tragam algum tipo de ruptura institucional. Não é uma canetada ou uma declaração que vai acabar com o trabalho de tantas instituições envolvidas nas eleições. Acompanho a seriedade do trabalho da corte eleitoral.

Temos um volume altíssimo de candidaturas em jogo nas majoritárias estaduais e nos cargos do legislativo federal e estadual. Só em 2018 foram mais de 26 mil candidaturas aptas à disputa. Reduzir o nosso processo eleitoral apenas à disputa presidencial é limitar nossa forma de pensar o Brasil.

No empresariado, há quem diga que as falas de Bolsonaro contra as urnas são uma bobagem e que não têm potencial prejudicial. O sr. concorda com isso? Eu acho que a tentativa de enfraquecimento das instituições democráticas vigentes é um grande problema. O Brasil é um país jovem, com entidades que precisam de fortalecimento, não o contrário. Esse processo está distante de ser uma bobagem.

O sr. é um dos empresários que apoiam a candidatura de Simone Tebet. Acha que é possível ver o nome dela subir nas pesquisas? E como isso aconteceria? Acho que é possível sim, mas para isso os personagens que se intitularam do centro democrático precisam se unir. São fundamentais o debate de ideias e as diferentes possibilidades de escolha, inclusive além da Simone Tebet, nessas eleições. O eleitor e o Brasil merecem isso.

Que riscos que o sr. vê em uma eventual candidatura do ex-presidente Lula? E quais seriam esses riscos no caso de Bolsonaro? A polarização dominou e empobreceu o debate. Infelizmente, abandonamos planos ou projetos para o país. Voltamos às decisões de momento pautadas por grupos e interesses específicos.

A última década é de declínio absoluto e não temos a capacidade de reconhecer essa realidade e propor caminhos.

O tempo passou, a sociedade evoluiu, e o debate regrediu.

O sr. acha que a chegada de recursos da PEC que amplia benefícios sociais tem potencial de mudar o cenário e favorecer Bolsonaro? Enxergo que sim. O baixo crescimento econômico, sentido por grande parte da população e com maior impacto nos mais vulneráveis, abre espaço para medidas políticas e eleitoreiras.

Como avalia os sinais da campanha de Lula para a economia até agora? Os sinais sob a perspectiva econômica não são bons. O governo dele teve méritos em algumas áreas, mas os interlocutores são os mesmos que deixaram rastros desastrosos para o país. O momento demanda reposicionamento com um olhar para o futuro e não para reviver o sonho de ser uma potência dos anos 1990.

O sr. pretende participar de algum novo manifesto com outros nomes do empresariado em defesa da democracia? Que efeito pode ter esse tipo de manifestação neste momento? Com o apoio de milhares de brasileiros de todas as regiões do país, lançamos em 2018 uma das maiores escolas de formação e inclusão democrática do mundo, que inclusive já serviu como inspiração para iniciativas em países tão diversos como França e Costa Rica. Estar ao lado da democracia não é uma opção, é a escolha que fizemos ao criarmos o Renova.

Quais perspectivas tem o RenovaBR, do ponto de vista de renovação na política para as eleições deste ano? Sou muito otimista com a renovação dos quadros e a qualificação de lideranças política no longo prazo. O papel institucional do Renova é dar as condições para que as pessoas que nunca participaram do processo político possam se envolver e qualificar o debate.

Foram mais de 60 mil inscritos, 2 mil formados e 176 eleitos nos últimos quatro anos.

O caminho será longo, como uma maratona, porém, sabemos que quanto mais nomes qualificados tivermos dispostos a trabalhar pelo país e pelo fortalecimento da nossa política e democracia, melhor para o Brasil.

Raio-X

Formado em administração de empresas pela PUC-SP. Participou do conselho de administração da Arezzo e da Omega Energia. Foi presidente do conselho de administração da Somos Educação, e atuou como presidente da companhia. Fundou o movimento RenovaBR, o projeto Estímulo 2020 e a gestora GK Ventures, além de membro do conselho consultivo do Centro de Liderança Pública

Inflação da Copa testa torcida do brasileiro pela seleção neste ano

Preços de itens como carne, cerveja e churrasco sobem mais em 2022 do que o observado às vésperas dos Mundiais anteriores

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Com a alta de preços de TV, cerveja, carnes e até figurinhas, o amor do brasileiro à camisa será testado na Copa do Mundo deste ano. A boa notícia é que gol da Alemanha não é corrigido pela inflação.

A alta de preços acumulada às vésperas da competição em 2023 já supera a observada nos períodos que antecederam campeonatos anteriores.

Produtos como televisor, alimentos e bebidas têm altas de dois dígitos no Brasil desde a Copa mais recente, realizada em 2018, indica um levantamento feito pelo economista Bruno Imaizumi, da LCA Consultores, a pedido da **Folha**.

O churrasco em dias de partidas, por exemplo, deve ficar mais salgado. De agosto de 2018, após o término do Mundial da Rússia, até junho de 2022, as carnes acumularam inflação de 76,79%.

A alta é superior aos avanços registrados no acumulado no mesmo período nas vésperas das últimas Copas — de 62,02% até junho de 2010, de 46,28% até junho de 2014 e de 29,95% até junho de 2018.

O pão francês, que pode ser um reforço no cardápio, subiu 30,45%. A cerveja para consumo em casa também avançou no mesmo período: 17,37%.

Outras bebidas, como refrigerante e água mineral (23%) e suco de frutas (17,38%), tampouco escaparam da pressão sobre os preços.

O levantamento foi produzido com base em dados do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo).

A Copa do Mundo deste ano será disputada no Qatar em um período atípico, de 21 de novembro a 18 de dezembro. Assistir aos jogos em bares e restaurantes também deve custar mais do que em 2018 para o brasileiro.

De agosto daquele ano a junho de 2022, a cerveja fora de casa aumentou 13,89%, enquanto refrigerante e água mineral acumularam inflação de 18,77%. O lanche avançou 33,81%, e a refeição teve alta de 18,71%.

De acordo com Imaizumi, era de esperar que os preços subissem no período de quatro anos. A questão, aponta o economista, é que a inflação está mais disseminada neste momento se comparada a anos recentes de Copa.

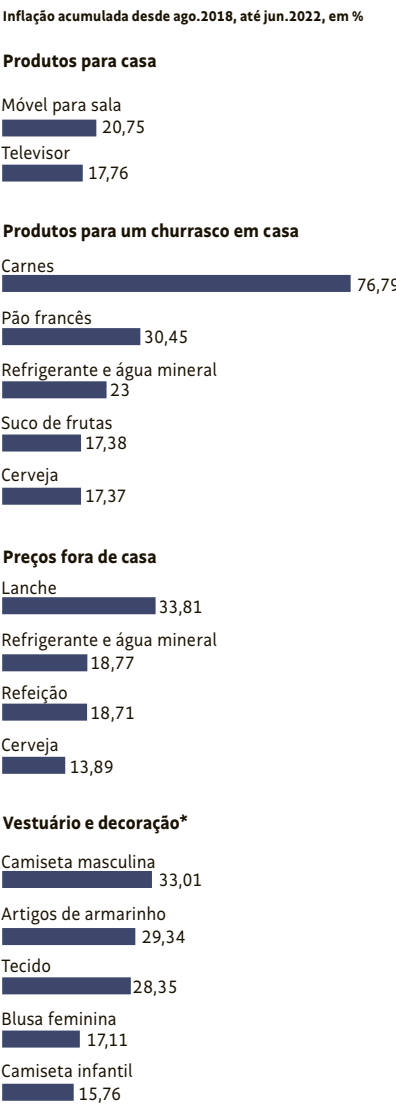
Com isso, a renda do trabalhador ficou mais fragilizada, e o poder de compra no país vem perdendo de goleada.

"A inflação está mais forte agora. É um fenômeno mundial neste momento, mas está afetando mais economias como a brasileira."

Quem quiser trocar de televisor para acompanhar os jogos tampouco terá refresco. De agosto de 2018 a junho de 2022, o aparelho acumulou inflação de 17,76%.

O equipamento, segundo Imaizumi, é um dos destaques deste ano. Isso porque o televisor havia acumulado baixas nos preços em iguais períodos de comparação das três últimas Copas (-27,50% até junho de 2010, -41,33% até junho de 2014 e -3,98% até junho de 2018).

Segundo o economista, um dos fatores que pressionaram a inflação do aparelho foi o desajuste das cadeias produtivas na pandemia.

Com esse desarranjo entre oferta e demanda, os insumos usados na fabricação de equipamentos eletrônicos subiram ao longo da crise sanitária.

"A carne teve uma valorização muito forte na pandemia, assim como outras commodities", afirma o economista.

Segundo ele, bebidas como a cerveja podem subir mais nos próximos meses. Pressão de custos de produção e retomada do consumo fora de casa são apontadas como as possíveis causas.

Em 2022, nem as tradicionais figurinhas da Copa conseguiram vencer a disparada da inflação. Cada pacote sairá por R$ 4, o dobro do valor de 2018 (R$ 2). O tema movimentou as redes sociais nos últimos dias, com direito a lamentações e piadas de usuários.

Cada pacote tem cinco cromos, e o álbum deste ano é composto por 670 figurinhas. Ou seja, em uma situação hipotética, sem levar em conta as prováveis repetições, o brasileiro teria que gastar R$ 536 para completar o álbum. A quantia equivale a quase meio salário mínimo em 2022 (R$ 1.212).

A camiseta oficial que será usada pelo Brasil nas partidas da Copa ainda não foi lançada pela Nike, a fornecedora de material esportivo da seleção.

Enquanto isso, redes varejistas começam a se preparar para a competição. O site da Centauro, por exemplo, anunciava nos últimos dias o pré-lançamento de produtos licenciados pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) com preços a partir de R$ 129,99.

O IPCA não detalha, por exemplo, a variação dos preços de roupas esportivas. Mas é possível ver que os produtos de vestuário vêm subindo no Brasil nos últimos meses.

Segundo os dados levantados por Imaizumi, camisas e camisetas masculinas acumularam inflação de 33,01% entre agosto de 2018 e junho de 2022. As blusas femininas subiram 17,11%. Artigos de armarinho (29,34%) e tecido (28,35%), que podem ser usados em peças ou itens de decoração, também ficaram mais caros.

Resta saber se o consumo do brasileiro durante a Copa vai ficar ou não na retranca diante de tantos aumentos.

Torcedores festejam gol da seleção na Copa da Rússia Rivaldo Gomes - 2.jul.18/Folhapress

Copa do Mundo mais cara

Na comparação com 2018, brasileiro deve gastar mais em 2022 para acompanhar os jogos em casa ou em um bar com os amigos

Inflação acumulada desde ago.2018, até jun.2022, em %

Produtos para casa

Móvel para sala 20,75
Televisor 17,76

Produtos para um churrasco em casa

Carnes 76,79
Pão francês 30,45
Refrigerante e água mineral 23
Suco de frutas 17,38
Cerveja 17,37

Preços fora de casa

Lanche 33,81
Refrigerante e água mineral 18,77
Refeição 18,71
Cerveja 13,89

Vestuário e decoração*

Camiseta masculina 33,01
Artigos de armarinho 29,34
Tecido 28,35
Blusa feminina 17,11
Camiseta infantil 15,76

Figurinhas da Copa

Preço do pacote, em R$

2018 2022

*Peças de roupas não são específicas à temática de futebol, somente fornecem uma ideia do avanço de vestuário
Fontes: LCA Consultores, a partir de dados do IPCA, e Panini

Ultradireita perto do poder na Itália

País não cresceu desde 2000, tem a 2ª maior dívida da eurozona e vota em setembro

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Desde a Segunda Guerra, a Europa ocidental jamais elegeu um governo de extrema direita. É o que pode acontecer na eleição de setembro na Itália.

O partido mais popular é, por ora, o Irmãos da Itália, liderado por Giorgia Meloni, com 23% das preferências, segundo o agregador de pesquisas do site Politico. É uma organização de origem francamente fascista, que vem tentando limpar sua barra, à maneira de Marine Le Pen na França.

O Partido Democrático, de centro-esquerda, está quase empatado com o Irmãos da Itália. Mas, a seguir, vem a afascistada Liga, de Matteo Salvini, com 15%, os palhaços demagógicos do Cinco Estrelas, com 12%, e a direita bunga bunga do Força Itália, com 8%, de Silvio Berlusconi, 85 anos, ainda na ativa, um líder da derrubada do governo de união nacional de Mario Draghi.

Dos partidos maiores, apenas o Irmãos da Itália não estava na coalizão. Meloni, Salvini e Berlusconi juntam, pois, 46% das preferências. Sim, agregadores de pesquisas têm problemas, e preferências partidárias podem não dizer tudo sobre o resultado de uma eleição parlamentar. Mas estudos baseados em pesquisas de opinião indicam o favoritismo do trio, por ora aliado.

O Irmãos da Itália saiu das entranhas do Movimento Social Italiano (MSI), o partido do pós-guerra que recolheu o lixo sobrevivente da turma de Mussolini. Giorgia Meloni, 45, romana, de origem pobre, agora "celebridade", começou a carreira como líder da juventude do MSI.

Hoje em dia, tenta se enturmar com a internacional de direita que junta de Donald Trump a Viktor Orbán, autocrata da Hungria. É amigona do Vox, o ultradireitista espanhol, embora seu partido não faça parte da bancada de Le Pen no Parlamento Europeu.

É contra imigrantes, casamento homossexual, adoção de crianças por LGBTs, "ideologia de gênero", a favor de governo menor, o pacote todo. Já foi eurocética, mas tem moderado a crítica. Um motivo recente é que a Itália, ao lado da Espanha, é o país que pode receber a maior fatia dos € 807 bilhões do fundo europeu de reconstrução pós-Covid, desde que cumpra certos requisitos, "reformas", que vinham sendo tocadas por Draghi.

Draghi foi presidente do Banco Central Europeu, um tecnocrata capaz e decente, mas um tecnocrata. Chegou ao cargo sem passar por eleição, embora fosse o político mais popular do país até cair, em parte por falta de jogo de cintura.

Na barafunda italiana, é difícil dizer quais coalizões eleitorais e de governo vão se formar. De resto, dada a situação econômica do país, talvez a ultradireita se comporte.

A incerteza política pode encarecer o financiamento da enorme dívida do governo, 151% do PIB, menor apenas que a da Grécia (193%). A renda (PIB) per capita da Itália cresceu apenas 1,2% desde o ano 2000, o pior desempenho da eurozona.

O Banco Central Europeu quer evitar crise parecida com a de 2012, agora que começa a aumentar a taxa de juros a fim de controlar a inflação. Indicou que tem um plano para evitar uma explosão dos juros cobrados de governos como o da Itália (o que, no fim das contas, é um subsídio). Com vinagre pelo nariz, um governo pode se aproveitar dessa situação, desde que não apronte muito (vide, porém, como Orbán avacalha a União Europeia).

Pode ser que, na campanha, a ultradireita pague parte do preço de ter derrubado um primeiro-ministro que deu alguma estabilidade ao país. Estabilidade, mas não um caminho. Mais e mais, tecnocracias centristas impopulares ganham eleições apenas porque a alternativa é a horda autoritária. O buraco desta crise está muito mais para baixo, nos EUA, na Europa e no Brasil também.

Chefes tóxicos são problema para 8 em cada 10 executivos

Vítimas de assédio moral relatam estresse e angústia, aponta pesquisa

Daniele Madureira

SÃO PAULO "Preciso de 'mais gás' em você." A cobrança sutil, em um email enviado pelo chefe poucas semanas depois de iniciar o novo trabalho, deixou Renato (nome fictício), 36, incomodado. Analista sênior de TI de uma grande empresa de telecomunicações, ele tentava fazer o seu melhor depois de herdar tarefas de um colega recém-demitido, delegadas pelo chefe que tirou férias logo após a sua contratação, no regime remoto.

O incômodo inicial deu lugar a um mal-estar profundo quando, nas reuniões online, ele, um analista sênior, passou a ser comparado depreciativamente com um analista júnior. Críticas enviadas pelo chefe por email não raro tinham outros analistas copiados, alguns com dez anos ou mais de casa, que deixaram de ser promovidos com a chegada de Renato.

Contratado em meio à pandemia e morando em Belo Horizonte, distante da sede da empresa, em São Paulo, ele não encontrou receptividade na equipe. Não sabia com quem conversar para resolver dúvidas simples, enquanto questões urgentes, que envolviam terceiros, demoravam horas para serem respondidas. Passou a trabalhar de madrugada para conseguir solucionar pendências sozinho.

As cobranças por resultados aumentavam. Renato diz que o chefe repetia que ele era um analista sênior em uma das maiores empresas do setor do mundo e que por isso ele saberia como agir, uma vez que a empresa não tolerava erros.

Mas Renato já não sentia mais confiança em si mesmo e começou a sofrer de ansiedade, enfrentando episódios de pânico quando avistava o nome do chefe nas chamadas do celular. Achava que seria demitido a qualquer momento.

Ele afirma que se sentia "um lixo" diante dessa situação.

O problema de Renato e de 78% dos altos executivos do país se chama "chefe tóxico". Foi o que identificou uma pesquisa feita pela consultoria em gestão e educação executiva BTA Associados, entre março e abril deste ano, com 321 profissionais dos níveis de gerência, diretoria, presidência e conselhos de empresas.

"Perguntamos aos executivos se eles já trabalharam ou trabalham com um chefe tóxico, e 78% disseram que sim", afirma a psicóloga Betania Tanure de Barros, sócia da BTA e especialista em comportamento organizacional.

Como principais características de um chefe tóxico, que pratica assédio moral, os executivos apontaram desonestidade, agressividade, narcisismo e incompetência.

"É um perfil completamente oposto ao de um líder de referência, apontado pelos entrevistados como alguém íntegro, com visão estratégica, competência técnica, que tem escuta aberta, boa comunicação e empatia", afirmou Betania. A pesquisa identificou que 82% já trabalharam ou trabalham com um líder assim.

A maior parte dos executivos ouvidos na pesquisa da BTA diz sofrer hoje algum nível de assédio moral no trabalho. Os casos mais graves indicaram altos níveis de angústia para 42% dos entrevistados, de ansiedade para 60% e de estresse para 62%. Mais de um quarto dos executivos (26%) afirmaram que podem adoecer com o trabalho.

"Durante a pandemia, as empresas acabaram negligenciando, de alguma maneira, o treinamento dos líderes. Houve muito investimento em tecnologia, mas liderança ficou em segundo plano", afirma Betania. No final de 2020, outra pesquisa da BTA apontou que 84% das companhias tinham intenção de reduzir ou, no máximo, manter os investimentos em desenvolvimento dos seus executivos.

"Agora há uma predominância de líderes com competências medianas em um ambiente altamente demandante", afirma.

Ao mesmo tempo, o trabalho remoto permitiu um nível de assédio maior em termos de cobrança, porque não existem espectadores, diz Tatiana Iwai, professora de comportamento e liderança do Insper.

"O executivo não está diante de uma equipe, a não ser em reuniões online, e os diálogos são privados", afirma Tatiana. "Neste tipo de ambiente, a pressão pode ser muito mais intensa."

As empresas reconhecem e mantêm esse tipo de liderança tóxica porque, na maioria das vezes, ela entrega resultados, diz a sócia da BTA, Vânia Café.

"Justamente pela assertividade e certa agressividade destes líderes na condução da equipe, eles conseguem cumprir metas. Isso leva a empresa a relevar o comportamento tóxico", afirma a especialista.

Tatiana Iwai destaca, no entanto, que grandes escândalos corporativos —como o que ocorreu com a Caixa Econômica Federal recentemente— não acontecem da noite para o dia.

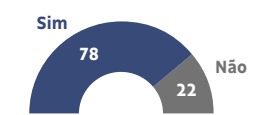
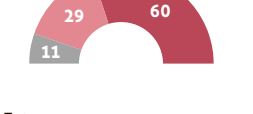
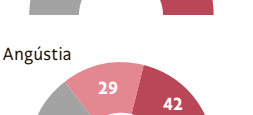
"São comportamentos tóxicos que vão se tornando regulares e acabam moldando a cultura daquela empresa", diz ela. "No entanto, em algum momento, tudo isso vem à tona e compromete a imagem da companhia com todos os seus públicos de interesse: funcionários, fornecedores, consumidores, comunidade e investidores."

A contrapartida do comportamento de assédio moral é a dificuldade de atração e a perda de talentos, diz Vânia Café. "As empresas criam reputação no mercado, com base na sua cultura de liderança. Uma empresa —ou equipe— de alta rotatividade pode ser um indicativo de assédio moral", afirma.

Flávio (nome fictício), 45, está há décadas na área de vendas e se orgulha de saber trabalhar sob pressão. É executivo de contas de uma multinacional de tecnologia e atende de clientes do governo federal, em Brasília.

Ele afirma que as empresas costumam estipular metas superestimadas porque, caso algum setor falhe, outro pode compensar. Flávio também diz que os chefes fazem pressão para que os vendedores se tornem amigos dos clientes, sem entender que a construção desse tipo de relação é demorada.

O problema é que, quando chega o fim do ano e o executivo precisa atingir sua meta, começa a assumir riscos.

Ele conta que, em seu trabalho anterior, fez uma encomenda de equipamentos para alguns clientes que, posteriormente, desistiram da compra. Quando isso ocorreu, ele relata ter sido alvo de muita pressão —segundo Flávio, seu chefe gritava: "Tem milhões de reais em equipamentos parados. Você prometeu que sairia dia 15 de agosto e agora é 30 de setembro e está tudo parado. A divisão América Latina e a divisão Américas contavam com isso. Como você falha assim? É o segundo mês que você falha".

Como resultado da pressão, diz ter desenvolvido um quadro de ansiedade. Ele relata que passou a ter dificuldade para se concentrar, que não podia mais beber, porque o álcool o desequilibrava emocionalmente, desencadeando choros, e que teve problemas de libido.

A saída que encontrou foi terapia e a religião espírita, afirma. Um tempo depois, ele deixou o trabalho.

Hoje Flávio reclama da carga de trabalho, que aumentou muito na pandemia. Segundo ele, são inúmeras reuniões todos os dias, e cada uma define uma nova tarefa a ser realizada por ele.

O vendedor diz ainda que não consegue mais impor limites ao seu horário de trabalho, usando o tempo antes e depois do expediente para ter um momento privado para pensar e definir estratégias.

Agora, ele diz que já estuda um plano B: dar adeus à vida executiva e se concentrar na vida no campo.

Já Renato, em Belo Horizonte, deixou depois de seis meses a empresa de telecom e passou a trabalhar em uma companhia de tecnologia. Ainda hoje faz terapia, mas já superou as crises de pânico.

A gota d'água para ele no antigo emprego foi a falta de empatia do chefe com a sua doença: Renato pegou Covid no início de 2021 e ficou 20 dias internado, 10 deles na UTI. Ele diz que sua imunidade estava baixa porque vinha dormindo mal e comendo muito em razão da ansiedade e que pertencia a um grupo de risco, por ser obeso. Renato diz ter ficado com 70% do pulmão comprometido.

Levou o laptop para o hospital e continuou trabalhando. Alguns dias depois, porém, avisou o chefe que seria encaminhado à UTI, em razão do agravamento do quadro, e levaria apenas o seu celular pessoal, para se comunicar com a mulher.

Cinco dias depois, em um dos momentos mais críticos da terapia, quando estava sendo submetido ao ventilador mecânico para suprir a carência de oxigênio, sem conseguir falar, recebeu uma mensagem por WhatsApp: "Oi, quando puder, me liga". Era o chefe, querendo que Renato providenciasse um atestado médico.

Líderes tóxicos

Executivos relatam a pressão no alto escalão

Você já trabalhou (ou trabalha) com um líder direto que considera tóxico?
Em %

Em relação ao seu líder e às novas demandas da empresa no pós-pandemia, qual a sua percepção em relação aos seus níveis de:
Em %

Adoecimento

Angústia

Ansiedade

Estresse

Fonte: BTA Associados

Adobe Stock

Da política ao consumo, marketing 4.0 tenta influenciar sem deixar digitais

Polêmica em campanhas, estratégia é adotada para fins comerciais, à margem de regulação

Fernanda Brigatti
e Paula Soprana

SÃO PAULO Conquistar o consumidor sem que ele tenha consciência disso. Influenciar um debate público sem deixar digitais visíveis.

As ações podem soar, à primeira vista, teoria da conspiração, mas são os objetivos do chamado marketing 4.0.

Nele, grandes empresas fecham contratos com agências prevendo cláusulas de confidencialidade para que seus produtos e serviços sejam apresentados sem que suas marcas sejam associadas a eles logo de cara.

A estratégia já havia sido documentada no marketing político, como na criação do chamado gabinete do ódio no governo Jair Bolsonaro (PL) ou durante a campanha do ex-presidente americano Donald Trump.

Não à toa, a versão empresarial desse tipo de marketing vem sendo capitaneada por agências até então conhecidas por sua atuação no campo da política.

Para Philip Kotler, pesquisador da Universidade Northwestern e autor de um livro sobre marketing 4.0, ele é uma evolução da modalidade digital de propaganda na maneira de abordar, interagir e vender um produto ou serviço.

Essas novas abordagens surgem antes das regras que tentam enquadrá-las, deixando vários casos numa zona cinzenta da propaganda: até onde é ético receber dinheiro de uma empresa para influenciar os outros sem deixar claro quem é o interessado?

Um exemplo desse novo modelo é uma ação recente para as Americanas.

Num vídeo para o Instagram, a personagem Adenia Chloe, a Moça do Marketing da Aff the Hype, marca de artigos "ranzinzas para pessoas bem-humoradas", conversa com a mãe (ela também uma personagem da marca) pelo telefone.

No diálogo simulado, a mãe da Moça expõe à filha o desejo por um certo eletrodoméstico e emenda uma piada adequada ao ambiente onde foi veiculada, os stories do Instagram, publicações que somem em 24 horas: "Minha filha, esse pessoal da internet que é famosinho, assim igual a você, eles não compram mais nada não, é tudo permuta", diz a personagem.

Quando a conversa encenada termina, o usuário descobre a patrocinadora da ação: "Quando chegar aqui, tiro uma foto e coloco lá @americanas no stories".

Naquele dia, a personagem da Moça havia apresentado um "live shopping" das Americanas, transmitido no perfil da varejista na mesma rede.

Nesse caso, a marca por trás da ação é revelada no final, mas o marketing 4.0 também pode simplesmente não veicular a empresa contratante.

Essa teria sido a situação do iFood, cuja suposta presença por trás de uma campanha foi revelada em reportagem publicada pela agência Pública no início do ano.

De acordo com o site, agências criaram para o aplicativo de delivery perfis falsos que interagiam no Twitter comentando críticas à empresa e se manifestando contra paralisações de entregadores, que protestavam por melhores taxas durante a pandemia.

O Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) abriu uma investigação sobre o caso, e o Ministério Público Federal pediu explicações à empresa de entregas e à agência SocialQI, responsável pela ação. O iFood afirmou que não encomendara o marketing de influência e que nem tinha contrato com a SocialQI.

A agência, na verdade, havia sido contratada por uma outra, a Benjamim, que não respondia ao departamento de marketing do aplicativo. Ambas fazem trabalhos políticos para o PSDB. As duas agências não quiseram comentar o assunto.

O contrato com a Benjamim foi fechado pelo setor de políticas públicas do iFood. A ideia era, como o nome prevê, acompanhar redes sociais quanto a questões políticas: como a opinião pública —pesquisadores, jornalistas, políticos e mesmo os entregadores— entendia assuntos que afetam a empresa, como regulamentação, valor de pagamento, espera, tributação, segurança e concorrência.

Após a divulgação do caso, o contrato com a Benjamim foi rompido, uma auditoria interna foi iniciada e o iFood se disse disposto a articular um debate sobre conceitos como desinformação nas redes sociais.

Ilustrações Catarina Pignato

Objetivo é fazer consumidor trabalhar pela marca

O caso do aplicativo é visto hoje como um contraexemplo. Para profissionais de marketing digital ouvidos pela **Folha**, criar perfis falsos ou tentar atingir as emoções dos consumidores sem se identificar são práticas inadequadas.

Segundo eles, há outros meios de criar conexão com o consumidor, como a partir de pequenas comunidades online (os nichos), de modo que o próprio cliente trabalha pela marca, numa tática chamada de "teste de narrativa".

Nessa estratégia, são usados os chamados avatares —perfis que, em vez da foto de uma pessoa, usam desenho ou ilustração e não adotam o nome de uma pessoa. Por meio desses avatares, as agências interagem e testam que tipo de discurso tem adesão no público-alvo da empresa.

Já práticas como pagar para conseguir engajamento nas redes entram em zona cinzenta na opinião de Clau Boaventura, diretora de comunicação da Abradi (Associação Brasileira dos Agentes Digitais). "Não é ilegal, mas também não é muito moral."

Além de seguidores e curtidas, é possível comprar comentários e reações. Em sua coluna na **Folha**, Ronaldo Lemos, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio, escreveu que as interações e respostas nas publicações são hoje mais importantes do que os posts.

"Grupos econômicos e políticos, que já têm poder, aprenderam técnicas para controlar a parte de baixo [os comentários] das mídias sociais. Essas técnicas envolvem uso de robôs, sockpuppets [perfis falsos] e times coordenados de forma centralizada para espalhar a 'mensagem' ou a 'ação' que é do interesse desses grupos."

A utilização de perfis falsos como tática para monitoramento da concorrência é comum, afirmam pesquisadores e profissionais de propaganda, mas são perfis que apenas observam, sem interagir.

A prática, porém, é vista como secundária, porque as agências desenvolveram maneiras mais efetivas e controladas de afetar o público-alvo.

A principal ferramenta são os algoritmos —sequências de operações computacionais que "aprendem" padrões de comportamento e interesse—, que potencializam as estratégias do marketing 4.0.

São eles que identificam, por exemplo, quem está mais interessado por xampus anticaspas ou por barracas de acampamento, e mais suscetível a ser afetado por anúncios desses produtos.

+

Do tradicional para o 4.0

Marketing tradicional
TV, rádio, anúncio em impressos

Marketing digital
Anúncios em sites para computador, celular e redes sociais

O QUE MUDOU

- Consumidores são agrupados por perfis demográficos e hábitos de consumo
- Uso massivo de rede sociais
- Influenciadores falam de produtos e serviços em anúncios pagos e sinalizados
- Conteúdo pago "disfarçado" de divulgação espontânea

Foco da propaganda é o cliente, não o produto

No estágio atual, o foco da propaganda é o cliente, não mais o produto. "Antes, vendiam-se os atributos dos produtos. Hoje, espera-se que as marcas consigam chegar ao nível de uma conversa entre dois indivíduos", diz o especialista em marketing digital João Vitor Rodrigues, professor na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing).

Deco Bancillon, jornalista que comanda a agência de estratégia digital em Brasília (DF) que leva seu sobrenome, diz que a autenticidade é a raiz da conexão com audiência. É o tipo de relação que permite a uma marca ter fãs, em vez de apenas consumidores.

Para chegar a essa percepção de diálogo, é praticamente inevitável o uso de influenciadores digitais, memes e uma leitura minuciosa de dados que definem o tom das abordagens, a linguagem e como cada ação será apresentada para cada tipo de público.

Com a pulverização do mercado —pesquisa da Nielsen aponta para 500 mil trabalhando por meio das redes no Brasil—, há influenciador para todo tamanho de marca.

"No fundo, ninguém quer consumir publicidade. O influenciador virou um tipo de melhor amigo, é quem aprova um produto antes", diz Vicky Romano, da agência de marketing de influência Mesa Labs.

"A publicidade precisa integrar o 'lifestyle' [estilo de vida] do influenciador, não pode ser mais só 'um feed e três stories'."

"Um feed e três stories" é o feijão com arroz de um contrato de influenciador, o trabalho básico que ele faz para promover uma marca. Significa uma publicação no feed (perfil no Instagram) e três stories (três conteúdos que desaparecem em 24 horas).

Existe também o "funil da influência", modelo no qual o porte do influenciador e da marca definem o tipo de contrato. Um macroinfluenciador, alguém com mais de 500 mil seguidores, em teoria, é agenciado por um profissional ou faz parte de um casting —como os de modelos.

Companhias que os contratam também precisam de um retorno sobre esse investimento, por isso a negociação é intermediada por um terceiro. O funil vai até o nanoinfluenciador, que ou integra um casting ou entra em contato com as marcas por mensagens diretas no Instagram.

Os orçamentos, segundo Romano, são aleatórios, "uma Bolsa de Valores". "O influenciador quer trocar o carro, fazer uma viagem, às vezes está com a popularidade em alta, às vezes em baixa. Tudo interfere no valor." Algumas agências chegam a cobrar 40% do cachê do influenciador.

Orçamentos vistos pela reportagem mostram que um macroinfluenciador pode cobrar R$ 35 mil por uma live, nove stories, um reels [vídeos curtos postados no Instagram] e uma galeria de fotos; ou cerca de R$ 40 mil por um reels e seis stories, além de direito de replicação nas redes sociais da marca.

Mensagem publicitária precisa de identificação

Para o pesquisador filipino Jonathan Ong, professor associado de comunicação da University of Massachusetts Amherst, as análises sobre a produção de desinformação ainda estão muito concentradas na responsabilidade das plataformas e de seus moderadores. Ele chama a atenção para a necessidade de cobrar também a responsabilidade das indústrias criativas e digitais no problema.

Um dos primeiros casos de interesse público no setor de marketing de influência envolveu a Sephora, de cosméticos, e três blogueiras, em 2012.

A empresa e as influenciadoras Thássia Naves, Lala Rudge e Mariah Bernardes receberam advertência pública por terem feito "propaganda velada" em seus blogs.

Na ocasião, o Conar deixou claro que blogs não podem disfarçar quando um post é uma propaganda paga, e essa interpretação foi estendida às redes sociais.

Embora não haja consenso sobre o limite da propaganda, o Conar diz que toda comunicação que parte de uma empresa ou marca precisa ser identificada. "O ponto de partida precisa ficar claro. Se a marca faz um anúncio, contrata e participa da produção de uma mensagem, é necessário ter a identificação", diz a advogada Juliana Nakata Albuquerque, diretora do conselho.

Lala Rudge (que tem 1,7 milhão de seguidores no Instagram) à época disse que as marcas que apareciam em seu perfil eram parceiras e que "não fazia propaganda de nada que fugisse de sua realidade" —justamente o comportamento que as empresas desejam, que seus produtos sejam integrados de modo natural à rotina dos influenciadores.

A Sephora disse que, independentemente da compra de espaços publicitários em veículos online, convidava blogueiros a expressar opiniões sobre seus produtos, sem influenciar nas resenhas.

Há pouco mais de um ano, o Conar publicou um manual para influenciadores na tentativa de criar parâmetros para os "publis". Ainda assim, mesmo olhares desatentos identificam, em passadas pelas redes, ações que simulam recomendação espontânea, uma dica.

Há ainda campanhas programadas para driblar o Conar. É comum em agências que uma peça reconhecidamente inadequada seja colocada no ar com uma substituta pronta. Se o conselho notificar as empresas, a peça-problema é substituída imediatamente. O recado, porém, foi dado nas horas ou dias em que a peça ficou no ar.

Campanhas de influência são caras e afetam concorrência, diz pesquisador

Nesse mercado, além da transparência, está em jogo o custo das ações. A SocialQI, por exemplo, é conhecida no mercado por seu software para monitoramento de redes (no jargão, social listening).

A ferramenta mapeia mídias sociais e consegue realizar uma espécie de catálogo de emoções, que podem ser positivas, negativas ou neutras.

A criação de uma sala com o monitoramento e a geração de dados em tempo real não sai por menos de R$ 1 milhão, dizem pessoas com conhecimento no assunto.

O alto custo do posicionamento digital põe em xeque algumas premissas do mundo conectado, como a de que há certa igualdade na competição. Há, sim, mais ferramentas de divulgação. O dono de uma pequena papelaria jamais teria condições de anunciar em uma rádio ou televisão, mas consegue melhorar seu alcance na rede social usada por seu público-alvo.

"Continua sendo desleal, porque ela não está concorrendo no mesmo nível", diz João Vitor Rodrigues, da ESPM, para quem há o risco de concentração do mercado nas mãos de poucas empresas.

Os limites do possível

Manter economia crescendo forte em meio a inúmeros desequilíbrios nunca termina bem

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Nas colunas anteriores, gastei um bom tempo revisitando a macroeconomia brasileira nos anos 2000. Uma análise mais completa encontra-se no Blog do Ibre (bit.ly/3RWZFNV).

O motivo é muito claro: o período que vai de 2004 até 2012, aproximadamente, foi o melhor para o país desde a redemocratização: tivemos crescimento econômico com queda da desigualdade e sinais claros em diversos indicadores de melhoria do bem-estar da população em geral.

No entanto, o período terminou na maior crise de nossa história. No meu entender, a crise deveu-se à insustentabilidade da política econômica no período e a um elevado grau de artificialidade da política econômica, já presente no segundo mandato do presidente Lula, que se agravou no primeiro mandato de Dilma.

Que nosso melhor período tenha tido política econômica insustentável e no final muito artificial diz mais sobre nós do que do governo, no caso o do período petista.

Na democracia, os governos decidem de acordo com a popularidade. Se praticar uma política econômica insustentável gera ganhos de popularidade, a política adotada será insustentável, independentemente do grupo político que ocupe o Planalto.

A insustentabilidade ocorre quando a política econômica força a economia a operar acima da sua capacidade. Testa os limites do possível da economia.

Dois conceitos dos livros-texto de macroeconomia expressam esses limites. A taxa natural de desemprego e a taxa neutra de juros.

A taxa natural de desemprego é aquela que mantém a inflação estável, isto é, que não acelera a inflação ou que mantém os salários crescendo no ritmo da produtividade do trabalho.

A taxa de juros neutra é aquela que mantém a economia crescendo o seu potencial com inflação estável e no a meta. Ou seja, é a taxa de juros que nem contrai nem expande a demanda agregada.

Evidentemente, esses dois parâmetros da economia — taxa neutra de juros e taxa natural de desemprego— não são constantes da natureza. Eles dependem de todo o marco legal e institucional no qual opera a economia. Reformas institucionais podem alterá-los.

Em um recente texto no Blog do Ibre (bit.ly/3PODoRT), meu colega Bráulio Borges apresenta indícios de que a reforma trabalhista de 2016 pode ter reduzido a taxa natural de desemprego em um ponto percentual, de 9,5% para 8,5%.

O resultado de Bráulio é uma ótima notícia. Mas, a depender da dinâmica da economia em 2022, pode não alterar o fato, tratado na coluna da semana passada, de que poderemos entrar 2023 em uma situação próxima de pleno emprego.

A América Latina, em geral, e o Brasil, em particular, têm tido dificuldades de construir ciclos longos de crescimento. A enorme desigualdade dificulta a construção de consensos.

No Brasil, o único limitador que temos tido às políticas insustentáveis é que, mais cedo ou mais tarde, elas redundam em aceleração da inflação. E, até agora, nossa sociedade tem dado sinais de que pune pesadamente o partido do chefe do Executivo que é responsabilizado pela sociedade por inflacionar a economia.

Nesse aspecto, estamos na frente de nossos vizinhos ao sul.

*

O título da coluna lembra importante texto publicado em 1976 na revista Pesquisa e Planejamento Econômico, do saudoso colega do FGV Ibre Regis Bonelli, em parceria com Pedro Malan. Abordava os limites do possível da política econômica do período, na tentativa de manter a economia crescendo forte em meio a inúmeros desequilíbrios. Nunca termina bem.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Republicanos 10 SÃO PAULO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE CONVENÇÃO ELEITORAL DO REPUBLICANOS ESTADUAL SP PARA A CELEBRAÇÃO DE COLIGAÇÃO E ESCOLHA DE CANDIDATOS.

O Presidente da Comissão Executiva Provisória Estadual do **Republicanos,** São Paulo - SP, na forma que dispõem o art. 24 do Estatuto Partidário e legislação eleitoral vigente, convoca todos os seus convenclonals para comparecerem à **Convenção Partidária Estadual do Republicanos,** a ser realizada no dia 30/07/2022, das 10 às14 horas no Expo Center Norte, no seguinte endereço: Rua José Bernardo Pinto, nº 333, Pavilhão Azul, São Paulo, com a seguinte ORDEM DO DIA:

I - Deliberação sobre a participação no pleito estadual de 2022;
Ii - Escolha dos (as) candidatos (as) que disputarão as eleições majoritárias e/ou proporcionais a serem realizadas em 02 (dois) de outubro de 2022;
Iii - Deliberar se serão realizadas coligações para as eleições majoritárias, além de discussão, aprovação e nome da coligação ou se o partido concorrerá isoladamente;
IV - Sorteio dos números para candidatos (as) a deputados (as) federais e deputados (as) estaduais, além da definição de seus respectivos nomes de utilização nas urnas;
V - Indicação dos Representantes/Delegados;
VI - Outros assuntos de interesse partidário e eleitoral.

São Paulo, 24 de julho de 2022.

Sérgio Augusto Fontellas dos Santos
Presidente Estadual do Republicanos SP

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
1º LEILÃO: ***11 de agosto de 2022, às 16h00min *.***
2º LEILÃO: ***23 de agosto de 2022, às 16h00min *. (*horário de Brasília)***

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, com escritório na Rua Hipódromo, 1141, Sala 66, Mooca, São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo Credor Fiduciário **RVVR PARTICIPAÇÕES LTDA.**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ/MF sob n° 07.295.788/0001-50, nos termos do instrumento particular com caráter de escritura pública lavrado de 11/09/2018, firmado com os **fiduciantes WOOK HUH,** CPF/MF nº 031.914.658-80, e sua mulher **YOO SIN LEE HUH,** CPF/MF nº 059.292.948-52, em **PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 2.027.852,40** (Dois milhões vinte e sete mil oitocentos e cinquenta e dois reais e quarenta centavos - *atualizados conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído por: *"Apartamento nº 90 com área privativa real ou útil de 225,9595m² e área real total de 367,9655m², com direito a um armário deposito demarcado com o nº 90, 03 boxes de garagem, do "Edifício Paula", situado na Rua Júpiter nº 54, São Paulo/SP,* ***melhor descrito na matrícula nº*** **110.506 do 16º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca São Paulo/SP*". Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra.** *Ônus do imóvel: Consta conforme Av.05 a penhora sobre os direitos do fiduciante, extraída dos autos da Ação de Execução Civil, processo nº 0015921-92.2020.8.26.0100, movida por Sae Hoon Lee, CPF/MF nº 110.803.878-06; Kyu Soon Lee, CPF/MF nº 166.409.908-93 e Chan Eun Lee, CPF/MF Nº 154.140.758-08.* Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.801.415,43** (Um milhão oitocentos e um mil quatrocentos e quinze reais e quarenta e três centavos **– *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9514/97*). O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, **encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão**. Ficam fiduciantes, os credores da penhora constante na Av.05 (*Sae Hoon Lee, CPF/MF nº 110.803.878-06; Kyu Soon Lee, CPF/MF nº 166.409.908-93 e Chan Eun Lee, CPF/MF Nº 154.140.758-08*) e demais interessados, INTIMADOS das designações supra, através da publicação deste EDITAL, nos termos do art. 274, parágrafo único art. 887, § 2º, §3º e § 5º e art. 889, parágrafo único, todos do Novo Código de Processo Civil, caso não sejam localizados para a intimação pessoal. **Forma de pagamento e demais condições de venda**, **VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE**: www.FrazaoLeiloes.com.br. Informações pelo tel. 11-3550-4066. (AfDiv – RegTor _01)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Seraphim Carlos Del Grande, Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo da Sociedade Esportiva Palmeiras, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os Senhores Conselheiros para comparecerem à reunião extraordinária que fará realizar no dia **08 de agosto de 2022, segunda-feira**, com início às **19h** em primeira convocação e às **20h** em segunda e última, com qualquer número de Conselheiros, na forma do disposto nos artigos 83 § 4º e 76B § 3º do Estatuto Social, **nas dependências do clube social (quinto andar do prédio multiuso), na Rua Palestra Italia nº 214**, para atender à seguinte **Ordem do Dia:**

a) Leitura, discussão e aprovação da ata da reunião anterior;
b) Entrega de diploma para Associado Benemérito;
c) Votação de proposta de alteração dos seguintes artigos do Estatuto Social: 78, 80, 52 alínea a, disposições transitórias, artigos 1º, 2º, 3º e 4 º.

São Paulo, 24 de julho de 2022.

Os Conselheiros receberão a íntegra das alterações, acompanhada dos textos vigentes para comparação.

Eventual proposta de alteração referente aos artigos que serão votados, deve ser apresentada por escrito, assinada pelo Conselheiro e protocolada pela Secretaria Geral até às 18h do dia 29 de julho de 2022.

Seraphim Carlos Del Grande
Presidente do Conselho Deliberativo

Processo Digital nº: 1006069-30.2018.8.26.0348 **Classe**: **Assunto**: Procedimento Comum Cível - Cédula de Crédito Bancário **Requerente**: BANCO BRADESCO S/A **Requerido**: Jose Reinaldo Lopes **EDITAL DE CITAÇÃO - PRAZO DE 20 DIAS. PROCESSO Nº 1006069-30.2018.8.26.0348** O(A) MM. Juiz(a) de Direito da 2ª Vara Cível, do Foro de Mauá, Estado de São Paulo, Dr(a). THIAGO ELIAS MASSAD, na forma da Lei, etc. **FAZ SABER** a(o) **JOSE REINALDO LOPES**, CPF 604.011.684-68, que por parte do **Banco Bradesco S/A** lhe foi ajuizada ação de **Procedimento Comum**, objetivando a cobrança da quantia de R$ 105.117,82, alegando o autor em sua inicial que concedeu ao réu um empréstimo por meio do Contrato de Arrendamento Mercantil Financiamento de Veículos do HSBC, sob n° atual855/9025274 (nº de origem 3276-0101576), firmado em 28/09/2007, tendo o mesmo deixado de efetuar os pagamentos devidos. Nestas condições, foi ajuizada a presente ação e, estando o réu em lugar ignorado, foi determinada a citação por edital, para que em 15 dias úteis, após os 20 dias supra, conteste o feito, sob pena de presumirem-se aceitos como verdadeiros os fatos alegados e a condenação nas demais cominações pedidas. Em caso de revelia será nomeado curador especial. Será o presente edital, por extrato, afixado e publicado na forma da lei. **NADA MAIS**. Dado e passado nesta cidade de Mauá, aos 04 de julho de 2022.

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

DORA PLAT, leiloeira oficial inscrita na JUCESP n° 744, com escritório à Av. Angélica, n° 1.996, 6° andar, Higienópolis, em São Paulo/SP, devidamente autorizada pela Credora Fiduciária **BARI COMPANHIA HIPOTECÁRIA,** inscrita no CNPJ sob n° 14.511.781/0001-93, situada à Avenida Sete de Setembro, nº 4.751, Sobre loja 02, Batel, Curitiba/PR, nos termos do Instrumento Particular e Cédula de Crédito Imobiliário nº 7201-A, Série 2018, datados de 26/12/2018, no qual figura como Fiduciante **ANTONIO ROLAN NUNEZ,** brasileiro, solteiro, maior, do comércio, RG nº 15.774.179-5-SSP/SP, CPF nº 052.285.808-24, residente em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO,** de modo **On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 08 de agosto de 2022, às 10:30 horas, o leilão será realizado exclusivamente pela Internet, através do site www.zukerman.com.br,** em **PRIMEIRO LEILÃO,** com lance mínimo igual ou superior a **R$ 614.783,77 (Seiscentos e quatorze mil, setecentos e oitenta e três reais e setenta e sete centavos), o imóvel abaixo** descrito, com a propriedade já consolidada em nome da credora Fiduciária, constituído pelo **Prédio e seu respectivo terreno,** situados à Travessa Major Brito, nº 41, no 27º Subdistrito - Tatuapé, medindo 6,00m de frente, por 20,50m da frente aos fundos de ambos os lados, tendo nos fundos a mesma largura da frente, confinando de ambos os lados com propriedade de Narciso Alonso e sua mulher e nos fundos com Narciso Alonso e sua mulher e Silvio José Brito Silva. **Imóvel objeto da matrícula nº 189.576 do 9º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP.** **Observação:** Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 e parágrafo único, da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **15 de agosto de 2022**, no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO,** com lance mínimo igual ou superior a **R$ 439.289,17 (Quatrocentos e trinta e nove mil, duzentos e oitenta e nove reais e dezessete centavos).** Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.zukerman.com.br e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE,** com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do www.zukerman.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento estabelecido, na disputa pelo lote do leilão. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que o imóvel se encontra, e eventual irregularidade ou necessidade de averbação de construção, ampliação ou reforma, será objeto de regularização e os encargos junto aos órgãos competentes, correrão por conta do adquirente. **O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que outros interessados, já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão.** O arrematante pagará no ato, à vista, o valor total da arrematação e a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. A Ata de arrematação será firmada em até 05 dias da data do leilão e a Escritura Pública de Compra e Venda será lavrada em até 60 dias, em Tabelionato de Notas a ser indicado pela Credora Fiduciária. O horário mencionado neste edital, no site do leiloeiro, catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação, consideram o horário oficial de Brasília/DF. **Pelo presente, fica intimada a alienante fiduciante: ANTONIO ROLAN NUNEZ, já qualificado, ou seu** representante legal ou procurador regularmente constituído, acerca das datas designadas para a realização dos públicos leilões, caso por outro meio não tenha sido cientificado. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Livia Serri Francoio

Hora de cuidar dos coelhos

Ambiente turbulento inibe o desenvolvimento do Brasil

Arminio Fraga
Sócio-fundador da Gávea Investimentos, presidente dos conselhos do IEPS e do IMDS e ex-presidente do Banco Central.

O governo vem atingindo muitos e preciosos coelhos com suas cajadadas. A mais recente foi a reunião do presidente da República com embaixadores de países importantes. Com mais um infundado questionamento à confiabilidade das urnas eletrônicas, atingiu imensamente a nossa imagem externa e criou mais incerteza sobre sua aceitação de eventual derrota, com efeitos paralisantes sobre a economia. O tema e suas perigosas ramificações vêm sendo objeto de robusta reação de importantes setores, mas não há margem para nenhum vacilo na defesa dos valores democráticos.

Uma cajadada em território adjacente foi incentivar e facilitar a população a se armar, com o requinte de medidas que permitem a não identificação de armas e munições, sob a exótica justificativa de assim fortalecer defesas da democracia. Estamos correndo um sério risco do surgimento de uma cultura de violência armada.

Outros exemplos incluem as PECs de teor populista, como a dos Precatórios, e a recente das Bondades, também conhecida como Kamikaze. Nesses casos, foram duros golpes na saúde fiscal do país, que segue precária, e desmoralizaram as regras eleitorais, que sabiamente proibiam gastos extraordinários em anos de eleição. Chamou a atenção também a maciça e surpreendente adesão de senadores e deputados (com honrosas exceções) a uma proposta que contraria um princípio que parecia consagrado.

Uma quarta cajadada vem sendo dada na Amazônia, nosso patrimônio (dilapidado), cartão-postal (rasgado), pulmão (doente) e fonte de biodiversidade (ameaçada). Socorro! A leniência com o desmatamento e com o crime organizado põe o Brasil mais uma vez em vergonhosa posição na cena internacional (e aqui dentro também). De quebra, através de mudanças nos regimes de chuva, ameaça a produtividade do agronegócio, sucesso maior da economia nacional.

Outros exemplos não faltam, mas a esta altura sabemos que estamos lidando com um padrão de comportamento claro e previsível. No início do atual governo, parecia que estávamos "apenas" diante de uma agenda populista à la Steve Bannon, principal estrategista da fase inicial do governo Trump, hoje com um pé na cadeia. Falo aqui do uso de fake news e outros instrumentos de pressão para domar a imprensa, a cultura, a academia e o terceiro setor, os principais baluartes de resistência a projetos autoritários e atrasados.

Pior é que não parou aí. Evoluiu para constantes ameaças às instituições, culminando na fragilização dos instrumentos de controle, em um estado permanente de conflito com o Judiciário, em especial o eleitoral, e na rendição ao varejo secreto do Legislativo, um inaceitável retrocesso. Esse é o estado das artes na antevéspera das eleições.

Trata-se, portanto, de um ambiente turbulento, que desestimula os investimentos de longo prazo necessários para o pleno desenvolvimento da nação. Exemplos de áreas prejudicadas por esse clima incluem nada mais nada menos do que infraestrutura, educação e tecnologia. Claramente o Brasil não vai a lugar algum sem pacificar seus espaços de governança e recuperar seus sistemas de controle, pesos e contrapesos.

Mas, para ter algum sucesso, o próximo governo terá que ir além de reconstituir a credibilidade de nossas instituições. Terá que enfrentar dois enormes desafios que se completam: construir um sistema político funcional e definir uma nova estratégia de desenvolvimento econômico e social.

Na economia, os desafios estruturais e conjunturais são imensos. Uma resposta adequada terá que incluir ambas as frentes, a partir de um diagnóstico realista. Não vou detalhar aqui. Noto apenas que o termômetro dos juros de longo prazo que o governo paga mostra febre elevada: mais do que 6% acima da inflação, que, aliás, anda bem alta.

No mês passado, escrevi sobre quatro ajustes urgentes e necessários. Só para lembrar: o maior não é o (necessário) ajuste fiscal — é o de redefinir e financiar as prioridades do gasto público. Ajustes implicam reconhecer e alocar perdas. Difícil é entender e explicar que os custos de um não ajuste seriam bem maiores do que os custos de um ajuste bem-feito. Na verdade, uma resposta corajosa e crível traria benefícios imediatos, em vez de custos.

Na política, a construção de uma coalizão que possa funcionar em bases bem mais sólidas do que as atuais seria o mínimo. A fragmentação partidária e a falta de clareza programática dos partidos não têm cura rápida, não dá para contar com isso. Vai ser necessário um chamado ao Congresso com base em uma proposta que, tudo indica, não terá sido submetida ao eleitorado. Uma grande distância nos separa das democracias em que o sistema partidário funciona, mas é o que temos agora.

O momento é de defesa intransigente da democracia e suas instituições. Mas o debate sobre novos caminhos políticos e econômicos não pode esperar até o ano que vem. Quem ganhar as eleições terá que entrar em campo jogando.

| **DOM. Ana Paula Vescovi**, Marcos Lisboa, Candido Bracher, Arminio Fraga

Desenvolvedoras de games crescem no Brasil

Setor foi impulsionado pela pandemia e pela diversificação de negócios; conheça alguns dos maiores estúdios nacionais

TEC

Gustavo Soares

SÃO PAULO Nem só de jogadores vive a indústria de games brasileira. Ela também produz. O número de estúdios no país mais que dobrou entre 2018 e 2022, impulsionado pela pandemia e pela adoção de novos modelos de negócio.

Hoje, existem 1.009 desenvolvedoras formalizadas no país, segundo a Pesquisa da Indústria Brasileira de Games 2022, divulgada pela Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Eletrônicos). Isso representa um crescimento de 152% em relação a 2018, quando o setor contava com 375 empresas. Em 2014, eram 133.

"Muito dessa vontade de empreender dentro desse mercado é porque agora, no Brasil, temos um nível de maturidade que já reduz as incertezas. Hoje é uma coisa com a qual você não fica tanto em dúvida se pode dar certo ou não", diz Rodrigo Terra, presidente da Abragames.

Segundo a Pesquisa Game Brasil, 74,5% dos brasileiros afirmam ter o costume de jogar videogames. Outro sinal de força do mercado nacional é a visibilidade de títulos independentes e de baixo orçamento produzidos por aqui, como "Unsighted", que ganharam destaque no exterior. Até outros setores, como vestuário, vêm adotando a identidade de gamer para vender.

Mas as desenvolvedoras brasileiras não sobrevivem apenas do mercado interno. Segundo a Abragames, 57% dessas empresas tiveram receitas internacionais em 2021. Isso porque plataformas digitais como Apple Store, Google Play e Steam facilitam que títulos sejam comercializados em qualquer parte do mundo.

"Um estúdio de games hoje já nasce internacionalizado. As plataformas de distribuição de jogos digitais tocam quase todo o território do planeta, e isso faz com que o jogo feito no interior do Brasil possa ser distribuído globalmente", afirma Rodrigo Terra.

Sandro Manfredini, diretor de negócios da Aquiris Divulgação

A produção também cresce. Os 223 estúdios que responderam à pesquisa da Abragames desenvolveram 715 jogos em 2020. Em 2021, foram 901, um crescimento de 26,3%.

Afterverse, Aquiris e Kokku estão na lista das maiores desenvolvedoras do Brasil. À **Folha** elas contam como chegaram ao topo.

*

Afterverse

A Afterverse é um estúdio formado em 2021 que nasceu a partir da plataforma de conteúdo infantil PlayKids, do grupo Movile. Em 2019, a desenvolvedora criou o game "Crafty Lands", cujo sucesso levou ao "PK XD", uma espécie de metaverso para crianças.

O título já teve mais de 500 milhões de downloads e hoje conta com 30 milhões de usuários ativos. A maior parte dos jogadores se concentra na América Latina, no Sudeste Asiático e nos Estados Unidos.

"O 'PK XD' é uma experiência social, então muito do que enxergamos como o maior sucesso do jogo são os usuários voltando, e mais que isso, como esses usuários falam sobre o produto fora do próprio produto", explica Felipe Hayashida, COO da Afterverse.

Além do sucesso financeiro, conteúdos relacionados ao jogo geram dezenas de milhões de visualizações por semana no YouTube e no TikTok.

"Muito do crescimento do mercado no Brasil vem desse momento de cada vez ser mais rápido exportar o que a gente vem fazendo. Há cada vez mais conhecimento sendo construído, jogadores locais e oportunidade para os jogos brasileiros serem levados para o mundo inteiro", diz.

Aquiris

A Aquiris foi fundada em 2007 e trabalhou tanto em produtos próprios como para outras marcas. Além de "Horizon Chase" (2015) e "Wonderbox" (2021), suas principais propriedades intelectuais, produziu jogos para Looney Tunes e Cartoon Network ao longo da última década.

Em 2019, a Apple selecionou a empresa para estrear o serviço de assinatura de games Apple Arcade. Em abril deste ano, a desenvolvedora recebeu um investimento da Epic Games, dona do "Fortnite".

Na ocasião, as empresas anunciaram um acordo de publicação de vários jogos multiplataforma ainda não revelados. O valor do investimento não foi divulgado.

"A gente tem muito a ganhar com a parceria com a Epic pelo próprio perfil dos estúdios em que a empresa já investiu antes. A Psyonix, do 'Rocket League', e a Mediatonic, do 'Fall Guys', são desenvolvedoras com audiências que conversam muito com o nosso tipo de jogo", diz Sandro Manfredini, diretor de negócios da Aquiris.

"É um selo de qualidade do que a América Latina como um todo tem para oferecer. Esses movimentos tendem a ficar cada vez mais frequentes. Eles dão um sinal claro para o mundo de que a gente é não só um grande mercado consumidor mas também desenvolvedor de produtos."

Kokku

Fundada em 2011, a Kokku é uma empresa especializada na prestação de serviços como codesenvolvimento e desenvolvimento de jogos (CoDev e FullDev) e produção de artes conceituais e 3D para games de celulares, consoles e PCs.

Nos últimos anos, trabalhou com estúdios como Activision e TreyArch, em "Call of Duty Black Ops: Cold War" (2020), e Guerrilla Games, em "Horizon Zero Dawn" (2017) e "Horizon Forbidden West" (2022).

Também desenvolveu títulos com propriedades intelectuais de outros segmentos, como a expansão do game "Roblox" baseada em "Stranger Things", da Netflix.

"A gente queria pertencer ao mundo das maiores franquias, trabalhar com as maiores empresas e fazer os jogos mais desejados", explica Thiago de Freitas, CEO da Kokku.

"A parte mais importante de ter uma empresa como essa, que trabalha com grandes franquias, é investir em relacionamento, que é o que vai gerar as oportunidades", disse.

"Temos uma indústria cada vez mais madura, com mais educação para desenvolvimento de profissionais e uma região relativamente estável. Nos próximos cinco anos, o Brasil deve despontar entre as dez maiores potências de desenvolvimento de jogos."

Após episódios de violência, pessoas buscam tirar o registro de CAC

Perfil de atiradores muda e passa a incluir mais mulheres e pessoas que querem proteger família

Isabela Palhares, Mariana Zylberkan e Rogério Pagnan

Guilherme Rathsam, dono do SP Clube de Tiro, conversa com dois atiradores em seu estande Marlene Bergamo/Folhapress

SÃO PAULO Longe de casa havia uma semana, o empresário Anderson Nonato, 40, sabia que suas duas filhas iriam correr para a janela para vê-lo chegar de moto. Só que o reencontro com as duas crianças naquela noite de 23 de setembro de 2021 foi bem diferente do que tinha planejado. Na frente do imóvel ele foi cercado por criminosos armados, que chegaram em três motos e levaram tudo o que puderam, em meio a xingamentos e humilhações —as filhas assistiram à cena da janela.

O caso transformaria Nonato e a mulher, que depois do roubo decidiram deixar de lado o perfil antiarmas e se tornaram CACs (caçadores, atiradores e colecionadores).

Assim como ele, outras vítimas de violência no país têm buscado o registro de CAC para ter armas em casa na intenção de se proteger de possíveis novas ocorrências.

Para especialistas, a busca por armas para proteção individual é um desvio de finalidade das regras para CACs. Eles afirmam que uma série de atos normativos publicados pelo governo de Jair Bolsonaro (PL) criaram uma insegurança jurídica sobre o tema e abriram brecha para o cidadão comum andar armado.

"Esse negócio [o assalto] foi tão forte para mim que mudei até minha questão política. Eu odiava arma. Eu era petista total. Sempre fui, a vida toda. Agora eu quero tacar fogo na esquerda", comenta o empresário.

Hoje, ele tem duas pistolas 9mm, uma pistola .45 e, agora um fuzil T4. Gastou aproximadamente R$ 50 mil em armas, além de cerca de R$ 2.000 mensais em clubes de tiro.

Juliana Alves, 40, mulher de Nonato diz que há anos tinha o desejo de aprender a atirar e ter arma, por já ter sofrido com roubos e casos de assédio na rua.

"Fui acumulando esse sofrimento com a impotência diante da violência. Até que aconteceu esse assalto e a gente decidiu ser CAC para se proteger pelo menos quando está em casa". O casal começou a frequentar um clube de tiros e, ao mesmo tempo, deu entrada para o pedido de compra de arma e o registro de CAC com o Exército.

Agora, por exemplo, quando o marido está prestes a chegar em casa, ela vai armada até a sacada para atirar caso ele seja novamente abordado por assaltantes. "Tenho duas crianças em casa, me sinto mais tranquila em saber que posso protegê-las na ausência do meu marido", disse.

Donos e instrutores de clubes de tiro confirmam que há um aumento no número de pessoas que querem aprender a atirar não apenas por esporte, mas buscando proteção.

Desde 2017 trabalhando na área, o instrutor de tiro Paulo Bilynskyj considera que o setor passou por um boom no governo Bolsonaro. No primeiro ano de atuação, suas turmas tinham cerca de 17 alunos. Agora, têm entre 30 e 50.

Também diz que a ampliação ao acesso às armas mudou o perfil dos atiradores. "Antes era um público de perfil esportivo, equivalente à Fórmula 1, em que poucos têm a chance de pilotar por causa do alto custo. Hoje, dá para começar a atirar a partir de R$ 300 por mês", diz.

Atualmente, segundo ele, o público é formado principalmente por homens e mulheres com mais de 30 anos, com empregos estáveis e filhos, que querem aprender a atirar para proteger a família.

Atirador esportivo desde 2000, o advogado Guilherme Rathsam, 37, decidiu abrir um clube de tiro no fim do ano passado após perceber o aumento da demanda. Em menos de um ano, cerca de 200 pessoas já passaram pelo local. "A principal motivação é a segurança, apesar de nosso foco ser tiro esportivo", diz.

A mudança do perfil do público também levou os clubes a fazer adaptações para tornar os ambientes mais familiares. Há locais com parquinho e videogame para entreter as crianças, por exemplo.

> A licença para os CACs não é para que defendam seu patrimônio ou sua vida, mas para a prática esportiva, a caça ou coleção. O Estatuto do Desarmamento é muito claro na proibição ao porte de arma, mas o governo Bolsonaro conseguiu driblar a lei com uma série de decretos, criando uma confusão jurídica para que as pessoas andem armadas
>
> **Ivan Marques**
> Advogado membro do Fórum de Segurança Pública

Juliana disse que vai ao clube de tiro aos finais de semana com o marido e as filhas. "A gente vai almoçar ou tomar café da tarde e se reveza entre as baias de tiro e ficar com as meninas no parquinho."

Gustavo Pazzini, um dos sócios do clube G16 Premium, em Moema, na zona sul de São Paulo, diz que a mudança no ambiente faz com que as mulheres se sintam mais confortáveis de frequentar o local. "Não queremos ser um lugar em que as pessoas vão só para atirar, isso satura. A gente quer ter um espaço em que pessoas com os mesmos interesses convivam", disse.

Segundo Pazzini, hoje cerca de 35% dos filiados do clube são mulheres. A maioria delas quer aprender a atirar depois de ter passado por alguma situação de violência, urbana ou doméstica.

É o caso da atriz Rhenata Schmidt, 41, que decidiu investir no treinamento e se tornar CAC depois de ter passado por um relacionamento abusivo e sofrer violência do então companheiro. "Percebi naquele momento que precisava me proteger", contou.

Ela treina duas vezes ao mês e já aprendeu a atirar com fuzil, pistola e revólveres de diferentes calibres.

A publicitária Carol Diniz, 32, também se tornou CAC por medo da violência contra a mulher. "O único meio de parar a agressão de um homem é com arma. O homem sempre vai ser superior em força à mulher."

Sem parentes em São Paulo, ela diz que a arma é uma espécie de segurança particular. "Se eu não defender a mim mesma e ao meu filho, ficamos à mercê de um sistema que não funciona", disse.

O número de pessoas com licença para armas de fogo cresceu 473% no governo Bolsonaro. Em 2018, antes de o presidente assumir, havia 117,4 mil registros de CACs. Em junho deste ano, o total de registros chegou a 673,8 mil.

Natália Pollachi, gerente de projetos do Instituto Sou da Paz, diz que a ampliação do registro de CACs não foi acompanhada de iniciativas para a fiscalização do que as pessoas com essas armas fazem. O Exército, por exemplo, não sabe o perfil, idade, sexo, cor, de quem tem esse registro.

"Há uma falha gigantesca no acompanhamento dessa política pública. A gente não sabe quem está se beneficiando dessa política."

Procurado pela **Folha**, o Exército disse que os dados estatísticos sobre o perfil dos CACs, e até mesmo sua distribuição por unidades da federação e o tipo de armas que possuem, "estão fora dos parâmetros necessários às ações de fiscalização atribuídas ao Exército Brasileiro".

Para o advogado Ivan Marques, membro do Fórum de Segurança Pública, a busca para se tornar CAC com o objetivo de proteção individual mostra como a política atual distorceu as permissões para a categoria.

"A licença para os CACs não é para que defendam seu patrimônio ou sua vida, mas para a prática esportiva, a caça ou coleção. O Estatuto do Desarmamento é muito claro na proibição ao porte de arma, mas o governo Bolsonaro conseguiu driblar a lei com uma série de decretos, criando uma confusão jurídica para que as pessoas andem armadas."

Pelas regras atuais, quem é CAC pode apenas portar uma arma de fogo curta até o local de treinamento. No entanto, quem tem esse registro, não precisa informar ao Exército onde é seu local de treino.

"Antes havia a necessidade da emissão de uma guia de trânsito, em que a pessoa informava o local e o horário de treino. O governo Bolsonaro acabou com isso, o que impede qualquer fiscalização."

Fast-food é a 'última refeição' de pacientes

Internados de até 50 anos em setor de cuidados paliativos do hospital da Unicamp costumam optar por McDonald's

VIDA PÚBLICA

Andreza de Oliveira

SÃO PAULO Comer lanche do McDonald's é um desejo comum a pacientes de oncologia e hematologia internados em estado grave e submetidos a tratamento paliativo no Hospital das Clínicas da Unicamp, em Campinas, no interior paulista. Os pedidos são frequentes, segundo a enfermeira Ellen Recco, que há sete anos cuida de pessoas com diagnóstico de linfoma e leucemia.

Os enfermeiros do núcleo de cuidados paliativos do hospital público alertam familiares dos pacientes para a realização de desejos que envolvem alimentação especial e diferente da comida hospitalar.

"Percebo que quando vão chegando nessa fase [mais crítica do tratamento] eles querem alguma coisa, como um grand finale para o processo da vida", afirma Ellen.

Sem estatísticas oficiais sobre quais são os principais pedidos, a servidora pública diz que pacientes com menos de 50 anos são os que mais solicitam fast-food. Segundo a enfermeira, eles frequentemente optam por hambúrguer, batata frita e refrigerante.

"Nessa faixa etária, eles focam em comida e solicitar McDonald's é muito frequente. Há casos em que assim que acabam de comer o lanche, [os pacientes mais debilitados] já entram naquela fase final. Então, acaba sendo a última refeição de muita gente."

Mas um paciente de 28 anos diagnosticado com leucemia linfoide aguda, sob cuidados paliativos no setor onde Ellen trabalha, foi na contramão e pediu pizza, que seria servida na noite da última sexta (22).

Ellen relata ter visto pacientes que levavam uma vida saudável antes de adoecerem, mas que, ao entrarem nas semanas finais de vida, optaram pelo mesmo pedido.

"Nesses casos, nunca pedem um suco de laranja, por exemplo. É sempre refrigerante e fast-food. Parece que é uma coisa que eles sabem que faz mal, mas como estão no fim da vida, não têm essa preocupação", diz a enfermeira.

Psicóloga hospitalar paliativa do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Karen Bisconcini explica que esse raciocínio faz sentido. Para ela, essas pessoas que não consumiam determinados alimentos por fazerem mal ao longo da vida mudam o pensamento quando percebem que a saúde está afetada irreversivelmente.

"Acredito que nesses casos exista uma pressa, uma urgência de fazer aquilo que não foi feito antes", diz Karen.

No caso de pacientes mais velhos, é comum pedirem alimentação mais caseira e que remeta a lembranças de família.

"Um ou outro até pede um lanche, mas vejo que preferem a comida de casa ou então nem se importam com a parte alimentar. Eles querem ver pessoas, tanto que alguns até param de comer", diz Ellen.

Roberta Antoneli Fonseca, enfermeira do núcleo de cuidados paliativos da Unicamp e membro da ANCP (Academia Nacional de Cuidados Paliativos), afirma que parte dos pacientes com doenças irreversíveis não costuma sentir fome.

"Quando pedem alguma refeição diferente, como lanche, nem sempre conseguem comer por inteiro. Às vezes é só uma mordidinha, mas fazemos o desejo dele. Já tive paciente que pediu para tomar uma cerveja e outro que pediu um último cigarro", conta.

Roberta afirma que também é comum no final da vida o paciente sentir a boca seca. Por isso, pedidos por sorvetes ou sacolés costumam ser frequentes. Na Unicamp, as nutricionistas providenciam geladinhos para os pacientes que não podem comprar.

No caso da alimentação especial, na Unicamp, quem fornece os pedidos dos pacientes costuma ser a família. Quando não podem pagar ou não são presentes, os próprios funcionários realizam os desejos.

"Sempre alguém da enfermagem compra uma coisa ou outra. Uma vez, uma equipe pediu um delivery para um paciente e ele morreu antes que o pedido chegasse", diz Ellen.

Para a nutricionista e especialista em cuidados paliativos Tamyris Gonçalves, os pedidos estão muito relacionados ao modo de vida destas pessoas. Por isso é comum, segundo ela, ver mais jovens desejando fast-food.

"Não fazem questão da presença do nutriente em si, mas sim da lembrança que aquele alimento traz. Já atendi pacientes do Amazonas que pediram açaí porque é um hábito daquela região", diz.

Algumas técnicas também foram desenvolvidas para facilitar o acesso do paciente com mais restrições, como os que usam sondas, à comida desejada. "Muitas vezes eles só querem sentir o sabor do alimento, então facilitamos a deglutição. Outros colocam a comida na boca só para sentirem o gosto e logo cospem. Isso já é o suficiente", afirma Tamyris.

A psicóloga Karen reforça que a alimentação do paciente nessa fase da vida, por mais que ele não tenha fome, está relacionada à ideia de afeto.

"Algumas famílias insistem em alimentar o paciente com alguma comida que ele goste, mesmo sem ele pedir. É a tentativa de demonstrar que está tudo indo do melhor jeito possível", diz Karen.

Familiares de Letícia Sales levaram cartazes pedindo justiça durante o cortejo do enterro Eduardo Anizelli/Folhapress

Família de vítima é revistada a caminho de velório no Rio

Letícia Sales foi enterrada no sábado; PM diz que parou ônibus após ofensas

Mariana Moreira

RIO DE JANEIRO A família de Letícia Marinho Sales, 50, uma das vítimas da operação policial no Complexo do Alemão, no Rio, foi revistada por policiais militares quando estava a caminho do velório, na manhã deste sábado (23). A cerimônia ocorreu no Cemitério São Francisco Xavier (Caju), na zona portuária do Rio.

De acordo com a Polícia Militar, 17 pessoas morreram no confronto na quinta (21).

O vigilante Neílson Fonseca, 33, sobrinho de Letícia, relata que o ônibus em que a família estava a caminho do funeral foi parado pela polícia na avenida Braz de Pina. Procurada pela reportagem, a corporação confirmou a abordagem. Em nota, a PM afirma que parou o veículo após policiais ouvirem xingamentos.

"Policiais militares da UPP Parque Proletário estavam em patrulhamento pela avenida Braz de Pina quando passaram por um ônibus e ouviram palavras desrespeitosas sendo ditas pelos passageiros e direcionadas a eles. A equipe policial parou o coletivo para abordagem. Uma pessoa que estava no ônibus desceu e pediu desculpas pelo ocorrido. O ônibus foi liberado em seguida para seguir seu trajeto", diz a PM, em nota.

Segundo Fonseca, bolsas e documentos foram revistados durante a ação.

"Eu estou aqui para brigar por justiça, quero saber quem são os verdadeiros criminosos. Quero saber do Coronel Blaz [tenente-coronel Ivan Blaz, porta-voz da Polícia Militar do Rio de Janeiro] e do governador Cláudio Castro o que vai ser feito. Minha tia foi morta por policiais, sendo filha de policial militar e ninguém se dirigiu a nós, não temos assistência nenhuma", disse, emocionado, em frente à capela onde Letícia foi velada.

O sobrinho também questionou a conduta dos policiais durante a operação. "Não adianta ter concurso para 2.000 policiais para eles humilharem e esculacharem a vida de pessoas de bem. A gente paga tributos, água e outras coisas. Não adianta querer ser polícia, eles não são mais do que ninguém. Eu estou cansado. Isso tem que acabar, eu espero resposta, me procurem."

Familiares também levaram faixas pedindo justiça e paz para os moradores da favela.

Abatido, o estudante Marcus Vinicius Sales, 22, filho de Letícia, também lamentou a morte da mãe. "Eu morava com a minha mãe e não tenho as palavras certas para definir quem era ela. Acordei com um bom dia diferente, mas é importante saber que ela foi salva, ela vive em Cristo e em Jesus", disse o jovem.

Letícia foi morta na manhã de quinta, atingida por um tiro enquanto passava de carro com familiares pela avenida Itararé, em Bonsucesso. A via é um dos principais acessos ao Complexo do Alemão.

O corpo foi levado inicialmente para a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) Zilda Arns e encaminhado posteriormente ao IML (Instituto Médico Legal) Afrânio Peixoto.

Segundo relatos de familiares, Letícia estava voltando para casa, no bairro do Recreio, após passar a noite na Vila Cruzeiro, na casa de amigas.

Em nota, o governador lamentou a morte de Letícia. O governo do estado afirmou que as circunstâncias da morte estão sendo investigadas pela Polícia Civil. A Seavit (Secretaria de Assistência à Vítima) também informou que está dando apoio aos familiares.

Fuzil usado no Alemão é arma de guerra, diz consultor

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO O fuzil .50, apreendido durante operação policial no Complexo do Alemão, zona norte do Rio de Janeiro, é uma arma de guerra de grande poder de destruição, capaz de derrubar aeronaves e perfurar veículos blindados.

Segundo Paulo Storani, ex-capitão do Bope (Batalhão de Operações Especiais) e consultor em segurança pública, o armamento foi fabricado para disparos em longas distâncias e é utilizado por snipers.

A Polícia Militar afirmou que a arma foi usada para tentar derrubar helicópteros das forças de segurança durante a operação. Vídeo que circula nas redes sociais mostra uma rajada de tiros sendo disparada em direção a uma aeronave da polícia.

Storani afirma que o fuzil é exclusivo das Forças Armadas —nem a polícia tem autorização para utilizá-lo.

O fuzil .50 já foi apreendido em outras ocasiões, como em 2015, quando o Bope prendeu seis traficantes do Comando Vermelho no Complexo do Chapadão, zona norte da capital.

Segundo a Polícia Civil, além do fuzil .50, foram apreendidos quatro fuzis, duas pistolas, nove carregadores de fuzil, 56 artefatos explosivos e grande quantidade de drogas.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Gerente de banco começou de baixo para superar limites

ANTONIO JOSÉ BONIN (1947-2022)

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Logo após completar a maioridade, Antonio José Bonin, garoto bom de bola de Itupeva (SP), precisou criar mais responsabilidade e tratou de arrumar um emprego. Foi contratado para ser faxineiro e responsável pelo café da recém-inaugurada agência do Bradesco no município do interior paulista. Duas décadas depois, o goleador nos campeonatos de futebol da cidade alcançava cargo de gerência do banco.

Bonin não teve muito estudo. Chegou até o ginásio, segundo sua mulher, Idnei de Almeida Bonin, 67. Mas soube como ninguém levar ao trabalho o mesmo espírito de equipe que fazia a bola chegar redonda aos seus pés, nos times que perfilou, para crescer profissionalmente.

No início, a rotina no banco era dividida entre o café que fazia para os demais funcionários, a faxina e a bicicleta que usava para levar a correspondência dos clientes. "Mas foi aprendendo aos poucos e cresceu lá dentro. Galgou cargos até chegar à gerência", diz Idnei.

Por causa dos novos cargos do bancário, a família teve de se mudar para outras cidades do interior de São Paulo —ele trabalhou em agências de Campinas, Bragança Paulista e Piracaia.

Segundo a mulher, o marido ficou no banco por 22 anos. Depois, voltaram para Itupeva e Bonin foi bem-sucedido como vendedor de planos de saúde, em uma empresa de logística e no setor administrativo de uma firma de tambores, onde ficou durante 16 anos.

Não faltava no trabalho nem no futebol de fim de semana. O atacante de uma série de times de Itupeva sempre lembrava que talvez tivesse perdido a chance de ser um jogador famoso quando a mãe não deixou o menino de 12 anos ir a um teste no Rio de Janeiro.

Bonin jogou bola até os 60 anos. Depois passou para a bocha e representou o município em competições oficiais.

Também foi músico. Tocou saxofone na Lira Itupevense, banda da cidade dos anos 1970. Quando seguia para os ensaios aos domingos, sempre observava uma moça que ia aos cultos da Igreja Batista.

Antonio José chegou a ser noivo, e Idnei teve outros namorados. Mas o destino em cidade pequena geralmente não costuma falhar. A agência do Bradesco ficava perto do escritório onde ela trabalhava. "Um dia trocamos um olhar diferente que se transformou em um casamento de 44 anos", diz.

Durante os últimos oito anos, Bonin tratou um câncer de próstata com metástase nos ossos. Foi internado no último dia 3, um domingo. Na véspera, ainda viu o Palmeiras jogar na TV.

Morreu dia 8 de julho, aos 74 anos, e deixa a mulher, Idnei, os filhos Erica Juliana e Ivan Carlos, além da neta Manuela.

291º MÊS

NORMA VASQUES DOMINGUEZ Domingo (24/7) às 18h, Ig. N. Sra. da Saúde, V. Mariana, São Paulo (SP)

EM MEMÓRIA

JÚNIA MARGARIDA DE CAMPOS NAVARRO Domingo (24/7) às 10h, Mosteiro de São Bento, Largo de São Bento, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

saúde

OMS declara emergência global de saúde por varíola dos macacos

Até agora, 74 países já notificaram infecções pela doença; no Brasil, há mais de 600 casos

Bruno Lucca e Cláudia Collucci

SÃO PAULO A OMS (Organização Mundial da Saúde) classificou neste sábado (23) a disseminação da varíola dos macacos como emergência pública de preocupação global. O anúncio foi feito pelo diretor-geral da organização, Tedros Adhanom.

A classificação foi tema de discussões na última semana, e o comitê de emergência da OMS não entrou em consenso sobre a doença ser tratada ou não como emergência global. Coube ao diretor, com critérios explicados durante o anúncio, decidir constatar a varíola de macacos como emergência pública que deve ser observada e combatida globalmente.

"Nós acreditamos ser o momento deste anúncio, considerando que, dia após dia, mais países e pessoas têm sido afetados pela doença. Precisamos de coordenação e solidariedade para controlar esse surto", disse Adhanom, afirmando que o risco no mundo é relativamente moderado, exceto na Europa, onde é alto.

Outra preocupação da OMS é o estigma gerado pela doença. Hoje, segundo a organização, 90% das infecções por varíola dos macacos se dão em homens que têm relações sexuais com outros homens. "Estigma e discriminação podem ser mais perigosos que qualquer vírus", declarou Tedros Adhanom.

De acordo com um estudo recém-publicado no New England Journal of Medicine, realizado com 528 pessoas em 16 países —o maior até o momento—, 95% dos casos foram transmitidos sexualmente.

Segundo o portal Our World in Data, da Universidade de Oxford, até a última quinta-feira (21), foram confirmados 15.510 casos de varíola dos macacos em 74 países.

No Brasil, o Ministério da Saúde confirma 607 casos da doença até a última sexta (22). O saldo é mais do que o dobro verificado no último dia 9, quando havia 218 diagnósticos em todo o país.

Os números concentram-se principalmente em São Paulo, onde já são 466 casos da doença confirmados no estado, segundo a secretaria da saúde paulista. A maior parte deles é na capital —no total, foram 385 somente na cidade.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou à **Folha** neste sábado que o Brasil já está negociando com a Opas (Organização Pan-Americana da Saúde) a aquisição da vacina Imvanex, da Bavarian Nordic, contra a varíola dos macacos.

Segundo Queiroga, a Secretaria de Vigilância em Saúde está em processo de avaliar o quantitativo necessário, e a aquisição será por meio do fundo rotatório, mecanismo internacional de cooperação técnica para acesso a vacinas.

De acordo com ele, medidas de contenção dos casos estão sendo adotadas, e a rede de diagnóstico está estruturada.

A vacina Imvanex já obteve aprovação para a prevenção da varíola dos macacos nos Estados Unidos e no Canadá e, neste sábado, também em países da Europa.

Nos EUA, a FDA (agência regulatória americana) já aprovou o uso da vacina ACAM2000 (Sanofi) para a prevenção da doença.

Conforme o médico epidemiologista Fabio Mesquita, que já foi diretor do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, embora não haja um consenso global sobre a eficácia das vacinas na prevenção dos casos da doença, as agências regulatórias têm autonomia para aprová-la para esse fim.

"Na Europa, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, as vacinas estão sendo utilizadas só em áreas de alto risco de transmissão, em homens que fazem sexo com homens e profissionais de saúde. A produção industrial é pequena, elas ainda não foram largamente adotadas em nenhum país", diz ele, que atualmente é membro do corpo técnico da OMS lotado em Mianmar.

Disputa é acirrada, e vacina deve demorar, afirma David Uip

ENTREVISTA

Cláudia Collucci

SÃO PAULO O infectologista David Uip, 70, secretário de Ciência, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do governo paulista, afirma que há uma disputa acirrada no mundo pela vacina contra a varíola dos macacos e que ela não deve chegar ao Brasil a curto prazo.

*

O que muda com a OMS declarando a varíola dos macacos como emergência pública de preocupação global? Isso unifica as dificuldades e, assim, aparecem as soluções, inclusive a readequação e a distribuição de vacinas, recursos e a compatibilidade de programas públicos entre os países.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, declarou que o país já negocia com a Opas a compra de vacina. É o caminho? A vacina dinamarquesa [Imvanex] está sendo disputada em todo o mundo. Os Estados Unidos aumentaram a encomenda, a União Europeia, também. Aí vamos ter que entrar na fila. Não vejo outra alternativa e não vejo nada a curto prazo. O ministério está negociando com as mesmas dificuldades.

> "Nós acreditamos ser o momento deste anúncio, considerando que, dia após dia, mais países e pessoas têm sido afetados pela doença. Precisamos de coordenação e solidariedade para controlar esse surto
>
> **Tedros Adhanom** diretor-geral da OMS

Mesmo via Opas (Organização Pan-Americana da Saúde)? Pode ser que com a declaração de emergência global isso mude. Pelos caminhos habituais, a expectativa era longa. A outra alternativa, se possível, é que Farmanguinhos [laboratórios da Fiocruz] e [Instituto] Butantan produzam a vacina.

O vírus já foi isolado, mas daí até transformar isso em IFA [Ingrediente Farmacêutico Ativo], em capacidade de produção e armazenamento, demora. A notícia que eu tinha é que a possibilidade de termos uma nova vacina no Brasil é de nove meses.

E a curto prazo, o que precisa ser feito? Primeiro, preparar o sistema para se capacitar para diagnosticar e atender esses casos, das Unidades Básicas de Saúde (UBS) aos hospitais de referência. Alguns casos vão ser tratados em casa, outros vão precisar ser internados. Exige isolamento longo, cerca de três semanas. Me preocupa muito as populações vulneráveis, como os imunodeprimidos e as mulheres grávidas. Há casos na literatura mostrando que se a gestante adquire esse vírus há mais chances de aborto. Ainda não dá para saber se o aborto foi porque tiveram o vírus, mas é um alerta.

Como combater a questão do estigma? Não podemos cometer os erros do passado [na epidemia de Aids], achando que é uma doença de uma população isolada. A transmissão [entre homens que fazem sexo com homens] pode ser o início, mas não só. Já tem muitos casos que não têm nada a ver. Já existem casos em que o contato envolvido foram roupas de cama, toalhas. Não se pode pensar com simplicidade dessa história. A velocidade da transmissão e as formas de contágio assustam bastante.

Catarina Pignato

Busca por cirurgias estéticas cresce; decisão deve ser pautada no bem-estar, alertam médicos

EQUILÍBRIO

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO Lipo LAD, correção de "Tech Neck" e Efeito Zoom. Os nomes dos procedimentos estéticos remetem a uma vida digital que se consolidou com a pandemia. Após um período de queda na procura em decorrência da crise sanitária, médicos veem consultórios e centros cirúrgicos cada vez mais cheios.

Enquanto uns acreditam que o ritmo visto antes do coronavírus está sendo retomado, outros dizem que a busca se deu após a frustração com procedimentos menos invasivos. Especialistas e ativistas ponderam, porém, que a decisão deve ser pautada no bem-estar físico e mental: entender que os corpos não são iguais e que as mudanças estéticas não devem ser fatores determinantes para a qualidade de vida das pessoas.

De acordo com levantamento feito pela **Folha** no Google Trends, que analisa a popularidade dos termos buscados na plataforma, procedimentos como Lipo LAD e até "butt lift" foram pesquisados em todos os estados do país no último ano. Depois de uma desaceleração que zerou a procura em 2018, esses dois tiveram picos em 2019 e 2020, e desde fevereiro de 2021 voltaram a ser buscados.

Segundo o cirurgião José Octavio Gonçalves de Freitas, presidente da SBCP-SP (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional de São Paulo), essa movimentação cirúrgica crescente no Brasil é perceptível nos consultórios e hospitais. "Os hospitais que faziam apenas cirurgias tiveram uma queda de 50% por falta de procura [na pandemia] e os mistos estavam com os leitos ocupados por pacientes de Covid-19", diz.

Já o cirurgião plástico Fernando Salgueiro, 38, membro da SBCP e da ASPS (Sociedade Americana de Cirurgiões Plásticos, em português), atribuiu o fenômeno à decepção dos pacientes com as promessas dos minimamente invasivos, bastante populares e acessíveis em clínicas particulares na pandemia.

Excesso de invasivos e procedimentos mal feitos, segundo os dois cirurgiões, têm provocado uma onda de deformidades e complicações.

"Marketing bonito infelizmente pode esconder um profissional inexperiente. Questione nas redes sociais o profissional e o influencer. E passe em consulta, às vezes em dois ou mais profissionais. Tire todas as dúvidas antes de escolher realizar qualquer tratamento", sugeriu Salgueiro.

> Tire todas as dúvidas antes de escolher realizar qualquer tratamento
>
> **Fernando Salgueiro** Cirurgião plástico

No Brasil, Freitas vê pacientes buscando a remoção dos enxertos e silicones por estarem se deslocando e causando dor, entre outros problemas.

Sobre limites, o cirurgião é direto: a pessoa só deve ser operada com o profissional que sabe tratar os possíveis problemas que podem surgir em uma operação.

ciência

Extrema direita e Al Qaeda

Nos EUA, extrema direita é tão violenta quanto radicais islâmicos, diz estudo

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

O gentil leitor talvez já tenha ouvido falar de um negócio chamado Teoria da Ferradura. Segundo essa ideia, os pontos extremos do espectro político —os membros dos grupos mais radicais de direita e de esquerda, digamos— teriam ideias de jerico e comportamentos reprováveis muito semelhantes entre si.

Nazismo e comunismo seriam apenas faces da mesma moeda, e por aí vai. Acontece que, ao menos no que diz respeito à violência política praticada mundo afora nos últimos 50 anos, essa ideia não corresponde aos fatos. A extrema direita tem sido claramente mais agressiva e letal.

Essa é uma das principais conclusões de um estudo que acaba de sair no periódico especializado PNAS, ligado à Academia Nacional de Ciências dos EUA.

Em sua análise, os autores do estudo incluíram ainda dados sobre atos de violência praticados por extremistas islâmicos, concluindo que, em território americano, a extrema direita empata com eles nesse aspecto.

Globalmente, as organizações extremistas muçulmanas têm sido mais letais, com os radicais de direita em segundo lugar.

Antes que alguém decida sair por aí xingando os "cientistas comunistas" autores do estudo, é bom lembrar que esses resultados não saíram do nada.

Conforme lembra a equipe do estudo, que inclui Katarzyna Jasko, da Universidade Jagielloniana, na Polônia, e Gary LaFree, do Departamento de Criminologia da Universidade de Maryland (Estados Unidos), já existe um debate considerável na literatura científica sobre as predisposições psicológicas e comportamentais diferentes de pessoas que aderem à direita e à esquerda.

Em média, quem simpatiza com ideologias mais radicais de direita demonstra mais dogmatismo, mais apoio à ideia de que certos grupos são socialmente dominantes e mais hostilidade a quem viola normas, fatores que podem desembocar em comportamentos violentos.

Nem todos os estudos, porém, mostram essas associações. Por isso, Jasko, LaFree e seus colegas decidiram analisar duas grandes bases de dados. A primeira, exclusiva dos Estados Unidos, catalogou 1.563 indivíduos ligados a crimes ideologicamente motivados (tanto violentos quanto não violentos) em território americano entre os anos de 1948 e 2018.

Quase 90% dos "fichados" são homens; 59% são ligados a grupos de direita, 23% a grupos de esquerda e 18% a grupos islâmicos. Quando comparados aos militantes de esquerda, os de direita tinham probabilidade 70% maior de se envolver com crimes violentos. Já a comparação entre ultradireitistas e radicais islâmicos mostrou que essa probabilidade é semelhante para ambos os grupos.

No passo seguinte do estudo, a equipe analisou os dados da GTD (sigla inglesa de Base de Dados do Terrorismo Global), que catalogou 182 mil atentados pelo mundo entre 1970 e 2017, dos quais 55% tiveram o grupo responsável identificado.

No caso da GTD, embora a frequência se inverta, com atentados de grupos de esquerda e islâmicos mais frequentes que os de grupos de direita, a letalidade dos ataques de extrema direita é consideravelmente maior.

Mortes ocorrem em ações terroristas de radicais de direita em 35% dos casos, contra 23% dos praticados por extremistas de esquerda e em 55% dos organizados por grupos islâmicos.

Não existem formas aceitáveis de violência política, seja lá qual ideologia defendam seus perpetradores. Mas não deixa de ser irônico que a paranoia da extrema direita com o terrorismo islâmico derive do fato de que, no fundo, eles são farinha do mesmo saco.

É urgente entender as razões sociais e históricas por trás disso e achar maneiras mais inteligentes —e menos violentas— de desarmar essas duas bombas-relógio globais.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. **Atila Iamarino**, Esper Kallás

Reunião da SBPC discutirá questões ambientais e a defesa da democracia

Evento com o tema 'Ciência, independência e soberania nacional' começa neste domingo (24)

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) A SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), principal órgão a representar a comunidade científica do país, inicia sua 74ª reunião anual no domingo (24), em Brasília, com uma programação que vai privilegiar debates sobre saúde pública, questões ambientais e a defesa da democracia.

Esses três elementos são cruciais para refletir sobre o tema geral do evento, o qual, em 2022, para marcar os 200 anos de independência do Brasil, é "Ciência, independência e soberania nacional". "Em primeiro lugar, não existe soberania nacional sem soberania popular, sem democracia", diz o filósofo e ex-ministro da Educação Renato Janine Ribeiro, atual presidente da SBPC.

"Um dos componentes essenciais para isso é o voto, o que nos levou a organizar uma mesa sobre as urnas eletrônicas no Brasil e o lançamento de um livro que narra a história delas", explica Janine Ribeiro, que é professor de filosofia política e ética na USP. Atacados como pouco confiáveis pelo presidente Jair Bolsonaro, os aparelhos até hoje nunca revelaram indícios de fraude.

A mesa-redonda, que acontece no dia 29 de julho, contará com a participação de Carlos Velloso, ministro aposentado do STF (Supremo Tribunal Federal). Após o debate, será lançado o livro "Tudo O Que Você Sempre Quis Saber Sobre A Urna Eletrônica Brasileira", escrito pela jornalista Fernanda Soares Andrade.

Para o presidente da SBPC, a comunidade científica do país enfrentou dificuldades sérias durante os anos de mandato de Bolsonaro. Com exceção de algumas agências estaduais de fomento à pesquisa, entre as quais se destaca a paulista Fapesp, a ciência brasileira, em larga medida, dependente do financiamento federal, tem sofrido quedas constantes nos últimos anos.

"Temos tentado manter o diálogo, mas é muito difícil fazer isso com um governo que corta verbas, que não prioriza a ciência e não dá nenhuma importância para a educação. O governo federal não assumiu o papel de liderança que deveria ter, e a situação, de fato, é muito delicada", resume ele. "Não houve uma única reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, ao longo destes anos, na qual o presidente da República estivesse presente, por exemplo."

> Não existe soberania nacional sem soberania popular, sem democracia. Um dos componentes essenciais para isso é o voto, o que nos levou a organizar uma mesa sobre as urnas eletrônicas no Brasil e o lançamento de um livro que narra a história delas
>
> **Renato Janine Ribeiro**
> filósofo, ex-ministro da Educação e atual presidente da SBPC

Esse desinteresse se reflete na maneira como o país lidou com a Covid-19. "Estamos tentando sair de uma pandemia horrível, que o Brasil infelizmente enfrentou muito mal", diz Janine Ribeiro. "Pensar a saúde coletiva nesse contexto também é uma questão de inclusão social e, portanto, essencial para a nossa independência e soberania."

Para o presidente da SBPC, o mesmo vale para a devastação ambiental que o Brasil enfrenta. "É algo que talvez não estivesse claro para muita gente no começo do século 21, mas que se impõe como uma discussão decisiva para o Brasil hoje", afirma.

"E isso vale não apenas para a necessidade de deter o avanço do desmatamento como também para a proteção dos direitos e da cidadania dos indígenas, dos ribeirinhos e de outras populações tradicionais cuja presença é essencial para a defesa desses territórios", diz Janine Ribeiro. "A ciência tem mostrado cada vez mais que essas populações desenvolveram um conhecimento sofisticado sobre os lugares em que vivem, e que há um imenso potencial de desenvolvimento econômico sustentável a partir da nossa biodiversidade, algo que os fabricantes de cosméticos, por exemplo, já perceberam."

Como acompanhar a reunião

A participação nos eventos da reunião da SBPC é gratuita. As palestras, mesas-redondas e exposições acontecem no campus Darcy Ribeiro, da UnB (Universidade de Brasília), a partir de segunda (25), e vão até sexta (29), das 9h às 18h. Os organizadores recomendam ao público o uso de máscaras faciais e higienização das mãos. A programação diária pode ser acessada no endereço https://eventos.galoa.com.br/sbpc-2022/calendar.

ambiente planeta em transe

Joenia Wapichana, 49
Pertence à comunidade indígena Truaru da Cabeceira, na região do Murupu, em Boa Vista. Formou-se em direito na UFRR (Universidade Federal de Roraima) e fez mestrado na Universidade do Arizona (EUA). Na Câmara, é a líder do seu partido, a Rede Sustentabilidade, e uma das vice-líderes da oposição.

Joenia Wapichana, a primeira mulher indígena a ser deputada federal, no Congresso Nacional, em Brasília Gabriela Biló/Folhapress

Calma em negociações guia a única deputada indígena do país

Joenia Wapichana diz usar estratégia típica de seu povo para defender ambiente

PERFIL
JOENIA WAPICHANA

Ana Carolina Amaral

BRASÍLIA "Vou votar com vocês, viu?", avisa o deputado Danilo Forte (União-CE) ao passar por Joenia Wapichana (Rede-RR) em um dos corredores da Câmara dos Deputados, em Brasília.

"Está ótimo", ela devolve, com o polegar em sinal de joia. "Eu converso com todo mundo", vira em seguida à reportagem da **Folha**, que acompanhou dois dias da agenda da parlamentar no final de junho.

Única mulher indígena eleita no Congresso, Joenia é apenas a segunda representação indígena na história do Parlamento brasileiro. A primeira foi há 40 anos, com a eleição do xavante Mário Juruna (1943-2002), eleito pelo estado do Rio de Janeiro no PDT.

Mas a condição de minoria é usada como alavanca para o protagonismo da parlamentar. Ser a única representante dos povos indígenas, ela conta, foi um dos argumentos que lhe garantiu assento durante todo o mandato na comissão mais importante, a CCJ (Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania), que controla a constitucionalidade dos projetos de lei em tramitação, podendo até vetá-los.

Minutos antes de cruzar com Forte no corredor, ela havia lhe telefonado e pedido para que ele corresse até a reunião da CCJ. A pedido dela, deputados apareceram na reunião no último dia 28 para votar pela manutenção da pauta do PL 3.074/2019, que é relatado por Joenia e prevê a cooficialização das línguas indígenas nos municípios com comunidades indígenas.

Apesar do apoio majoritário para que o PL permanecesse na pauta, a proposta recebeu pedido de vista do deputado Gilson Marques (Novo-SC). "Quanto custa viabilizar isso?", diz Marques.

"Isso não é algo polêmico. Já existe em vários municípios", Joenia afirma pausadamente. "Dizem que é inconstitucional porque não conhecem o artigo 231 da Constituição. Vou ler para vocês: 'são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens'."

A tranquilidade, embora pareça não corresponder ao momento de embate, é usada por ela para costurar apoios nos bastidores das reuniões.

Entre sorrisos e apertos de mãos (acompanhados por recorridas ao álcool em gel), a deputada sobe duas vezes à mesa da presidência da CCJ e conversa reservadamente para pedir que seja a relatora da PEC 37/2021, sobre a inserção do direito à segurança climática na Constituição.

"Soube que uma pessoa que não é da área ambiental queria essa relatoria, então me adiantei", conta à **Folha**.

No final do dia, a assessora Lucia de Oliveira entra em sua sala para confirmar. "Pronto, a senhora já é a relatora da PEC [37/2021]", avisa.

Os 36 projetos de lei de autoria ou coautoria da deputada abarcam propostas sobre saúde, educação e auxílio emergencial. O foco se volta, porém, às questões ambientais e indígenas, com propostas que pedem a suspensão de validade do CAR (Cadastro Ambiental Rural) em imóveis com desmatamento ilegal, a criação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas e a proibição de autorização para pesquisa de mineração e concessão de lavra em terras indígenas.

Em 5 de julho, seu primeiro projeto de lei foi aprovado e virou lei, após ter sido vetado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Ele havia rejeitado o inteiro teor da proposta que troca a nomenclatura do dia 19 de abril, de Dia do Índio —termo associado a falas preconceituosas— para Dia dos Povos Indígenas, um sinônimo de povos originários. O Congresso derrubou o veto presidencial em sessão conjunta.

"Rídiculo ele, né? Vetou o projeto que é só uma terminologia, mas que significa muito para a gente, que é o Dia do Índio, que o branco deu para a gente e foi usado para nos diminuir", dizia Joenia em reunião da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) no final de junho, pedindo apoio para reverter o veto. "E não somos só um povo, somos povos, não somos só um índio."

No segundo dia em que a reportagem acompanhou a rotina de Joenia em Brasília, ao receber no gabinete um grupo de advogados indígenas, o Ybi, ela lembra ter sido uma pioneira na área.

Foi a primeira mulher indígena a se tornar advogada no Brasil, em 1997, pela UFRR (Universidade Federal de Roraima). "Mas na época eu não sabia, estudava muito para terminar logo. O curso era de cinco anos e eu fiz em quatro", conta.

Os dois filhos da deputada nasceram enquanto ela cursava a faculdade. Mas ela prefere não falar sobre a vida pessoal, já que a família convive com ameaças.

"Quando voltei já formada advogada para o território, vinham me procurar para resolver os conflitos, invasões. Eu já tinha um trabalho na faculdade, mas tive que largar para atender as demandas das comunidades indígenas."

Uma delas foi a defesa da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Com o caso, Joenia se tornou a primeira advogada indígena a fazer uma sustentação oral no STF (Supremo Tribunal Federal), em 2008.

Joenia, que em 2011 obteve o título de mestre pela Universidade do Arizona (EUA), atuou por 23 anos no CIR (Conselho Indígena de Roraima). A ideia de se candidatar a um cargo político, conta, só passou a ser gestada em 2016 — dois anos antes de, com 8.491 votos, tornar-se em 2018 a primeira mulher indígena eleita deputada federal.

O partido, a Rede Sustentabilidade, foi escolhido pelos princípios e pela liberdade de posicionamento, diz.

Agora, aos 49 anos, ela busca a reeleição, contando com o apoio dos indígenas e também dos não-indígenas do estado de Roraima.

"Procurei representar, através das emendas, que busco melhorias na vida de todos, não só dos que me apoiam", conta, de pé no seu gabinete, enquanto oferece torradas com geleia. "É feita da emenda que eu destinei", afirma, em referência a uma emenda destinada à Embrapa de Roraima. É de lá que vem a geleia, feita de banana.

Em um bloco de notas da mesa da assessoria no gabinete, repousam lembretes: "postar mais stories"; "vazio nas redes sociais". A prioridade, entretanto, tem sido outra: a articulação nos bastidores.

Autora da proposta de criação da comissão parlamentar que investiga as circunstâncias por trás do assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, Joenia negociou com a presidência da Casa para que votassem a sua proposição —mais abrangente do que a primeira, elaborada pelo PT. Em compensação, convidou um deputado petista, José Ricardo (PT-AM), para presidir os trabalhos, ficando como vice-presidente.

No dia seguinte à visita da reportagem, Joenia embarcaria para Atalaia do Norte (AM), cidade onde ocorreu o crime.

"Os wapichanas são estratégicos", conta Joenia à **Folha**. "Eu dizia às mulheres macuxis, que são de um povo guerreiro, que vai para o combate, que nós também somos guerreiros, mas nós conversamos, negociamos, usamos estratégia", narra, batendo levemente o dedo indicador na cabeça.

"Não é só com arco e flecha que se luta. Aqui a nossa arma é a caneta", conclui.

Já são quase 19h quando a deputada desce ao plenário da Câmara para fazer seu discurso em repúdio aos episódios recentes de violência contra indígenas pataxós e guarani kaiowás —um deles, Vito Fernandes, foi morto por tiros durante uma operação policial em Amambai (MS) em 24 de junho.

Minutos antes, o deputado Loester Trutis (PL-MS) pede a palavra e se solidariza com os policiais. "Quem não quiser tomar tiro, não entre em propriedade alheia", afirma.

"Eu ouvi o parlamentar e acredito que não é esse o comportamento que devemos ter como autoridade", responde Joenia em seu discurso, sem alterar o tom usado nas reuniões ao longo do dia.

"Imagine se o indígena fosse flechar todos que entram nas terras indígenas? Garimpeiros ilegais, madeireiros?", questiona o plenário da Câmara. "A gente solicita que as autoridades investiguem e punam com o rigor o que a lei determina", conclui a advogada.

> "Eu dizia às mulheres macuxis, que são de um povo guerreiro, que vai para o combate, que nós [wapichanas] também somos guerreiros, mas nós conversamos, negociamos, usamos estratégia. (...) Não é só com arco e flecha que se luta. Aqui [no Congresso] a nossa arma é a caneta

+ Entenda a série

Planeta em Transe é uma série de reportagens e entrevistas com novos atores e especialistas sobre mudanças climáticas no Brasil e no mundo. Essa cobertura especial acompanha ainda as respostas à crise do clima nas eleições de 2022 e na COP27 (conferência da ONU em novembro, no Egito). O projeto tem o apoio da Open Society Foundations

esporte

O oculto e o visível

Será que os jogadores discutem as condutas dos treinadores? Ou se comportam como robôs?

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Nesta época de tanto desenvolvimento científico e tecnológico e de tantas informações, estatísticas e estratégias, não sabemos nada sobre o que ocorre dentro dos clubes, nos treinamentos, o que conversaram os treinadores com os atletas e o que falam entre si os jogadores. Tudo é escondido, proibido, apesar do esforço dos repórteres à procura de notícias.

Não sabemos a estratégia ensaiada durante os treinamentos nem a escalação, que só é divulgada somente uma hora antes do jogo. Ainda bem não nos proibiram de ver as partidas, embora muitas coisas que ocorrem durante o jogo não correspondam ao que foi planejado.

Durante as partidas, pelo que vemos nas imagens da televisão, existem pouquíssimas conversas entre os jogadores e entre os técnicos e os atletas, a não ser na lateral do gramado, quando a bola para por alguns instantes. Na maior parte do tempo, jogadores e treinadores procuram o confronto com os adversários, com os árbitros e os auxiliares e também com o VAR. Um horror, tumultos que prejudicam o espetáculo.

As entrevistas após os jogos, que, tempos atrás, eram protocolares, chatas, em que os repórteres perguntavam muito, e os jogadores e os treinadores não diziam nada, melhoraram com a chegada de vários técnicos estrangeiros, especialmente os portugueses, mais acadêmicos e mais preocupados em explicar as condutas e os detalhes técnicos e táticos das partidas. Muitos treinadores brasileiros têm seguido essa postura. Espero que continuem.

Será que os jogadores, entre os treinos e os jogos, conversam, discutem, as condutas dos treinadores ou se comportam robôs, avatares, guiados pelos professores?

No passado, como os treinadores não tinham tanta importância, não eram tão glamourizados, e as entrevistas não eram tão protocolares, com milhões de propagandas de patrocinadores, os jogadores falavam mais, com espontaneidade, sobre as partidas, às vezes, dentro do gramado, após os treinamentos.

Os jogadores conversavam mais sobre os detalhes táticos. No Cruzeiro, eu e Piazza, companheiros de quarto, discutíamos muito sobre o que tinha ocorrido nos jogos e procurávamos os treinadores para conversar. Na seleção, nos dias de folga, quando quase todos saíam, Gerson adorava ficar dentro do hotel à procura de alguém para discutir detalhes sobre tudo o que se dava em campo.

Hoje, nas atuais entrevistas coletivas, os treinadores, com razão, reclamam do excesso de jogos, de alguns gramados ruins e da necessidade de mudar muito o time a cada partida. Mas exageram. Adoram também justificar as más atuações e/ou derrotas pelas trocas de jogadores e de esquemas táticos que são obrigados a fazer. Exageram mais uma vez. Uma das razões da liderança do Palmeiras no Brasileirão é o fato de ser, dos grandes times, o que mais mantém os titulares.

As principais equipes brasileiras possuem também elencos grandes e bons. Com exceção de alguns poucos jogadores especiais que fazem falta, pouco muda a qualidade com a troca de atletas.

Todos os jogadores deveriam conversar e discutir mais, entre eles e com os treinadores, com profundidade, sobre a maneira de jogar das equipes e sobre o melhor posicionamento em campo. A diversidade de opiniões é fundamental, sem ser tendencioso.

"O mestre quer saber mais, e o tolo não deixa ninguém falar." (Gilson Yoshioka, jornalista, autor de livros e vocalista)

Asas à imaginação

Campeonato Brasileiro chega à última rodada do primeiro turno capaz de negar as previsões

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

O Palmeiras já é o campeão do primeiro turno independentemente do que aconteça neste domingo (24), quando receberá o Internacional.

É possível até, se vencer, que termine o turno já com seis pontos de vantagem sobre seus perseguidores mais próximos, Atlético Mineiro e Corinthians, caso fiquem no empate no jogo entre ambos, no Mineirão —e Fluminense e Athletico Paranaense não ganhem seus jogos, respectivamente contra o Bragantino e o Botafogo.

O Palmeiras pode, portanto, começar o segundo turno com duas rodadas para dispensar e ser o único a cumprir as previsões iniciais do Brasileirão.

Porque os outros dois favoritos, Galo e Flamengo, oscilam tanto que o rubro-negro termina o turno fora do G4 e os mineiros correm o mesmo risco, em caso de derrota para o Corinthians e vitórias de Fluminense e Furacão.

Ninguém, simplesmente ninguém, previu tal possibilidade, a de Corinthians, Fluminense e Furacão estarem entre os quatro primeiros nesta altura do campeonato, o que permite aos seus torcedores sonhar tão grande como a imaginação dos apaixonados.

Mais dureza

A Copa América feminina tem sido palco de seguidos desfiles da seleção brasileira, que terminou a fase de grupos com quatro vitórias, 17 gols a favor, nenhum contra.

Argentina (4 a 0), Uruguai (3 a 0), Venezuela (4 a 0) e Peru (6 a 0) foram as rivais até aqui, sem opor resistência, como tem sido praxe entre os homens, exceção feita à Argentina. Não é bom negócio, porque o quadro se inverte quando as adversárias são as americanas, europeias ou asiáticas.

Na terça-feira (26), as brasileiras enfrentarão as paraguaias e caso vençam na semifinal já estarão classificadas para a Copa do Mundo que será disputada no ano que vem na Austrália e na Nova Zelândia.

Tudo indica que a final sul-americana será entre as anfitriãs colombianas, em franco progresso, também com campanha 100%, 13 gols pró e três contra, e as brasileiras.

Para quem gosta só de ganhar tem sido suave.

Quem gosta também de competir se aborrece.

Continência devida

Ao receber a medalha de ouro como novo campeão mundial dos 400 m com barreiras, Alison dos Santos, o brilhante Piu, bateu continência ao olhar para a bandeira do Brasil enquanto ouvia o hino nacional. Houve quem não gostasse, ou por desconhecer que ele faz parte do programa de alto rendimento das Forças Armadas, na Marinha, ou por puro preconceito contra elas. Bobagem.

Patética continência, isso, sim, aconteceu em Dallas, no Texas, em 2019, a do sociopata diante do estandarte dos Estados Unidos.

Como seria saudável se todos os que fizessem o gesto respeitoso fossem soldados, ou marinheiros, como Piu, capaz de superar as dez barreiras em 46s29 sem a carranca ou incompetência dos Mourões, Helenos e Pazuellos, para citar só três dos fardados que nos envergonham.

Será bonita a festa, pá, neste país, no dia em que quem usar fardas distribuir cravos para a população, como no 25 de abril de Portugal, em 1974, em vez de se meter com as urnas.

Basta!

Quem não entendeu a coluna da última quinta-feira (21), porque não havia espaço para explicá-la adequadamente sem mutilá-la, saiba que apenas reproduzi, atualizado, o célebre editorial, sob o título "Basta!", do jornal carioca "Correio da Manhã", no dia anterior ao golpe de 1964.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | **SEG. Juca Kfouri, PVC** | TER. Casagrande, Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. PVC, Sandro Macedo | SÁB. Casagrande, Marina Izidro |

O britânico Lewis Hamilton está há 12 corridas sem subir ao alto do pódio Christian Bruna - 8.jul.22/AFP

Hamilton chega ao 300º GP na F1 em meio a maior jejum

Inglês alcança marca tricentenária no Grande Prêmio da França e busca melhor rendimento da Mercedes

Luciano Trindade

SÃO PAULO Sexto colocado no Mundial, ainda sem vitórias na temporada e com apenas quatro pódios após 12 corridas, todos na terceira posição. O ano de 2022 não tem sido fácil para Lewis Hamilton.

Nem por isso, no entanto, ele deixou de adicionar marcas a seu impressionante currículo na F1. Neste domingo (24), no GP da França, no autódromo de Paul Ricard, o inglês chegará à sua 300ª corrida no maior campeonato do automobilismo mundial.

Somente cinco pilotos quebraram a barreira tricentenária na categoria: o finlandês Kimi Raikkonen (350), o espanhol Fernando Alonso (345) —ainda em atividade aos 40 anos—, o brasileiro Rubens Barrichello (323), o alemão Michael Schumacher (307) e o inglês Jenson Button (306).

Com mais 11 corridas até o fim da temporada, Hamilton terá a chance de terminar o ano em quarto nesse ranking, com 310 provas.

Aos 37 anos, com sete títulos, 103 vitórias e 103 poles, o piloto da Mercedes considera sua estreia na F1, no GP da Austrália de 2007, quando tinha 22 anos, como a corrida mais importante de sua carreira —ele terminou em terceiro.

"Alcançar seu sonho é uma experiência muito surreal", afirma Lewis Hamilton. "Chegar ao primeiro Grande Prêmio em 2007 depois de uma quantidade de noites sem dormir em família, quando nós não sabíamos se alcançaríamos nosso sonho, mas nunca desistindo de estar lá, é o verdadeiro destaque."

Naquele ano, ele se juntou a Fernando Alonso na McLaren e, logo na sexta etapa, conseguiu sua primeira vitória, no GP do Canadá, onde também obteve a primeira pole. Ele foi vice-campeão.

Apesar da série de recordes que alcançou ao longo de sua trajetória, o heptacampeão costuma dizer que não dá atenção aos números. No entanto, há uma escrita que pode ser motivo de preocupação.

Nenhum dos cinco pilotos que passaram dos 300 GPs na F1 conseguiu vencer uma etapa depois de quebrar a barreira tricentenária.

Com o que a Mercedes apresentou até a metade desta temporada, não será fácil para Hamilton quebrar o tabu. A equipe tem exibido certa evolução nas últimas corridas, porém ainda não tem um carro capaz de brigar com os da Ferrari e da Red Bull.

De qualquer maneira, o inglês procura demonstrar otimismo e diz não se incomodar com o fato de viver o seu maior jejum de vitórias na categoria, com 12 provas sem subir ao lugar mais alto do pódio. Antes, em três ocasiões, sua maior sequência sem triunfos era de dez corridas.

"Não me incomoda porque estou trabalhando para conseguir essa vitória", disse. "Acredito que em algum momento seremos capazes de competir com esses caras. Seja neste domingo ou em cinco corridas."

Único piloto na história que venceu ao menos uma corrida em todas as suas temporadas na F1, Hamilton cruzou em primeiro pela última vez no GP da Arábia Saudita, o penúltimo da temporada 2021.

Na disputa derradeira do Mundial, ele liderava em Abu Dhabi até a última volta, quando foi superado pelo holandês Max Verstappen, da Red Bull. Um erro da direção de prova na condução do procedimento para a saída do "safety car" da pista permitiu a aproximação e a ultrapassagem do holandês.

Apesar da disputa emocionante com Verstappen e da antagonismo que construiu com ele, ao refletir sobre sua carreira antes de chegar à 300ª corrida, Hamilton definiu Fernando Alonso como maior rival que teve nas pistas.

"Lembro-me da tarefa de estar ao lado de Fernando quando tinha 22 anos, era tão jovem mentalmente", disse. "É muita pressão enfrentar um grande como ele, em ritmo puro e habilidade. Diria que é o Fernando [o maior adversário], tivemos boas batalhas."

Alonso, que estreou na F1 em 2001, não desafia Hamilton desde que saiu de Ferrari, em 2014. Atualmente, ele corre pela Alpine e fez questão de exaltar a marca que o antigo companheiro vai alcançar.

"Ele tinha talento em 2007 e ainda tem talento agora. Lewis tem sido um grande piloto, uma lenda do nosso esporte", definiu o espanhol.

SÃO PAULO LEVA GOL NOS ACRÉSCIMOS E EMPATA EM CASA PELO BRASILEIRO
O time vencia o Goiás até os 47 do 2º tempo, mas sofreu gol de Pedro Raul para decretar o placar de 3 a 3. Foi o 11º empate do São Paulo na Série A deste ano Ricardo Moreira/Zimel Press/Ag. O Globo

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Amor não rima com dor

Zeca entrou no posto de gasolina e sentiu seu coração bater forte no peito. Colocou a mão na cintura para ter certeza de que a pistola estava destravada. Não era a primeira vez que assaltava à mão armada, mas se sentia mais tenso do que de costume. Indicou a Ricardo, seu parceiro, que era hora. Ricardo renderia o rapaz que ficava no caixa e Zeca, na porta, olharia em volta. Quase 11 da noite, ninguém por perto, seria simples e rápido como os demais haviam sido. Mas esse não foi.

No caixa, em vez de um rapaz, havia uma mulher e, em seu colo, uma criança. Ricardo não conseguiu apontar a pistola. Zeca percebeu que o amigo titubeava e entrou para executar o serviço. "É uma mãe com uma criança", Ricardo disse tentando impedir a tragédia. Nessa hora, vendo que ambos estavam distraídos, a mulher abaixou para pegar uma arma, mas, antes que pudesse atirar, foi atingida. Um tiro no peito, que passou por ela e atingiu o filho que ela tentava proteger. Ricardo saiu correndo; Zeca se ajoelhou e gritou.

Preso em flagrante, Zeca foi julgado e condenado à pena máxima. Estava preso havia um ano quando recebeu a visita de Antonia, que se apresentou como assistente social. Conversaram e ela foi embora. Voltou na semana seguinte. E na posterior. E nas demais. Antonia, uma mulher que poderia ser avó de Zeca, era a primeira pessoa no mundo que se interessava por ele. Queria saber sua história, seus medos, seus desejos. Falavam da infância dele na Vila Santa Teresinha, periferia de Petrolina, do que ele gostava de brincar, da vida com os pais.

Foi assim que Antonia soube que o pai de Zeca batia nele com o que encontrasse pela frente. "Enquanto me batia, normalmente com um pedaço de pau, ele me dizia que aquilo machucava a ele mais do que a mim. 'Só faço porque te amo', ele repetia."

Antonia percebeu que Zeca rimava amor com dor. Um dia disse isso a ele, e Zeca concordou. "Assim foi que aprendi a amar, dona Antonia. Se não doesse, então não era amor. E quem não suportava a dor, era porque não me amava."

Durante anos, eles se relacionaram dessa forma: visitas e conversas semanais. "Você me ensinou a amar, dona Antonia", ele vivia dizendo a ela.

Um dia, depois de quase uma década, Antonia faltou. Zeca estranhou: a amiga estava com quase 80 anos e tinha um histórico de diabetes. Antonia voltou depois de três semanas e contou que tinha sido diagnosticada com um câncer em estágio avançado. Zeca abaixou a cabeça e chorou como nunca antes havia chorado.

"Mas quero te falar uma outra coisa, meu filho", ela disse. Zeca levantou a cabeça. Antonia então contou que não era assistente social. Intrigado, ele quis saber por que ela havia mentido e quem era ela. "Sou a mãe e a avó das pessoas que você matou no posto. Naquela noite, não pude ficar com meu neto, e minha filha teve que levar a criança com ela para o trabalho."

Zeca não conseguia falar. Queria fugir, mas suas pernas não respondiam. "Por quê? Por que, dona Antonia? Como a senhora não quer me matar? Não sei de mais nada nessa vida", disse nervoso.

"Naquele dia, vim pra te matar. Não sabia como, mas precisava olhar pra você antes. Só que não consegui fazer nada a não ser tentar buscar suas razões. Ao fazer isso, eu conheci você, e já não queria mais te matar. Também não sei explicar o que mudou em mim, mas mudou."

Os dois ficaram se olhando sem dizer nenhuma outra palavra porque há momentos em que palavras extras não comunicam mais nada. Foi assim que Zeca, depois de aprender sobre o amor, aprendeu sobre o perdão.

Ricardo Moraes - 21.jul.22/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Criança ao lado de corpo de uma das 17 vítimas de operação policial no Complexo do Alemão, zona norte do Rio de Janeiro, na quinta (21). Segundo a polícia, 15 mortes ocorreram em confronto. Também morreram na operação um policial militar e uma mulher que passava por uma das vias de acesso ao complexo. As mortes na quinta-feira já colocam a operação como a quinta mais letal na história do Rio, segundo levantamento do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense. Na manhã de sexta (22), uma mulher foi baleada e morreu em um ataque a uma das bases da UPP Nova Brasília

FRASES DA SEMANA

SE PROCURAR, ACHA
Jair Bolsonaro
Presidente, admitindo a possibilidade de encontrar casos de irregularidade em sua gestão, nesta quinta (21)

"Se procurar, vai achar alguma coisa. O Ministério de Desenvolvimento Regional tem mais de 20 mil obras, será que está tudo certinho? Vai achar alguma coisa. Acha uma besteira qualquer"

GELADEIRA VAZIA
Alaíde de Jesus Santana
A dona de casa de 68 anos diz, em entrevista na segunda (18), que o dinheiro que recebe com a aposentadoria e o Auxílio Brasil de R$ 400 são insuficientes para comprar legumes e verduras para a família com a mesma regularidade de antes

"Se eu falar pra você que este ano eu fui na feira, eu estou mentindo"

POR UM PAÍS DESIGUAL
Winston Ling
O empresário bolsonarista foi às redes sociais, na terça (19), defender que é preciso mais desigualdade, não menos

"As atividades dos indivíduos talentosos desencadeiam mudanças econômicas e tecnológicas que impulsionam o crescimento econômico a longo prazo e criam oportunidades para as pessoas medianas ingressarem nos círculos da elite"

CULTURA POR ARMAS
Olena Zelenska
A primeira-dama da Ucrânia disse à rede NBC News, na quarta (20), que a invasão da Rússia fez seu filho de nove anos querer aprender a usar um fuzil

"Antes da guerra, meu filho costumava ir ao conjunto de dança folclórica. Ele tocava piano. Ele aprendeu inglês. Ele, claro, frequentava o clube esportivo. Agora, a única coisa que ele quer fazer é artes marciais e aprender como usar um fuzil"

VIOLÊNCIA NO RIO
Jéssica Sales
Filha de Letícia Marinho Sales, 50, morta enquanto passava de carro com a família, durante operação policial no Complexo do Alemão, na quinta-feira (21)

"Eles acham que todo mundo que mora na comunidade é marginal. A gente não mora ali porque a gente gosta, a gente mora ali porque não dá pra pagar IPTU, IPVA, aluguel e as outras contas. É isso que o governador tem pra gente?"

PENAS BRANDAS
Gloria Perez
A autora, mãe da atriz Daniela Perez, assassinada em 1992, criticando a Justiça, em entrevista à BBC Brasil, nesta quarta (20)

"Quanto mais violentos são os crimes, mais benevolentes são as nossas leis penais"

TOLERÂNCIA ZERO
Papa Francisco
O pontífice recomendou na última quinta-feira (14) tolerância zero em caso de abusos sexuais de crianças, ao se manifestar publicamente sobre a causa que levou uma delegação brasileira ao Vaticano em 24 de junho

"Por favor, lembrem-se bem disto: tolerância zero com os abusos contra menores ou pessoas vulneráveis. Tolerância zero. Nós somos religiosos, somos sacerdotes para levar as pessoas a Jesus. Por favor, não escondam esta realidade"

BOM SER LEMBRADA
Palmirinha
A apresentadora de 91 anos disse, em entrevista na quinta (21), que se aposentou, mas gosta de ser lembrada

"Muitas vezes coloco na TV e apareço, falam de mim. Trabalhar eu não quero mais, já trabalhei bastante, né? Me sinto bem quando lembram de mim na TV"

FOI SEM QUERER
Roberto Carlos
Durante um show na quarta (20), o rei se desculpou por ter mandando um fã calar a boca na semana anterior

"Depois do que aconteceu semana passada, para quem vier pegar as rosas, espera acabar a canção "Jesus Cristo". É que se não, eu posso estar nervoso, né? E quando eu fico nervoso, porra... (risos). Saiu sem querer, viu?!"

LIBERDADE
Luiz F. Guimarães
O ator fala sobre a caracterização para a personagem de uma nonagenária no espetáculo "Ponto a Ponto - 4.000 Milhas", em entrevista nesta sexta (21)

"Vestir saia é uma libertação para o homem. É muito bom! Agora ruim é ter que usar sutiã, realmente foi a única coisa que não gostei"

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Salto de um cavalo, dando coice / As consoantes de Tite **2.** Diz-se de aço que não sofre oxidação / Rugido de feras **3.** Music Television, canal de TV / Mostrar desagrado em relação a algo gritando e assoviando **4.** (Pop.) Prato feito / O dobro de DI, nos números romanos **5.** Narrado **6.** Oferecido **7.** Matéria corante azul **8.** Um plástico para garrafas / O contrário de estreito **9.** Destinar a um fim específico / Sufixo da Rússia nos endereços da internet **10.** (Ingl.) Pequeno carro preso a uma motocicleta, usado para transporte **11.** Claude Debussy (1862-1918), músico francês / Grudada, ligada **12.** (viário) Sistema que interliga rodovias que desembocam numa cidade / A última palavra das orações religiosas **13.** Agricultura.

VERTICAIS
1. Fanfarrão / O matemático Blaise (1623-1662), do cálculo das probabilidades **2.** Forma sertaneja e popular de até / (Fut.) Um apelido da torcida do time do Corinthians / Teste que examina os genes **3.** O CM dos romanos / Érico Veríssimo (1905-1975), autor de "O Tempo e o Vento" **4.** O meio da... coxa / A fábrica do Focus e da Ranger / Acontecimento periódico **5.** Bem arejado **6.** A sigla do país de Las Vegas / Falar demais, ser muito loquaz **7.** Autor de composições em versos, geralmente líricas / Móvel para dormir **8.** Que foi alvo de aleivosia, deslealdade / Quadro de organização ou de programação periódica **9.** Elemento químico de símbolo Th / (NE) Traje usado por vaqueiros.

HORIZONTAIS: 1. Pinote, Tt, **2.** Inox, Urro, **3.** MTV, Vaiar, **4.** Pê-efe, Mil, **5.** Contado, **6.** Ofertado, **7.** Índigo, **8.** Pet, Largo, **9.** Alocar, Ru, **10.** Sidecar, **11.** CD, Colada, **12.** Anel, Amém, **13.** Lavoura. **VERTICAIS: 1.** Pimpão, Pascal, **2.** Inté, Fiel, DNA, **3.** Novecentos, EV, **4.** Ox, Ford, Ciclo, **5.** Ventilado, **6.** EUA, Tagarelar, **7.** Rimador, Cama, **8.** Traído, Grade, **9.** Tório, Courama.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

5	7			2				
					6		3	
	3			8		2		
			1		3	9		
3	1			9			5	7
		8	4		5			
		7		3			6	
	8		9					
				5			4	2

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	7	6	3	2	4	1	9	8
8	2	9	7	1	6	4	3	5
4	3	1	5	8	9	2	7	6
7	5	2	1	6	3	9	8	4
3	1	4	2	9	8	6	5	7
9	6	8	4	7	5	3	2	1
2	4	7	8	3	1	5	6	9
6	8	5	9	4	2	7	1	3
1	9	3	6	5	7	8	4	2

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 24.jul.1922

Para atrair visitantes ao Rio, preço da passagem de trem será reduzido

O ministro da Viação, Pires do Rio, autorizou a diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil a emitir com abatimento de 15% os bilhetes de ida e volta em viagens entre o Rio de Janeiro e as estações servidas de trens de grande velocidade.

A finalidade da medida é atrair à capital do Brasil (que na época era o Rio de Janeiro) o maior número de visitantes durante as festas que serão realizadas para lembrar o centenário da Independência do país.

Os bilhetes de trem da Central do Brasil com os preços reduzidos serão aceitos a partir de 1º de setembro até 31 de dezembro deste ano.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

A LEI DA IMPRENSA

A SEDIÇÃO

A E. F. Central e o Centenario

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 24 DE JULHO DE 2022 C1

Cinema transcendental

Marcelo Leite relata a experiência de inalar psicodélico da ayahuasca e da jurema-preta que está sendo testado para o tratamento da depressão *C4*

Ilustração **Rodolpho Parigi**

- Bolsonaro leva violência política a novo patamar, escreve Francisco Bosco *C7*
- Por que uma Suprema Corte de homens garantiu o aborto nos EUA em 1973 *C10*

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Gloria Perez
‘O tempo não apaga a dor da falta da minha filha’

[RESUMO] Autora diz manter ‘tatuada na memória’ as marcas da morte e afirma que seguir escrevendo novelas a ajudou a sobreviver. Ela também explica por que pediu para a HBO Max não ouvir Guilherme de Pádua e Paula Thomaz em ‘Pacto Brutal’, série sobre o crime: ‘Para que dar palco para psicopata?’

Por Karina Matias

Em 28 de dezembro deste ano, o assassinato da atriz Daniella Perez completará 30 anos. Para a novelista Gloria Perez, as três décadas que distanciam o fatídico dia de 1992 do momento atual não aliviam em nada a dor da perda da filha. “O tempo não apaga nada. Pelo contrário. À medida que os anos passam, à medida que o mundo se transforma, essa ausência se sublinha cada vez mais”, diz ela.

*

“Por exemplo, há uma revolução tecnológica, e eu fico pensando que ela não está aqui para ver. E ela era uma pessoa tão interessada em aprender essas coisas”, explica. “Toda vez que eu vou viajar para um país diferente, eu sempre levo comigo a ausência dela. Ela não está ali.”

*

As marcas da morte, afirma a autora, “estão tatuadas na memória”. Recordações, essas, que são revisitadas agora na série documental “Pacto Brutal: O Assassinato de Daniella Perez”, lançada na última semana pela HBO Max.

*

Na produção, a participação da autora se dá por meio de um longo depoimento, que funciona como uma linha condutora dos cinco episódios da produção. Ela também afirma ter colaborado com materiais e indicando pessoas que poderiam enriquecer o documentário.

*

Diz que topou participar da minissérie porque o projeto a tocou profundamente. “Eles realmente foram muito atenciosos e fizeram uma proposta que foi o que eu sempre quis: contar a verdade, contar o que está nos autos do processo.”

*

Lembrar com detalhes o dia do assassinato e de tudo o que ocorreu até o julgamento de Guilherme de Pádua e Paula Thomaz foi um processo “muito duro”, salienta Gloria. “Mas eu sabia que tinha que fazer isso pela minha filha.”

*

Pádua e Thomaz foram condenados a uma pena de quase 20 anos de prisão por homicídio qualificado. O crime chocou o país e dominou os noticiários durante anos. Os dois atualmente estão em liberdade.

*

Gloria diz que na época ficou muito magoada com grande parte da imprensa, que tratou o crime de “forma sensacionalista” e como uma extensão da novela “De Corpo e Alma”, escrita por ela, e que era um sucesso de audiência na faixa das nove da Globo. Na história, Daniella e Guilherme de Pádua interpretavam Yasmin e Bira, personagens que se envolviam amorosamente.

*

“É óbvio que você fica magoada: A tua filha acaba de sofrer uma violência horrorosa, e eu andava na rua e estava estampado nas capas das revistas, em todas as bancas, as fotos de cenas da novela. Aquelas imagens ali alimentavam a confusão de que o crime tinha sido uma continuidade da trama”, afirma.

*

Para ela, recontar a história do assassinato sob a perspectiva do que está no julgamento é uma forma de fazer com que o “real se imponha sobre a fantasia”. “Nos autos do processo não foi Bira que matou Yasmin. Foi Guilherme de Pádua. Não foi a mulher do Bira quem matou Yasmin. Foi a Paula. A vítima não é Yasmin. É a Daniella”, diz.

*

É também, pontua, uma forma de fazer justiça à imagem da filha, uma atriz de 22 anos que estava em ascensão na carreira e foi morta com 18 perfurações no corpo, a maioria concentrada na região do coração.

*

Gloria destaca que Pádua teve, durante anos, amplo espaço na imprensa para contar “todas as versões possíveis e imagináveis” do que aconteceu. “Não é justo que ela tenha sido assassinada da maneira brutal que foi e ainda tenha sido descrita através das palavras de um assassino como uma pessoa louca, fora de si”, indigna-se Gloria sobre uma das versões ditas por Pádua.

*

Em outro momento, ele chegou a afirmar que teve um caso com Daniella, o que nunca foi comprovado. Para a autora, enquanto os culpados pela morte seguem vivos e alimentam “toda uma cadeia produtiva”, a sua filha está morta. “Quem morreu só produz lágrimas das suas famílias e das pessoas que a amaram. Eu vi isso. Eu vi minha filha ser despessoalizada”, completa.

*

Gloria pediu à produção de “Pacto Brutal” que nem Pádua nem Thomaz fossem ouvidos para a série, ainda que não tenha feito qualquer restrição à reprodução do que a defesa e eles disseram ao longo do processo e nos anos que antecederam o julgamento —e que estão presentes na série.

*

“Para que entrevistar agora? Para dar palco para psicopata? O que eles têm para dizer a mais do que já foi dito? Se eles tivessem alguma coisa a dizer depois do resultado do júri, eles teriam processado o Estado ou pediriam um novo julgamento. Pediram? Claro que não. Saiu barato à beça para eles”, afirma.

*

A série documental mostra também como Gloria passou a investigar o assassinato por conta própria. Ela buscou pessoalmente muitas das testemunhas, como o frentista que diz ter visto Daniella ser agredida por Pádua e colocada desacordada dentro do carro em um posto de gasolina. O local era próximo dos estúdios, onde ambos tinham gravado naquele mesmo dia cenas da novela.

*

O corpo da atriz foi encontrado em um matagal na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. “Eu sabia que ela jamais iria para aquele lugar [o matagal] sozinha. E eu tinha que ir atrás daquelas pessoas que tinham visto o que realmente tinha acontecido, porque se a mãe não vai, quem é que vai?”, questiona.

*

Como o frentista e a sua família não aceitavam falar com ela, a autora passava o dia na porta da casa deles. Em uma dessas ocasiões decidiu colocar, por debaixo da porta, as fotos de como o corpo de Daniella foi encontrado. Foi quando a mãe da testemunha decidiu falar com ela.

*

“Eu tirei forças da minha filha [para fazer isso]. Não dava para deixar ela ser achincalhada daquela maneira, pintarem uma pessoa que ela nunca foi”, justifica.

*

Para Glória, a luta dela não é incomum. “Você mora num país em que se a mãe não arregaça as mangas e vai atrás, muita coisa não acontece”, diz. Foi nesta época que ela conheceu as Mães de Acari, grupo de mulheres que buscam conclusões para o desaparecimento de seus filhos ocorrido no Rio de Janeiro, em 1990.

*

“Foi justo o pouco tempo que eles [Pádua e Thomaz] pegaram [de cadeia]? Não, mas foi o possível. As minhas companheiras de luta de Acari não tiveram nem isso. Muitas morreram sem conseguir enterrar os corpos dos filhos”, lamenta.

*

Gloria Perez conversou por videochamada com a coluna durante quase uma hora. Apesar de ter sido incitada a falar de outros temas, como “Travessia”, folhetim das nove que ela escreve para a Globo e que substituirá “Pantanal” ainda neste ano, a autora disse que não estava com cabeça para aquilo. “O meu coração aqui está num ponto que eu não consigo pensar agora na próxima novela”, desculpou-se.

*

Mesmo diante da tragédia que viveu, a autora diz que nunca pensou em parar de escrever folhetins. “Isso nem é possível, porque é uma questão de sobrevivência”, afirma. Ela cita colegas de profissão que sofreram perdas semelhantes, como o casal Janete Clair e Dias Gomes —o filho caçula deles, Marcos Plínio, morreu com dois anos.

*

Terminar de escrever “De Corpo e Alma” foi a forma que a autora diz ter encontrado para sobreviver. Na época, Gloria afirma ter se lembrado de um conselho de um professor que teve na faculdade, chamado Manoel Maurício.

*

Maurício tinha sido preso e torturado no período da ditadura militar (1964-1985). “Ele ficou sozinho numa cela e dizia que, num momento como esse, o que não se pode é perder o vínculo com o real. Para sobreviver, ele jogava no chão todos os palitos de uma caixa de fósforo e depois ia botando um por um, de volta à caixa. Quando acabava, repetia o processo.”

*

“Esse gesto permitiu que ele não enlouquecesse”, afirma. “Quando tudo isso aconteceu comigo, eu pensei: os capítulos que eu tenho de escrever vão ser a minha caixa de fósforo. E foram. Eu sobrevivi para fazer justiça para a minha filha”, diz.

*

“A minha grande força é ela. É o resgate dela. É não deixar que ninguém fizesse mais nada com ela além do que já tinham feito.”

A autora Gloria Perez Sérgio Zalis/Divulgação

Ciência deve reconquistar espaço com inclusão

Produção de conhecimento precisa envolver saberes originários, quilombolas, ribeirinhos e das favelas

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciêncianaseleições, que celebra o Mês da Ciência. Em julho, colunistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Jaqueline Goes de Jesus, biomédica e pesquisadora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e do Instituto de Medicina Tropical da USP. A iniciativa é do Instituto Serrapilheira e da Maranta Inteligência Política.

*

A ciência, cujos benefícios para a humanidade eram, até tempos recentes, inquestionáveis, vem sendo atacada por movimentos negacionistas que ganharam projeção mundo afora nos últimos tempos, sobretudo no Brasil, pondo em xeque sua aplicabilidade e confiabilidade.

Afinal, o que é ciência? As definições são muitas, mas podem ser sintetizadas como o conjunto de conhecimentos sistematizados, advindos da observação, reflexão e experimentação e baseados em metodologias rigorosas. Podemos, por meio dela, desvendar e elucidar diversos fenômenos, separando o erro da verdade, a qual é passível de mudanças frente ao aparecimento de evidências que possam refutá-la.

Impulsionada por motivações políticas, a negação da ciência entre nós tem sido usada como ferramenta de manipulação das massas, tirando o foco dos problemas reais que o país enfrenta. O mesmo avanço tecnológico que permitiu o acesso à informação, facilitado pelas redes sociais, serve de munição para a desinformação.

Ao ser atropelado pela pandemia de Covid-19, o mundo viveu um dos períodos mais críticos de sua história recente.

Para além da crise sanitária que se instalou em todos os continentes, com a rápida dispersão de um vírus para o qual não existia tratamento nem estratégias de prevenção em massa, fomos também atingidos por um mal conhecido como infodemia: o excesso de informações, precisas ou não, associadas a um tópico específico, que ao se multiplicarem exponencialmente, numa velocidade espantosa, dificultam a checagem de fontes idôneas e confiáveis.

A infodemia tem levado boa parte da população a acreditar em informações cientificamente refutadas por inúmeras evidências metodológicas. Ressalte-se que seu uso para fins de manipulação não começou com a pandemia —arrisco dizer que se trata de um projeto de desvio da atenção das pessoas com a finalidade de eleger políticos cujo objetivo é basicamente o enriquecimento ilícito.

A criação e o compartilhamento em massa de notícias que estruturalmente parecem verdadeiras, mas, em seu cerne, são falsas, acabam por gerar o caos que mascara as intenções de seus disseminadores.

Como as fake news fazem tantas vítimas? Para entender o fenômeno, precisamos examinar o sucateamento das instituições responsáveis por educar, estimular e promover o pensamento crítico. O esboroamento da educação, aliado à distância que as próprias categorias da ciência impõem à comunidade geral, contribuiu para o empobrecimento intelectual e a capacidade de reflexão dos brasileiros.

> **[...]**
> O conhecimento científico aguça o pensamento crítico e a capacidade de discernir entre informações embasadas e meras opiniões, fortalecendo a habilidade de perceber as fragilidades de um sistema, seja ele político, econômico ou social, e oferecendo ferramentas para o questionamento e mudanças da ordem vigente

Com isso, as fake news encontram terreno fértil para se proliferar, e as pessoas acabam tendo a falsa sensação de conhecimento e especialização em determinado assunto.

Está mais que claro que o Brasil precisa de reconstrução. Pois bem: como a ciência pode contribuir para essa tarefa? A ciência brasileira é extremamente competente e produtiva, não há dúvida, mesmo com a falta de estrutura, incentivo e valorização.

Diante do cenário atual, porém, ela precisa antes de mais nada reconquistar seu espaço como instituição geradora de conhecimento baseado em evidências. Mas isso precisa se dar sob uma nova óptica, menos soberba e sobretudo mais inclusiva.

É preciso primeiro envolver a sociedade civil, em especial as comunidades, detentoras de uma epistemologia que tem sido ignorada ao longo dos anos —me refiro aos saberes dos povos originários, dos quilombolas, dos ribeirinhos, e também das favelas nos grandes centros urbanos. A construção do conhecimento, a ser feita em parceria com a sociedade civil, deve estar intimamente relacionada às necessidades da população.

O conhecimento científico aguça o pensamento crítico e a capacidade de discernir entre informações embasadas e meras opiniões, fortalecendo a habilidade de perceber as fragilidades de um sistema, seja ele político, econômico ou social, e oferecendo ferramentas para o questionamento e mudanças da ordem vigente.

É a aliança entre academia e sociedade que irá promover a retomada de crescimento. Investir na ciência é investir também no desenvolvimento econômico do Estado, que por sua vez acarretará uma mudança de mentalidade política, assim retroalimentando o fortalecimento da própria ciência.

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Wilson Gomes

Uma viagem ao subsolo da mente

[RESUMO] Jornalista narra sua experiência psicodélica ao inalar DMT, que vem sendo objeto de um teste clínico na UFRN para investigar seu potencial no tratamento da depressão. Encontrada na jurema-preta, planta abundante da caatinga, a substância inalada ou injetada poderia contornar entraves que outras terapias com psicodélicos ingeridos enfrentam, como as longas sessões terapêuticas

Por ***Marcelo Leite***
Colunista da **Folha** e autor de livros como 'Promessas do Genoma' (Editora Unesp, 2007) e 'Psiconautas – Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira' (Fósforo, 2021)

Ilustração ***Rodolpho Parigi***
Artista visual. As obras desta edição fazem parte de um conjunto realizado entre 2018 e 2020, que será exibido pela primeira vez no Instituto Tomie Ohtake a partir de 25 de agosto

A RESSURREIÇÃO DA JUREMA

São 7h25 na chegada ao Hospital Universitário Onofre Lopes, da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Fernanda Palhano-Fontes, Marcelo Falchi, Sophie Laborde, Nicole Galvão-Coelho, Isabel Wießner e Aline Assunção já estão a postos.

A saleta no HUOL foi caprichadamente decorada para dar conforto aos voluntários do estudo com DMT (N,N-dimetiltriptamina). A poltrona reservada à cobaia é reclinável, aconchegante. Aparelho de EEG (eletroencefalografia), vaporizador Volcano, fones de ouvido, equipos da enfermagem: tudo pronto.

Explicam ao jornalista o que aconteceria, relembrando acordos prévios firmados nas sessões de triagem, com Falchi, e de preparação, com Laborde. Poderiam, por exemplo, tocar seu braço ou segurar sua mão, em caso de necessidade.

Descrevem a seguir a duração e a sequência do experimento: várias coletas de sangue e saliva, duas doses de DMT, um EEG antes e outro depois de cada pico na experiência psicodélica, preenchimento de questionários e escalas, duas sessões de integração rápida com a psicóloga.

A pequena orquestra atua sob batuta do físico Dráulio Barros de Araújo, neurocientista do Instituto do Cérebro (ICe) da UFRN. Ele entra na saleta, confere se está tudo em ordem e dá o sinal verde para iniciarem a sessão.

É o quarto ensaio geral da fase piloto de um teste clínico para investigar o efeito antidepressivo da DMT inalada ou injetada no músculo. O experimento começaria para valer no mês seguinte, junho, com os primeiros voluntários saudáveis (sem depressão), mas com experiência prévia no uso de psicodélicos.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), quase 300 milhões de pessoas no mundo vivem com o transtorno, 5% da população adulta. Considerando que um terço dos deprimidos não encontra alívio com os antidepressivos disponíveis, alternativas de tratamento fazem muita falta para reduzir tanto sofrimento.

O novo estudo dá continuidade à pesquisa do ICe que resultou, em 2018, na publicação do primeiro estudo no mundo com uma substância psicodélica para tratar depressão controlado por grupo placebo. Naquela ocasião, usou-se ayahuasca.

Depois daquele estudo pioneiro, Araújo passou dois anos na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Retornou com o projeto de testar o potencial da DMT, composto psicoativo da ayahuasca ao qual se atribui o efeito antidepressivo, mas em um experimento diferente.

Estava convencido da necessidade de abreviar a sessão psicodélica com fins terapêuticos. A "força" do chá, como dizem adeptos de religiões ayahuasqueiras, pode durar três a quatro horas.

Uma viagem assim tão longa seria complicada de encaixar no contexto clínico, pois exigiria a presença de terapeutas treinados o tempo todo. Isso encareceria o procedimento e restringiria a quantidade de pacientes que se poderiam tratar.

A ayahuasca para uso médico apresenta problema adicional: varia muito seu preparo com o cozimento das folhas da chacrona (*Psychotria viridis*) e do cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*). A variação dificulta padronização e controle de dosagem.

Daí a preferência de alguns grupos de pesquisa, como o de Araújo, por empregar a DMT pura. No caso da UFRN, o composto vem sendo extraído da árvore jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*), planta abundante na caatinga.

Essa planta nordestina se tornou o ingrediente primordial da "juremahuasca", combinação do chá da casca de sua raiz com outro preparado com arruda-da-síria (*Peganum harmala*), vegetal originário de áreas secas em torno do Mediterrâneo.

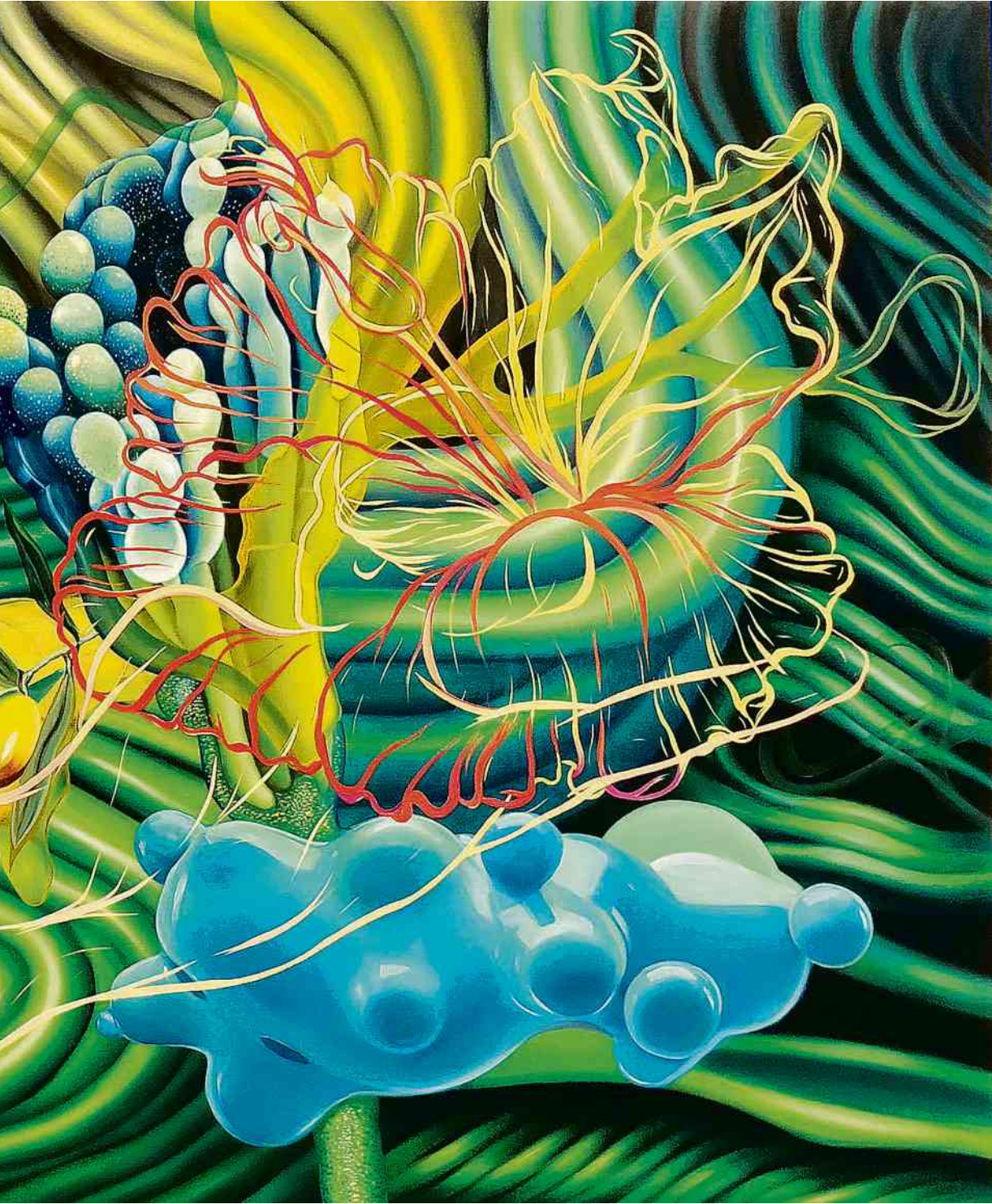
Na Holanda, a juremahuasca foi testada num estudo da Universidade de Maastricht sobre seu efeito antidepressivo. Publicado em janeiro no periódico Psychopharmacology, o artigo constatou que o benefício permanecera por até um ano para 12 de 17 frequentadores de cerimônias.

Inalada, a dimetiltriptamina tem efeito agudo curto, 10 a 15 minutos. Absorvida na corrente sanguínea pelos pulmões, chega rápido ao cérebro.

Na forma de cristal e misturada com ervas para combustão, a DMT fumada em cachimbos recebe em círculos não acadêmicos o nome de changa. Outra via de administração investigada na UFRN é a injeção intramuscular, que produz efeito por menos de uma hora.

A empresa Biomind, que tem sede no Reino Unido e é presidida pelo uruguaio Alejandro Antalich, firmou acordo com a universidade para promover o teste clínico, a pesquisa com extração e síntese de DMT e os testes com animais. A parceria garantiu repasses para a universidade e para o instituto como um todo, além das verbas para o laboratório de Araújo.

Haviam sido três meses de buscas por um cientista, até o uruguaio presenciar uma apresentação de Araújo.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

Para Antalich, 50, os trabalhos anteriores com ayahuasca e depressão fazem do neurocientista da UFRN um parceiro talhado com exatidão para a Biomind.

No Projeto Dunas, como foi batizada a pesquisa com DMT, o acordo com a Biomind permitiu formar a equipe de 20 pessoas. Foi com os fundos assim obtidos que se fez a montagem do laboratório para processar jurema-preta e da sala para testes clínicos.

Após o grupo de voluntários saudáveis, chegará a vez de pacientes com depressão resistente a outros tratamentos inalarem a DMT, já com o fármaco formulado pela Biomind. Na fase seguinte, a sequência se repetirá com a injeção da mesma substância produzida segundo parâmetros rígidos para uso clínico.

Sem mais percalços, como a pandemia que atrasou o início do estudo, o plano é concluí-lo até o final de 2023.

A colocação da touca branca de EEG, com 32 eletrodos, demora um tanto. De tamanho médio, não serve muito bem na cabeça grande, mantendo as orelhas sob pressão.

A solução de Wießner, Palhano-Fontes e Falchi é deixá-las para dentro, mas aí um eletrodo do lado direito fica um pouco afastado e não emite sinal. Mais um pelote de gel e se resolve a dificuldade.

O acesso na veia do braço direito também dá trabalho, não de imediato, só após a segunda dose. Assunção, a enfermeira, não consegue colher sangue aos 5 e aos 10 minutos, ou seja, 2 em 11 coletas falham. Ela atribui a dificuldade a coágulos que se formam no finíssimo cateter de silicone inserido no vaso sanguíneo.

Falchi mostra a malha de metal com 30 mg de DMT que vai no vaporizador. Não é fácil esvaziar o reservatório de dois litros, porque a DMT irrita as vias respiratórias.

Seguidos reflexos de deglutição permitem reter o fôlego por dez segundos, depois de esvaziar o plástico farfalhante que o psiquiatra vai amassando para auxiliar no escoamento. Retido o gás nos pulmões, reclinam a poltrona bege para a decolagem.

Frio nos braços e a impressão de que tudo fugia, um desmaio parecendo iminente, leveza enorme, como se flutuasse no espaço. O efeito visual é semelhante ao da changa.

A partida é vertiginosa, e tudo fica colorido de imediato. É grande a dificuldade em reter e descrever as imagens. Parecem bidimensionais, como que projetadas na tela das pálpebras fechadas, algo fractais, mas não geométricas nem caleidoscópicas.

Mesmo com a percepção alterada do tempo, fica claro que a viagem dura poucos minutos na fase visual. Alguém toca o braço do repórter para avisar que iriam registrar o EEG e pedir para alternar olhos abertos com olhos fechados.

O primeiro registro, cinco minutos com fones de ouvido nos quais toca a música de Raphael Egel, são tranquilos, assim como a sucessão abre-e-fecha de pálpebras. Tudo parece engraçado, instantes prenhes de bom humor. Muitos sorrisos e prazer.

Novos cinco minutos de olhos fechados, agora sem música, e se torna penoso não adormecer. Surgem imagens de um menino desconhecido, fugidias, como de quem escorrega para o sono.

Após essa primeira dose, surpresa quando o médico, Falchi, diz que já haviam passado 40 minutos. Pergunta se poderia prosseguir para a integração e as escalas psicométricas.

Com o raciocínio prejudicado, surge alguma dificuldade para entender e marcar os traços verticais, com caneta vermelha, na régua de avaliação de intensidade e qualidade (agradável/desagradável) da experiência.

Na primeira dose, goza o eu motivado do cotidiano, que tenta ir para cima, fazer piada, dar carinho, buscar prazer, diversão, humor, bem-estar, produtividade

Na segunda dose, ocorre a descida a um porão da mente, onde vegeta um caroço mais duro, básico, primitivo. Não algo escuro, desesperador ou angustiante, mas menos brilhoso, aterrado, imóvel como um monólito

Sophie Laborde, 25, encarregada de entabular conversas chamadas de integração, é quase 40 anos mais nova que o jornalista. Apesar da diferença de idade, a conversa sobre sentimentos íntimos flui sem barreiras.

Formada em psicologia na UFRN, é uma das poucas pessoas de ciências humanas no grupo de cientistas naturais do laboratório de Araújo no ICe. O ensaio clínico será tema de sua dissertação de mestrado.

O interesse dela em substâncias psicoativas surgiu no contato com a ayahuasca, aos 19 anos. O pai, francês radicado no Brasil, havia sido diagnosticado com câncer em 2016 e voltara a morar com a família da qual se distanciara.

Após ouvir relatos sobre o chá, buscou ajuda e passou com ele por uma das experiências mais significativas de sua vida. "Encontrei muita compreensão para meu pai", conta. "Compreensão e empatia, inclusive comigo mesma."

Fez concurso para vaga temporária de psicóloga jurídica e trabalhou dois anos em processos de conciliação. Passou o ano de 2021 na praia de Pipa, dando consultas virtuais de psicoterapia.

Também acompanhou grupos de jovens que usavam psicodélicos, seja recreativamente, em baladas, seja em busca de autoconhecimento, geralmente com neoxamãs urbanos. A maioria lhe dizia que nunca houvera chance de falar sobre essas experiências, boas ou más.

Em janeiro de 2022, voltou a Natal, com planos de fazer mestrado na França, os quais havia adiado por força da pandemia. Uma colega de clínica lhe falou então que o grupo de Araújo buscava psicólogos para fazer a integração de participantes no ensaio com DMT.

Candidatou-se para a vaga e começou a participar de reuniões, intimidada de início com os termos técnicos e médicos, mas se sentiu bem com o apoio do grupo. Entusiasmou-se com a possibilidade de fazer o que mais gosta: ouvir pessoas.

"Se conseguirmos o mesmo resultado da ayahuasca com dez minutos de DMT, imagine o efeito disso na saúde pública. Um fármaco que poderia ajudar muito quem hoje não tem ajuda." Ajuda dos antidepressivos disponíveis, ela quer dizer, referindo-se àqueles 30% de pessoas com depressão resistente a tratamento.

A segunda dose, 100 mg no vaporizador, tem algo de parecido e, ao mesmo tempo, de completamente diverso da primeira. Para começar, calorão, não frio.

Apesar do volume idêntico de gás no balão, esvaziá-lo resulta mais complicado. A irritação na garganta e nos pulmões é quase insuportável, engolindo em seco para não tossir.

A contagem de dez segundos parece interminável, e na metade já começa a decolagem vertical. A força empregada para respirar é bem maior, assim como a ansiedade. Aberturas seguidas dos olhos tentam conter o desamparo perturbador.

O coração bate acelerado. A pressão sobe a quase 17 (na primeira dose, tinha ido a 14,5).

Tudo parece tridimensional, ou multidimensional, porque as transparências e a navegação pelo espaço colorido em nada se assemelha a projeções em uma tela, mesmo se vista com óculos em um cinema 3D. A cabeça inteira circula entre salões e corredores de palácios, como se fosse ela própria um drone.

As divisórias dos espaços percorridos têm figuras que lembram símbolos alienígenas ou escrita vagamente centro-americana. O conjunto evoca uma nave ou um ambiente de outro planeta, e não seria surpresa se um ET surgisse ali.

Dissipadas as imagens e turbinada a introspecção, o sentimento não é mais de graça ou espanto divertido, como poucas horas antes, mas de peso. O corpo se retesa, não exatamente tenso, contraído.

As sensações físicas vêm acompanhadas de notável queda de humor. Uma espécie de tristeza, não doída, melancolia mais que tristeza. Como que uma lembrança decepcionada de que estar vivo é viver apartado dos outros —em última instância, só. O abandono de ser indivíduo, separado, autônomo.

Na integração, Laborde pergunta se o sentimento é de voltar a ser criança. De certa maneira, sim, no que tem de penoso. O principal lampejo, ouve a psicóloga, vem com a intuição de que as doses sucessivas desencadeiam contato com dois planos diferentes da psique.

Na primeira dose, goza o eu motivado do cotidiano, que tenta ir para cima, fazer piada, dar carinho, buscar prazer, diversão, humor, bem-estar, produtividade. Aquela parte que consegue encontrar alegria na vida, apesar de tudo, de Bolsonaro, da pandemia, da desumanidade antes insuspeitada.

Na segunda dose, ocorre a descida a um porão da mente, onde vegeta um caroço mais duro, básico, primitivo. Não algo escuro, desesperador ou angustiante, mas menos brilhoso, aterrado, imóvel como um monólito.

Preocupado de início com as coletas de sangue e saliva, o repórter se dá conta de que mal as percebe. A avalanche de imagens e sentimentos mais e menos luminosos toma todo o espaço mental, não deixa quase margem para perceber interferências externas no corpo.

Tais amostras serão cruciais, no teste clínico da DMT, para deitar alguma luz sobre o terreno obscuro em que a bioquímica da mente secreta humores, traumas, ideias e vontade de viver. Ou não.

A fisiologista Nicole Leite Galvão-Coelho colabora há mais de uma década com Dráulio Araújo. Foi responsável pelas análises de sangue dos participantes do estudo pioneiro de ayahuasca para deprimidos com controle por placebo, de 2018.

Continua na pág. C6

Uma viagem ao subsolo da mente

Continuação da pág. C5

Nos estudos anteriores com ayahuasca, a dose efetiva de DMT era conhecida de modo impreciso. Afinal, a metabolização do psicoativo varia muito de indivíduo para indivíduo.

Agora, com a substância inalada ou injetada, as 11 sucessivas amostras de sangue permitirão estabelecer concentrações mais precisas, no corpo do voluntário, a cada instante. Com isso, será possível correlacioná-la com os escores das escalas psicométricas (questionários) para medir a resposta antidepressiva.

"A DMT é vasoconstritora, o que dificulta pegar a veia, daí usarmos o catéter e não uma agulha", diz a pesquisadora. "Agora temos um desafio novo: ser muito ágil e ao mesmo tempo dar conforto ao voluntário."

Por esse motivo, a fobia de perfuração figura entre os critérios de exclusão do teste clínico. O mesmo vale para propensão ou histórico de psicose, inclusive em parentes de primeiro grau, e problemas cardíacos.

As análises de sangue e saliva abrangerão mais que determinar a concentração de DMT no sangue. Nos experimentos anteriores, Galvão-Coelho já vinha medindo biomarcadores que a literatura tem associado com o transtorno de depressão e o efeito antidepressivo, como o cortisol, conhecido como hormônio do estresse.

Outro fator investigado é a proteína C-reativa (PCR), indicador de inflamação, pois cérebros de pessoas deprimidas com frequência se mostram. Outro ainda, o hormônio do crescimento, participa da reação ao estresse agudo e parece estar relacionado com a depressão.

Por fim, a atenção do grupo se volta para o BDNF (do inglês para "fator neurotrófico derivado do cérebro"). Essa proteína se encontra em quantidade no hipocampo e no córtex cerebral e está envolvida na neuroplasticidade, ou seja, na formação de sinapses (conexões entre neurônios) e, portanto, no aprendizado.

Um dos mecanismos aventados como explicação para o efeito antidepressivo dos psicodélicos aponta nessa direção. Eles facilitariam a abertura de novos caminhos na mente para a pessoa escapar do circuito fechado de pensamentos negativos, a ruminação que em alguns casos pode desembocar em ideações suicidas.

O HUOL, hospital da UFRN vinculado ao SUS, realiza 800 a 900 atendimentos psiquiátricos por mês, dos quais 10% a 20% são pacientes com depressão. A cada semana, 10 a 20 deles são diagnosticados como portadores da forma resistente do transtorno, pessoas que já tentaram dois ou mais medicamentos sem sucesso.

Não faltarão participantes para o teste clínico em parceria com o ICe, informa Emerson Arcoverde Nunes, 40. O psiquiatra do HUOL também colaborou com Araújo no estudo da ayahuasca.

A zona norte de Natal, exemplifica, tem cerca de 400 mil moradores e conta apenas um centro de atenção psicossocial (Caps), ainda por cima especializado em álcool e drogas. "Fica tudo com a gente", queixa-se o psiquiatra.

Para complicar, com a priorização do atendimento a infectados com Covid, o hospital viu os leitos psiquiátricos reduzidos de 130 para 65. O serviço público de saúde mental precisa urgentemente de alternativas de tratamento, resume o médico.

Arcoverde põe muita esperança na DMT: "Quanto mais opções, melhor, e opções novas", diz. Ele cita o anestésico cetamina, que vem sendo usado com algum sucesso contra depressão, mas não funciona com metade dos pacientes.

"A DMT tem efeito forte e agudo, pode tirar da ideação suicida", espera o psiquiatra. "A vantagem da DMT é ser uma medicação diferente, com mecanismos de ação diferentes e diferentes contraindicações."

As mais recentes inovações farmacológicas para depressão surgiram há quase meio século, com os inibidores seletivos de recaptação de serotonina (neurotransmissor em cujo circuito os psicodélicos também agem).

Marcelo Falchi Parra Carvalho Silva, 32, parceiro de Arcoverde no ICe, é também psiquiatra. Natural de Votuporanga (SP), esteve baseado até outubro de 2021 em Campinas, onde atuou com Luís Fernando Tófoli e Isabel Wießner em experimentos sobre o efeito de LSD na cognição.

Falchi largou tudo e se mudou para Natal, atraído pela chance de estudar a DMT contratado pela Biomind como chefe da unidade de pesquisa psiquiátrica. Sua fascinação com a molécula vai ao ponto de carregar uma tatuagem dela nas costas.

A primeira experiência com a N,N-dimetiltriptamina, "impactante", ocorreu ainda na residência em psiquiatria. Trabalhou no SUS e iniciou um mestrado na Unicamp, mas se sentia insatisfeito com a precariedade dos procedimentos em sua especialidade. Queria entender melhor a consciência e sua alteração sob efeito de psicodélicos, o que chama de "cartografia fenomenológica".

"Minha função principal aqui é trabalhar como médico-cientista. Lá tinha de trabalhar como médico em uma enfermaria do SUS, prescrevendo tratamentos de eficácia limitada, dedicando-me em segundo plano à ciência. Atualmente faço ciência sem preocupação com o título acadêmico."

Falchi considera inviável, para atendimento no SUS, um modelo similar à psicoterapia apoiada por MDMA para estresse pós-traumático. O tratamento poderá ser aprovado em 2023 ou 2024 nos EUA, com base nos esforços da Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (Maps, em inglês).

Além de caro, o acompanhamento das longas sessões de dosagem por terapeutas dá margem a interferências indevidas do profissional que não for muito bem treinado, pois o paciente se torna sugestionável. "É uma janela muito grande para o médico inserir coisas indesejáveis", preocupa-se.

Caso sessões mais curtas de DMT se revelem eficazes contra depressão, o psiquiatra vislumbra um esquema de atendimento diferente. Por exemplo, clínicas que se especializem em aplicar doses, monitorar pacientes durante o procedimento e devolvê-los ao serviço psicológico ou psiquiátrico em que já se tratavam.

A DMT entraria com uma lufada de neuroplasticidade, sem elaboração de conteúdos na experiência psicodélica breve e intensa. Só no período posterior, de efeitos subagudos, ocorreria tratamento psicoterápico em sentido estrito.

Para isso, seria necessário capacitar um número bem menor de terapeutas que no modelo Maps, e o treinamento poderia ser mais curto. "Por eu ter vindo do SUS, sei que não vai dar. Para a Vera Fischer dá, para o seu Cícero, não."

Os procedimentos finais do experimento transcorrem sem tropeços, sem alegria, sem impaciência e sem enlevo. De novo, certo embotamento, dificuldade de entender e preencher as escalas sobre intensidade e qualidade da experiência.

O médico pergunta várias vezes se o jornalista se sente bem. Informa que deu tudo certo com o experimento-piloto, fora algumas falhas na coleta de EEG e sangue. Pode liberá-lo para alimentar-se e ir embora.

A acompanhante já está à espera. São quase 15h, e de novo a surpresa com quanto tempo transcorrera.

De volta à casa de hospedagem, surge uma necessidade imperiosa de sair, ver o céu e caminhar, por 40 minutos. Suor copioso à flor da pele, acompanhando o jorro de emoções e pensamentos.

Uma narrativa condensada para os anfitriões ajuda a organizar pensamentos, mas com a sensação crescente de que a razão se esforça por preencher lacunas naquilo que não tem como acessar. Quase uma impostura, reconstrução criativa movida pelo desejo de comunicar a experiência inefável.

Como resíduo principal, fica o impacto da segunda dose. Insinua-se a suspeita de que seria experiência talvez perturbadora demais para quem não tenha contato prévio com psicodélicos, o que poderia desencadear pânico.

Ao jornalista, parece duvidoso que uma vivência limítrofe possa ter sempre utilidade terapêutica, ao menos para deprimidos graves. Trata-se de impressão deixada por uma única observação subjetiva, contudo.

Sabe-se muito pouco, ainda, sobre o mecanismo por trás do benefício psíquico, alerta Dráulio de Araújo. Não se exclui que o efeito seja principalmente bioquímico, o que permitiria até que futuros medicamentos psicodélicos venham a ser administrados sob sedação, para evitar eventuais viagens tumultuosas.

Em uma reunião à tarde, logo após a dupla sessão, a equipe se inclina a diminuir as doses para 15 mg e 60 mg. Ao menos para alguns voluntários, informaria depois Araújo.

Pensem bem antes de dar esse passo, recomenda o jornalista dado à parcimônia. Não se trata de paciente em busca de cura, e sim de experiências para ancorar em relatos vívidos o potencial terapêutico vislumbrado pela ciência.

O maior espanto: perceber que a DMT inalada desencadeia momentos intensos, perturbadores, mas não faz emergir conteúdos (memórias, pessoas, traumas, acontecimentos), como é comum no efeito comprido da ayahuasca. Lança a pessoa em um espaço estranho, que pode ser maravilhoso, mas também inóspito.

Agora, é aguardar a conclusão do estudo para descobrir se essa visita ao subsolo da psique pode trazer alguma luz transcendental também para quem se encontra aprisionado na depressão. ←

Reportagem integra série A ressurreição da jurema

Em três capítulos, Marcelo Leite apresenta a pesquisa da UFRN sobre o efeito antidepressivo da DMT, encontrada na jurema-preta, e os rituais religiosos do Nordeste que empregam a substância

ASSISTA AO VÍDEO PRODUZIDO PELA TV FOLHA EM youtu.be/Jms0i_7eKe4

LEIA O SEGUNDO TEXTO DA SÉRIE A PARTIR DAS 9H DESTE DOMINGO EM folha.com/e90vdtk6

A violência política sobe um patamar

[RESUMO] Ensaísta argumenta que a violência política no Brasil, que alcança um padrão inédito com a retórica agressiva, a demonização da oposição e os ataques ao sistema eleitoral de Bolsonaro e seus apoiadores, tem raízes no recalcamento de conflitos sociais, em representações distorcidas de adversários políticos e nos mecanismos narcísicos de redes sociais

Por ***Francisco Bosco***
Doutor em teoria literária pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e ensaísta. Autor, entre outros livros, de 'A Vítima Tem Sempre Razão?' e 'O Diálogo Possível'

Boneco inflável retrata Jair Bolsonaro fazendo símbolo de arma durante manifestação em Brasília Adriano Machado - 9.jul.22/Reuters

A frase de Pedro Aleixo, vice-presidente de Costa e Silva, diante da iminência da decretação do AI-5, é uma das mais repisadas do anedotário institucional brasileiro. Não o preocupava, ele observou, o que os generais fariam com aquelas medidas de suspensão de direitos, mas o que, autorizado por elas, faria o guarda da esquina. Aleixo, como sabemos, estava errado apenas no escopo de seus receios.

A novidade agora é esta: no governo de Jair Bolsonaro (PL), embora garantias individuais ainda estejam formalmente mantidas, não é mais preciso ser guarda para ser o guarda da esquina.

A combinação de políticas públicas pró-armamento da população com retórica violenta, masculinidade troglodita, demonização da oposição, recusa à autocontenção em todas as suas formas e desconfiança das urnas forma um caldo de violência latente que já começou a entornar mesmo antes de começar oficialmente o período eleitoral.

Bolsonaro e sua militância levam o problema da violência política a outro patamar. Ponto. As causas que a vêm produzindo, no entanto, são inúmeras, bem como são inúmeros os seus responsáveis, em um rol que inclui também agentes da oposição. É impossível ser exaustivo, mas vou identificar aqui alguns dos fatores que considero principais.

Da perspectiva institucional, o mais persistente problema de fundo é o que Marcos Nobre tem chamado de pemedebismo: o recalcamento sistemático dos antagonismos reais da sociedade brasileira, que são dissolvidos no interior de supercoalizões legislativas em que boa parte da oposição, ao ser incorporada ao governo, bloqueia transformações estruturais e impede que elas sejam até mesmo debatidas publicamente.

Junho de 2013 terá sido, segundo interpretação de Nobre, o momento de retorno do recalcado, em grande escala, pois ele retorna diariamente sob forma de violência urbana desorganizada —e rural nem tão desorganizada.

Como, mesmo diante de tal passagem ao ato, o sistema político se recusou a elaborar os conflitos, a energia antissistema de junho convergiu para a eleição de um candidato antissistema. Bolsonaro nunca deixou de atacar as instituições, sem projeto de reforma ou refundação.

O que vigora é, sobretudo, a afirmação de um princípio de liberdade que se apresenta como recusa a qualquer limitação de gozo e poder. A violência é sempre uma consequência provável. No limite, portanto, é o preço que estamos pagando por instituições que falharam em tratar nossos conflitos sociais.

Essa falha, e aqui a hipótese já é de minha responsabilidade, acabou fazendo com que passássemos do recalcamento dos antagonismos à sua explicitação entretanto falsificada, sem conhecermos o que seria um estágio esclarecido do debate. Entre junho e seus destinos possíveis, havia dois fatores decisivos: a influência de Olavo de Carvalho nas novas direitas e o novo espaço público centrado nas redes sociais.

O ornitorrinco da Virgínia —metade astrólogo, metade filósofo; metade lúcido, metade paranoico— se tornou o intelectual público mais influente das últimas décadas e produziu uma mentalidade ultraconservadora, profundamente marcada por uma interpretação distorcida da realidade ideológica brasileira.

No mapa astral olavista, quase todos os planetas estão alinhados à Marte: são vermelhos e prontos para a guerra. Na vida real, o país vinha sendo governado por um PSDB então meio liberal, meio de esquerda e, em seguida, por um PT também meio liberal e um pouco mais de esquerda, mas não tanto assim.

Essas caricaturas cobram um preço. Ninguém gosta de ser representado distorcidamente. A esquerda, registre-se, fez e segue fazendo a mesmíssima coisa: joga liberais democratas, conservadores moderados e até, às vezes, liberais de esquerda dentro de um mesmo saco rotulado neoliberal, quando não fascista. O jogo das "misrepresentations" (deturpações) é um jogo de retroalimentação. Cada lado se sente ofendido e representa o outro de forma mais e mais caricata.

Nesse processo, a direita empurra para a trincheira posições de centro-esquerda que, de outro modo, poderiam afirmar alguns valores da direita sem deixarem de ser de esquerda; do mesmo modo, a esquerda empurra para o apoio à extrema direita posições que, não fossem tão atacadas, poderiam ser de conservadores pedindo apenas "devagar com a louça" ou de economistas ortodoxos flexíveis a investimentos públicos e uma reforma tributária progressiva.

O ressentimento é um dos principais afetos na política: o fascismo é real, mas é também uma profecia autocumprida.

A emergência das redes sociais propicia esse jogo. Seus famigerados algoritmos e, na verdade, todo o seu mecanismo de reconhecimento, estimulam a formação de lógicas de grupo. Todos conhecemos os benefícios do pertencimento a um laço identificatório coletivo qualquer: é doce falar e ouvir as mesmas coisas, ter nossa autoimagem confirmada o tempo todo, usar alguém de bode expiatório, de quando em vez, para reforçar os laços do grupo. É gostoso, mas o custo social é alto.

Ficamos viciados nessas recompensas e sacrificamos a investigação honesta da realidade, feita de evidências e choques de argumentos, em prol da manutenção da identidade grupal. O narcisismo triunfa.

Pensar, entretanto, é um ato antinarcísico: exige a sustentação de uma abertura cognitiva para o abandono de ideias e a assimilação de outras. Disso depende o bom funcionamento do debate público. Sua função é transformar as posições. Do contrário, não temos debate, mas grupos entrincheirados, de saída, inflexíveis, caricaturando a realidade em prol de ideologias. O outro é um adversário fixo a ser derrotado. A violência fermenta aí também.

Os fatores, os processos e os agentes produtores de certo clima difuso de anomia são inúmeros. É oportuno relembrar o que eu mesmo disse em entrevista recente a esta **Folha**. Nos últimos anos, os principais agentes políticos do país agiram da mesma forma, sem se dar conta. Todos partiram de diagnósticos corretos de falhas institucionais e sociais e decidiram sacrificar a tentativa de construção de referências comuns, sólidas e estáveis, em prol de fazer justiça solapando o Estado de Direito.

O Brasil é um país violento desde a sua origem. A sensação, entretanto, é a de que estamos perdendo algumas das barreiras que impediam que essa violência entrasse em metástase e ocupasse todas as dimensões da experiência social

O PT, partindo da premissa marxista, em boa medida correta, de que não existe democracia neutra, mas democracia da classe no poder, decidiu corromper as regras do jogo eleitoral democrático para poder se manter no poder e realizar seu projeto de transformação social.

A Lava Jato, partindo da premissa correta de que o sistema político era blindado, decidiu violar as regras do direito para fazer justiça. As novas direitas, partindo do fato real de que houve corrupção por parte do PT, decidiram embarcar em um processo de impeachment cercado de ilegitimidade por todos os lados.

Mesmo os chamados movimentos identitários, partindo da premissa correta de que vivemos em uma sociedade racista e misógina, não hesitaram em confundir denúncias com sentenças, suspender o direito ao contraditório, recusar que a justiça seria o foro mais adequado para a resolução de problemas, anular, em suma, o que seria um "devido processo moral".

Desse modo, cada grupo passou a operar com dois pesos e duas medidas: um para os seus, outro para os adversários. Isso produz anomia, e anomia é a antessala da violência.

O Brasil é um país violento desde a sua origem. Nunca deixou de ser. A sensação, entretanto, é a de que estamos perdendo algumas das barreiras que impediam que essa violência entrasse em metástase e ocupasse todas as dimensões da experiência social.

As instituições, sob Bolsonaro, autorizam e até estimulam a violência, por baixo da bandeira da liberdade e da autodefesa. A linguagem da política se tornou deformante, ofensiva, redutora, raivosa.

No centro, digital, do novo espaço público, prevalecem as lógicas de grupo e seus mecanismos de entrincheiramento. Perdemos as referências comuns que nos permitiam reconhecer uns aos outros como membros de uma mesma comunidade: da cultura popular ao pacto democrático pós-1988, todo solo comum foi se abrindo sob nossos pés.

Até na vida privada, a violência hoje é mais presente. A ênfase absoluta em uma performance de moralidade pública, que angarie reconhecimento nas redes, é praticada não apenas em detrimento de uma moral privada virtuosa, mas em franca oposição a ela.

À direita e à esquerda, há cristãos e justiceiros sociais, que são praticantes contumazes de grandes e pequenas crueldades no trato com o outro. Uns e outros deveriam tornar-se adeptos do que Gilberto Gil chamou recentemente de bondade radical.

Bondade radical pode e deve vir acompanhada de explicitação de conflitos. Desativar lógicas de grupo, para ativar o cumprimento da função do debate público; parar de caricaturar os outros e de retroalimentar falsificações; suspender o juízo quando não dispuser de evidências; procurar estabelecer princípios, em vez de se permitir usar dois pesos e duas medidas; afirmar o decoro institucional e a responsabilidade pela linguagem como instrumentos de autocontenção; defender a universalização de direitos como único sentido capaz de produzir uma democracia sustentável.

Essas são algumas medidas que podem esfriar o magma de ódio latente que bafejará as nossas nucas nos meses por vir. ←

Não se preocupe, está tudo mal

Que Bolsonaro considere que o país não é uma democracia a sério, eu admito

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

O mais surpreendente no discurso que Bolsonaro fez perante os embaixadores não foi o fato de o presidente ter voltado a exprimir a opinião segundo a qual o sistema eleitoral brasileiro não é fiável.

O mais surpreendente foi que, ao afirmar que o Brasil não tem, na prática, eleições livres e justas, ele estivesse tão pesaroso. Que Bolsonaro considere que o país não é uma democracia a sério, eu admito. Mas que isso o entristeça já não compreendo.

Este é o homem que tem louvado a ditadura. Se, no seu entender, o Estado brasileiro se aproxima do regime que ele aprecia, de que se queixa? Devia se congratular por o sistema se degradar na direção que ele pretende. Está tudo mal, por isso está tudo bem.

Por outro lado, quando aponta supostas falhas a um sistema eleitoral que sempre funcionou bem nos cerca de 20 anos em que esteve em vigor, Bolsonaro subscreve uma ideia que os seus críticos têm defendido: que, sob o governo dele, as coisas ficaram piores do que estavam. Talvez prevendo que vai perder as eleições, Bolsonaro já começou a treinar para quando estiver na oposição.

O discurso de Bolsonaro assentou numa apresentação em PowerPoint que, se tivesse sido feita numa aula do ensino médio, dificilmente obteria nota positiva. Vê-se que o aluno Jair fez a sua escolaridade durante a ditadura militar, tempo em que a disciplina de filosofia foi proibida, e depois disso não procurou compensar o tempo perdido.

Felizmente não havia professor na sala em que Bolsonaro fez a apresentação, mas a avaliação dos embaixadores não deixava grandes dúvidas. Disseram que os argumentos aduzidos pelo presidente careciam de uma coisa que costuma fazer falta: provas. E que, assim sendo, a intervenção não passara de uma manobra inspirada nas de Trump, que tão bons resultados obtiveram. Se queria desacreditar o sistema eleitoral brasileiro, Bolsonaro poderia ter apresentado uma prova fortíssima. Devia ter dito apenas: reparem que é um sistema que permite que uma pessoa como eu consiga ser eleita. Talvez os embaixadores se tivessem deixado convencer por esse argumento.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Ivete Sangalo ganha programa com seu nome no domingo à tarde

Pipoca da Ivete

Globo, 14h20, livre

Depois de revelar talento de apresentadora à frente de duas temporadas de The Masked Singer, a cantora Ivete Sangalo ganha uma atração com seu próprio nome no título. Em um dos quadros, "Duelo de Famílias", clãs familiares se enfrentam entre desafios e adivinhações; já "Ivetokê" promete ser um karaokê itinerante, descobrindo novas vozes por todo o país. Direção artística de Creso Eduardo Macedo e direção de gênero de Boninho.

A Princesa

Star +, 14 anos

Uma corajosa princesa recusa a mão do pretendente. Para se vingar, ele tenta usurpar o trono do pai dela. Direção do vietnamita Le-Van Kiet, um especialista em filmes de ação.

D. B. Cooper: Desaparecimento no Ar

Netflix, 14 anos

Em 1971, um homem sequestrou um avião, saltou de paraquedas com dinheiro roubado e nunca mais foi visto. Este caso misterioso, que já rendeu um documentário na HBO, agora é o tema desta minissérie documental.

Terra da Padroeira

TV Aparecida, 9h, livre

No quadro "Rancho da Saudade", o apresentador Kleber Oliveira recebe a cantora Sula Miranda, a Rainha dos Caminhoneiros.

Amazônia na Encruzilhada

GloboNews, 23h, livre

Miriam Leitão dirige seu primeiro documentário, aos 50 anos de carreira. A jornalista viajou até São Félix do Xingu, no Pará, a cidade que mais emite gases de efeito estufa do país, e conversou com autoridades, indígenas, agricultores e integrantes de ONGs que defendem o meio ambiente.

Canal Livre

Band, 23h30, livre

O diplomata e cientista político Marcos Troyjo, presidente do novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS, discute a atual conjuntura global nas relações políticas e econômicas.

Desconhecido

Globo, 0h10, 14 anos

Um homem acorda após quatro dias em coma, mas sua mulher não o reconhece mais e outro homem atende por seu nome. Thriller com Liam Neeson.

QUADRÃO

Luiz Gê

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, **Ricardo Coimbra**, Angeli, Laerte

Regina Duarte e Mario Frias já usaram Rouanet

BRASÍLIA Os dois ex-secretários especiais de Cultura, Mario Frias e Regina Duarte, já atacaram a Lei Rouanet — mas não sem que antes tivessem usado o incentivo.

O ex-"Malhação", que enfraqueceu o mecanismo durante sua gestão, captou R$ 59,9 mil para a peça "Dê Uma Chance ao Amor", encenada em 2003, por meio da empresa Mercúrio Produções, que era do ator e foi fechada dois anos atrás.

As cifras de Regina Duarte, que o precedeu no cargo, são mais altas — ela captou R$ 1,4 milhão com três projetos diferentes. Um deles, "Coração Bazar", teve suas contas reprovadas. Agora, a atriz terá de devolver R$ 320 mil aos cofres públicos.

Disco póstumo de Marília Mendonça derruba o Spotify

SÃO PAULO O lançamento do novo álbum da cantora Marília Mendonça, "Decretos Reais Vol. 1", causou instabilidade numa das principais plataformas de streaming. Houve relatos de que o Spotify apresentou travamentos e problemas para reproduzir o disco.

Os números no YouTube também espantam. Nos primeiros minutos de lançamento, os vídeos chegaram a 100 mil visualizações.

Lançado na véspera da data em que Mendonça celebraria 27 anos, esse é o primeiro trabalho póstumo da carreira da artista e apresenta cinco canções interpretadas durante uma das lives feitas pela cantora na pandemia.

Clube de Leitura discute 'Maus', de Art Spiegelman

SÃO PAULO O próximo encontro do Clube de Leitura Folha acontece no dia 26 de julho, às 19h. Na ocasião, estará no centro do debate o livro "Maus", de Art Spiegelman, publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Considerada um clássico do gênero, a obra trata dos horrores do Holocausto a partir das memórias do pai do autor e rendeu um prêmio Pulitzer. Participa da conversa o editor Emilio Fraia. O encontro acontece via Zoom, basta acessar a reunião 889 2377 1003.

No dia 30 de agosto, o livro discutido será "Becos da Memória", de Conceição Evaristo, com a participação da própria autora.

Se essa livraria fosse minha

[RESUMO] Após pandemia, mais de 300 espaços especializados na venda de livros abrem nos Estados Unidos, muitos deles usando a diversidade étnica e a dedicação aos nichos como forma de se viabilizarem comercialmente e se tornarem locais comunitários

Por **Alexandra Alter e Elizabeth A. Harris**
Alter é jornalista que cobre o mundo literário para o jornal The New York Times desde 2014;
Harris é repórter especializada em literatura e mercado editorial, no jornal americano desde 2009

THE NEW YORK TIMES Disseram a Lucy Yu que era um momento impróprio para abrir uma livraria em Chinatown, em Nova York. Era o início de 2021. A pandemia havia devastado o bairro, obrigando dezenas de lojas e restaurantes a fechar as portas. A ascensão dos crimes de ódio contra asiáticos abalara residentes e donos de estabelecimentos comerciais.

Mas Yu achou que uma livraria era exatamente o que o bairro precisava.

Ela levantou US$ 20 mil no GoFundMe, o suficiente para alugar uma loja estreita —anteriormente uma loja de materiais para funerárias— na rua Mulberry, no centro de Manhattan. Uma doação do bairro garantiu a ela US$ 2.000 para estantes e livros. E em dezembro ela abriu a Yu and Me Books, especializada em títulos por e para imigrantes e pessoas não brancas.

A livraria começou a dar lucros em quatro meses, contou Yu. O espaço é hoje uma das mais de 300 novas livrarias independentes que surgiram nos Estados Unidos nos últimos dois anos, num renascimento surpreendente e bem-vindo após a queda vista no início da pandemia.

E, com o aumento do número de livrarias, o setor inteiro, tradicionalmente dominado por brancos, passou a ser mais diverso etnicamente.

"As pessoas estavam sedentas por um lugar dedicado a histórias de asiático-americanas e imigrantes", disse Yu, que tem 27 anos e que trabalhou como engenheira química e gerente de uma cadeia de fornecimento antes de abrir a livraria. "Isso é algo que eu sempre procurava quando ia a livrarias. Eu queria que as pessoas pudessem vir aqui e não precisar procurar."

Dois anos atrás o futuro das livrarias independentes parecia pouco promissor. Quando o coronavírus obrigou estabelecimentos varejistas a fechar as portas, centenas de pequenas livrarias país afora pareciam fadadas a falir. Dados do Burô do Censo mostram que as vendas das livrarias caíram quase 30% em 2020. A indústria editorial previa um golpe forte contra seu ecossistema varejista, algo que poderia alterar permanentemente o modo como os leitores descobrem e compram livros.

Em vez disso, porém, aconteceu o inesperado —as pequenas livrarias não só sobreviveram à pandemia, como muitas estão prosperando.

"É espantoso, quando você pensa na situação terrível em que as livrarias estavam em 2020", comentou Allison Hill, CEO da American Booksellers Association, associação comercial que reúne livrarias independentes. "Assistimos a uma retomada sem precedentes."

A associação é composta hoje por 2.023 livrarias em 2.561 cidades, sendo que no início de julho de 2020 tinha 1.689 livrarias associadas. Parte do crescimento reflete a renovação da filiação de livrarias que haviam adiado fazer isso no ano passado, em meio às incertezas causadas pela pandemia. Mas também ocorreu um aumento nítido e constante na abertura de novas livrarias. E, disse Hill, mais de 200 livrarias adicionais se preparam para abrir as portas nos próximos dois anos.

Muitas das lojas estão vendo os seus lucros subirem. Numa sondagem realizada neste ano com livreiros, 80% dos entrevistados disseram que suas vendas de 2021 foram superiores às de 2020, e quase 70% disseram que superaram as de 2019, disse Hill.

Na Blue Willow Bookshop, em Houston, a receita subiu 20% em 2021, e a livraria faturou mais no ano passado que em 2019, segundo sua dona, Valerie Koehler. Mitchell Kaplan, fundador da rede de livrarias independentes Books & Books, do sul do estado americano da Flórida, relatou que suas vendas em 2021 foram mais de 60% superiores às de 2020.

Muitas das livrarias novas que abriram durante a pandemia são dirigidas por livreiros não brancos. É o caso da The Salt Eaters Bookshop, em Inglewood, no estado da Califórnia, que se especializa em livros por e sobre mulheres e meninas negras e pessoas não binárias; da Libros Bookmobile, livraria circulante instalada num ônibus escolar convertido, em Taylor, no estado do Texas, cuja proprietária é latina e que oferece obras de ficção em espanhol e inglês; e da Reader's Block, livraria de Stratford, no estado de Connecticut, cujos proprietários são negros.

Numa tarde recente em Chinatown, um fluxo constante de pessoas folheava livros e batia papo com Lucy Yu em sua livraria, que oferece cerca de 2.000 títulos e fica num trecho da rua Mulberry próximo a uma funerária, uma loja de bolinhos chineses e uma lavanderia. Nos fundos da livraria os fregueses se acomodam num cantinho aconchegante para leitura.

"Já vi alguns encontros românticos acontecendo ali", contou Yu. "Alguns bons, outros nem tanto."

Uma cliente pediu a Yu uma indicação de um livro de culinária para dar de presente a amigos que acabavam de se mudar para uma casa nova; Yu mostrou a ela várias opções. Outra, a escritora Ava Chin, que trabalha num estúdio literário no bairro, passou pela livraria para ver se um livro que tinha encomendado havia chegado. Yu o encontrou —era "Vidas Rebeldes, Belos Experimentos", de Saidiya Hartman.

Chin, cuja família vive em Chinatown há gerações, contou que a Yu and Me virou ponto de encontro de residentes locais que curtem artes e livros, além de uma espécie de polo literário asiático-americano. Sua programação agitada inclui uma leitura bilíngue de poemas do poeta Yam Gong, o lançamento de um livro da autora e ensaísta Larissa Pham e uma sessão de autógrafos com a romancista Marie Myung-Ok Lee.

Além disso, disse Chin, num momento em que os crimes de ódio contra asiático-americanos têm aumentado, a livraria adquiriu uma aura de refúgio. Em março ela promoveu um evento de conscientização do problema e distribuiu mais de mil alarmes de segurança e latas de spray de pimenta.

"Este lugar não é apenas uma livraria", disse Chin. "Concretamente, é um espaço comunitário. Acho que só quando ganhamos uma livraria é que percebemos que precisávamos dela." ←

Tradução de Clara Allain

Livraria Socialight Society, nos EUA Ali Lapetina/The New York Times

O aborto antes das guerras culturais

[RESUMO] Em 1973, ano em que uma Suprema Corte sem mulheres reconheceu por 7 votos contra 2 o direito ao aborto nos EUA, agora revogado, a questão tinha menos destaque no movimento feminista, era vista sob o prisma da saúde pública e não despertou conflitos como hoje

Por ***Lúcia Guimarães***
Jornalista, vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT e colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

Em 1973, o âncora Walter Cronkite era a figura paterna da TV americana, quando os Estados Unidos só tinham três redes nacionais abertas, e o cabo chegava a uma ínfima minoria de domicílios. Em 22 de janeiro daquele ano, Cronkite abriu o telejornal da CBS, o mais assistido do país, anunciando, sem emoção ou comentário: "Em uma decisão histórica, a Suprema Corte legalizou hoje o aborto".

O âncora citou os dois casos que tinham chegado ao tribunal e explicou a opinião da maioria, baseada no direito da mulher à privacidade: "A decisão de terminar uma gravidez, durante o primeiro trimestre, pertence à mulher e seu médico, não ao governo".

Em seguida, entrou uma reportagem igualmente serena sobre o processo, conhecido como Roe vs. Wade, com visões de especialistas, críticas de um representante da Igreja Católica e o depoimento, de costas, para proteger sua identidade, de uma das duas mulheres cujo caso foi examinado pelos nove juízes.

Um imprevisto, contudo, distraiu o país naquela noite. No meio do telejornal, entregaram um telefone a Cronkite. Ele pediu que o interlocutor continuasse na linha para anunciar que o ex-presidente Lyndon Johnson havia morrido em um voo a caminho de um hospital no Texas.

O infarto de Johnson derrubou Roe vs. Wade do topo das manchetes, mas o destaque dado pela imprensa mostrava um país diferente do que recebeu a decisão de junho passado, que negou o direito constitucional e permitiu aos estados criminalizar o aborto. O jornal The New York Times de 23 de janeiro trazia dois depoimentos críticos curtos, do arcebispo da Filadélfia e do cardeal presidente da Conferência Nacional dos Bispos americanos, que escreveu sobre a santidade da vida.

No mesmo janeiro de 1973, teve início, no dia 11, o julgamento dos arrombadores da sede do Partido Democrata, no complexo de Watergate, o escândalo que derrubaria Richard Nixon no ano seguinte. No dia 27, Henry Kissinger, então assessor de Segurança Nacional, assinou o acordo para encerrar a Guerra do Vietnã, que alimentava convulsões sociais desde 1967.

O presidente Richard Nixon, um devoto protestante quaker, era publicamente contra a legalização do aborto, mas não se engajou em nenhum ativismo político. Afinal, entre 7 dos 9 juízes que votaram a favor de Roe vs. Wade, três eram conservadores nomeados por ele.

Só em 2009, com a liberação de um novo lote das gravações secretas da Casa Branca, descobrimos que Nixon manifestava ambivalência em relação ao aborto. Ele temia que a liberação levasse à promiscuidade e à dissolução da família. Em linguagem racista crua típica, ele diz a um assessor: "Há casos em que abortos são necessários, eu sei, você sabe, quando é um negro e uma branca. Ou em casos de estupro".

Como as mulheres americanas conquistaram o direito ao aborto com a ajuda de seis juízes brancos e um negro, em uma corte em que a primeira mulher só foi admitida na década seguinte, em 1981? Para entender a diferença da corte atual, que votou contra, com quatro mulheres —entre elas, uma negra e uma latina—, é preciso olhar para 1973 sem a lente das guerras culturais do presente.

O aborto, na década de 1970, não tinha o mesmo destaque no movimento feminista, mais concentrado em questões como a igualdade no mercado de trabalho. O establishment médico americano apoiava a descriminalização, considerando o procedimento uma questão de saúde pública. Médicos e pacientes não queriam se sujeitar a uma teia de legislações estaduais punitivas e enfrentar processos criminais.

O julgamento favorável do caso Roe vs. Wade não era tido como certo. O título do processo faz referência ao pseudônimo Jane Roe, de uma mulher grávida que desafiou o promotor Henry Wade, no Texas, onde a prática era ilegal.

"Entre os liberais, como eu, havia um temor de que não haveria maioria", disse à **Folha** George Frampton, então assessor de 28 anos do juiz Harry Blackmun, que, sendo discreto, preferiu não confirmar a reputação de ter sido o principal redator da sentença que legalizou o aborto.

Nixon fez campanha para o primeiro mandato, em 1968, prometendo juízes alinhados a uma interpretação estrita da Constituição, o oposto do ativismo judicial. "Juiz interpreta a lei, não cria legislação", dizia.

O problema é que a Constituição, de 1789, não se refere a mulheres ou negros e não garante a igualdade de direitos a todos os americanos —e ainda determina que "quem não é livre" (os escravizados) seja contado como três quintos de um indivíduo para determinar a proporção da representação no Congresso.

Nixon começou a cumprir as promessas de campanha ao nomear como presidente da Suprema Corte o conservador Warren Burger. Ele indicou seis juízes para quatro das vagas abertas durante sua Presidência.

Aqui, outro exemplo das nuances políticas de meio século atrás. O presidente não conseguiu aprovar, em 1971, sua indicada, a juíza californiana Mildred Lillie, que poderia ter sido a primeira mulher da corte. Lillie foi escorraçada como inexperiente pela associação de advogados americanos, cujo selo de aprovação, na época, era considerado crucial para juízes passarem pela sabatina do Senado.

"Ela era de direita e estúpida", disse o jurista Universidade de Harvard Laurence Tribe, professor de gerações de juízes, entre eles, dois da Suprema Corte (John Roberts e Elena Kagan), e de Barack Obama. Em uma troca de emails com a **Folha**, Tribe confirma que foi interpelado pelo FBI sob Nixon por se opor à nomeação de Lillie.

Mulheres protestam em Washington contra anulação de Roe vs. Wade Joshua Roberts - 9.jul.22/Reuters

Retrato de integrantes da Suprema Corte americana em 1967 23.out.67/AFP

Os EUA que legalizaram o aborto com uma maioria de homens brancos era mais conservador que o país que liberou a criminalização do procedimento nos estados, com a Suprema Corte mais diversa de sua história. Como explicar isso?

Roe vs. Wade teve início em 1970, mesmo ano em que Nixon decidiu indicar para corte o juiz Harry Blackmun, amigo e conterrâneo de Minnesota de Warren Burger. O papel de relator da decisão sobre o aborto coube a Blackmun, que atendia a todos os clichês do homem típico do Meio Oeste: modesto, afável e avesso a ser o centro das atenções.

Frampton era abertamente liberal, mas não deixou passar a oportunidade de se tornar assessor jurídico de Blackmun. "Ele era uma pessoa cheia de consideração, estava inseguro e se sentia meio fora de lugar na corte", lembra ele, hoje um proeminente defensor de causas ambientais. Blackmun, um conservador moderado, não fazia proselitismo ideológico. O primeiro rascunho da opinião do juiz sobre Roe vs. Wade saiu em 1972 e foi criticado, taxado de incompleto e mal-escrito.

A sentença sustentou a ideia de ancorar o aborto na 14ª emenda da Constituição, que protege o direito à privacidade, em contraste com os argumentos usados agora pelos juízes ultradireitistas indicados por Donald Trump, que classificam a escolha como um artifício.

"O aborto não era o foco de Nixon nas escolhas que fez para a corte", diz o historiador Kevin McMahon, autor de "Nixon's Court: His Challenge to Judicial Liberalism and Its Political Consequences" (a corte de Nixon: seu desafio ao liberalismo judicial e suas consequências políticas).

McMahon diz acreditar que Nixon foi bem sucedido em lançar uma contrarrevolução conservadora que seria consolidada por Ronald Reagan, apesar de Roe vs. Wade e da decisão de julho de 1974 que desferiu um golpe mortal contra sua Presidência ao lhe negar o privilégio de manter as gravações secretas fora do alcance do promotor especial do caso Watergate.

"Ele pensava mais do ponto de vista eleitoral que do ideológico. Queria reverter o transporte de estudantes negros de ônibus, uma das iniciativas do fim da segregação racial, e queria explorar o medo do crime entre os brancos."

O historiador afirma que a liberação do aborto era parte do zigue-zague ideológico da era Nixon, que precisava enfrentar o colérico ultraconservador George Wallace na campanha de 1972. Além disso, ao manter distância, ele podia responsabilizar a Suprema Corte pela legalização do aborto.

Um outro termômetro da falta de drama, em 1973, pode ser encontrado na edição da revista Ms., fundada pela líder feminista Gloria Steinem.

O número de março trazia um artigo intitulado "Nós fizemos abortos". A autora, Barbaralee Diamonstein, convenceu 53 mulheres americanas —entre elas figuras públicas como a hoje lendária tenista Billie Jean King, as escritoras Anaïs Nin e Nora Ephron, e a historiadora Barbara Tuchman— a assinar uma petição revelando que tinham interrompido a gravidez e defendendo o fim do estigma sobre o aborto em um país onde estimativas indicavam que uma em quatro mulheres já havia abortado, legalmente ou não.

"A reação foi tranquila, não fomos alvo de protestos," lembrou, em entrevista por telefone à **Folha**, Barbaralee Diamonstein-Spielvogel, 90. Quando escreveu o artigo declarando ter feito um aborto, ela já tinha sido nomeada a primeira secretária de Cultura da Prefeitura de Nova York.

A autora confirma que o debate sobre o aborto tinha ênfase em saúde pública e lamenta que o movimento antiaborto contemporâneo, que adota a expressão direito à vida, não se interesse pela saúde e o bem-estar das crianças fora do útero.

Os EUA que legalizaram o aborto com uma maioria de homens brancos era mais conservador que o país que liberou a criminalização do procedimento nos estados, com a Suprema Corte mais diversa de sua história. Como explicar isso?

Em 1973, os evangélicos brancos não eram a força política prodigiosa que se tornaram a partir dos anos 1980. A "maioria silenciosa" —termo cunhado por Nixon para descrever vastos segmentos da população que não se manifestavam politicamente, em oposição aos que protestavam contra a guerra no Vietnã— não se aplica mais.

Os EUA são governados hoje por uma minoria ruidosa e extremista, em razão, em parte, de distorções antidemocráticas no Senado, onde os 50 senadores democratas representam 42 milhões de pessoas a mais que os 50 senadores republicanos, de estados mais rurais.

Em 1973, não havia o obscuro e bem-financiado Conselho de Política Nacional, que, no verão de 2016, decidiu colocar dinheiro e uma vasta estrutura política nacional para eleger um empresário nova-iorquino devasso, acusado de assédio sexual e de estupro. O preço? Donald Trump só indicaria juízes para tribunais federais aprovados por conservadores religiosos. O resultado foi o que se viu. ←

Ilustração Efe Godoy

Negócios místicos ganham nova roupagem

Com demanda impulsionada por jovens e grande apelo na internet, astrologia e tarologia miram autoconhecimento

Marcio Alvarez (esq.), 42, fundador do Mercado Místico, e Wesley Carvalho, 44, produtor do evento Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

Mercado do 'novo misticismo' foca bem-estar e usa internet para decolar

Negócios vão de mapa astral gerado por inteligência artificial a podcast com dicas para signos

Karina Pastore

SÃO PAULO "Se na Terra está difícil, na astrologia está melhor. Então, vamos nos iludir todas juntas."

É assim, com humor, que Madama Brona abre o episódio Meu Deus, Meu Senhor, do podcast Horoscopinho Semanal, para o período de 4 a 10 de julho, com as previsões para o signo de sagitário.

A personagem, uma drag astrológica criada pela astróloga e cartomante gaúcha Bruna Paludo, 34, é a cara do misticismo contemporâneo.

Memes, reels no Instagram, dancinhas no TikTok e tweets debochados conquistam uma legião de fãs e fazem girar a roda da fortuna do mercado esotérico. Só nos EUA, são US$ 2,2 bilhões (R$ 11,88 bilhões) movimentados por ano, segundo a consultoria americana IBISWorld.

No Brasil, ainda não existem dados consolidados sobre o setor, mas, também por aqui, o universo conspira a favor dos empresários que trabalham com o misticismo.

Astroinfluencer das mais festejadas, Madama Brona tem quase 400 mil seguidores no Instagram. Advogada de formação, Bruna fez de seu hobby uma profissão em 2017.

Diferentemente das "bruxas" do passado, os atendimentos abertos não são o foco de seu trabalho. Ela tem um grupo de clientes fixos e, de tempos em tempos, consegue espaço na agenda (ou melhor, na fila de espera) para novos consulentes.

Os serviços de Madama Brona se concentram em consultoria, produção de conteúdo, palestras e colaborações com empresas de diversos tamanhos e setores. Ela já foi diretora criativa de uma linha de decoração para casa, ajudou roteiristas na construção de personagens, trabalhou com LinkedIn, Netflix e Gucci.

O interesse das grandes marcas pelas artes ocultas é revelador da efervescência do ecossistema místico. Até os investidores de risco se renderam ao encantamento. No maior aporte já registrado pelo setor, em abril de 2021, o aplicativo americano de horóscopo Co-Star recebeu US$ 15 milhões (R$ 81 milhões) em uma única rodada de investimentos.

Criada em 2017, a startup usa inteligência artificial para produzir mapas personalizados para cerca de 20 milhões de clientes. À frente da empresa está Banu Guler, 34, a quem o mercado apelidou de "Zuckerberg da astrologia".

Sem informações sobre o setor no Brasil, a evolução do Mercado Místico, um dos maiores maiores eventos esotéricos do país, serve de parâmetro para medir os negócios.

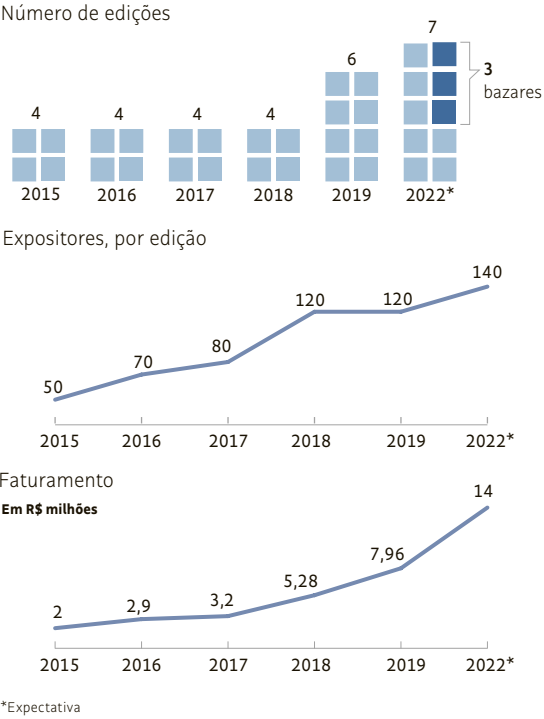
O evento, que é comercial, mas também tem apresentações de dança e palestras, foi fundado em 2010, por Márcio Alvarez, 42. Sua última edição, em junho, recebeu 30 mil visitantes. A expectativa é a de que os sete eventos previstos para 2022 movimentem R$ 14 milhões, sete vezes mais do que o faturamento de 2015.

US$ 2,2 bi
é a quantia movimentada por negócios esotéricos por ano nos EUA, segundo a consultoria IBISWorld

US$ 15 mi
é o valor arrecadado pelo aplicativo de horóscopo americano Co-Star numa única rodada de investimentos

"O público hoje em dia está mais espiritualizado e em busca de autoconhecimento e autocuidado", afirma Wesley Carvalho, 44, produtor do Mercado Místico.

Os dois conceitos são chave para entender a onda esotérica da contemporaneidade. As práticas de hoje têm pouco de adivinhação e previsão do futuro. São instrumentos, defendem os atores do setor, para entender a si próprio, o outro e o mundo. O esoterismo já estava em transformação quando a pandemia lançou a humanidade no caos absoluto, acelerando a ressignificação das crenças.

"O ritual para ganhar dinheiro abriu portas para uma reflexão maior sobre o sentindo da vida. Na astrologia, os leitores hoje buscam mais do que um estereótipo de signos, mas entender sua personalidade e padrões de comportamento. A simpatia para atrair amor deu espaço para o autoamor e o empoderamento", afirma Heloisa von Ah, editora da WeMystic.

Fundada no Porto, em Portugal, em 2015, a plataforma de esoterismo e terapias alternativas hoje está em 21 países. Só no ano passado, no Brasil, a WeMystic registrou cerca de 90 milhões de pageviews.

O novo esoterismo mantem relação estreita com a indústria do bem-estar, também hipervalorizada na crise sanitária, lembra o sociólogo Dario Caldas, fundador da consultoria Observatório de Sinais.

Poucos negócios exploram tão bem a convergência entre misticismo, autoconhecimento e bem-estar físico e mental quanto a sextech Climmaxxx, das sócias Larissa Ely, 28, designer, e Marcela Büll, 30, atriz.

Com o slogan "rituais diários de autoamor", a marca oferece dildos de cristais como ferramentas de conexão da mulher com a própria sexualidade, com promessas que vão muito além do orgasmo.

As peças de quartzo rosa, por exemplo, prometem, segundo a dupla, aumentar a confiança e acabar com vibrações negativas advindas de angústia, raiva, medo, culpa ou ciúmes. Há ainda as de cristal transparente, jaspe vermelha, quartzo verde, cristal de quartzo, entre outras.

Responsáveis por 10% do faturamento mensal de R$150 mil, os sex toys esotéricos custam entre R$ 170 e R$ 480.

Outra área do novo misticismo bastante próspera é a do tarô. Que o diga o designer Henrique Macedo de Oliveira, 33. Há quatro anos, ele deixou a agência de publicidade onde trabalhava para fundar a Pavão Branco, uma das grandes editoras de tarô no país.

O sucesso foi tanto que Henrique passou a vender para o atacado, obteve licença para produzir no Brasil os produtos da gigante californiana Hay House e, em breve, junto com a mulher, Janice, planeja abrir a primeira loja física da Pavão Branco, com espaço para cursos e terapias místicas. No ano passado, a editora faturou R$ 750 mil.

A renovação do esoterismo é liderada por millennials e geração Z. Em movimento global, jovens vêm se afastando de religiões tradicionais, mas não ter uma não significa não acreditar. "Como personalizam listas de músicas no Spotify, customizam a espiritualidade", diz Caldas.

A evolução do maior evento místico do Brasil

Mercado Místico deve faturar R$ 14 milhões em 2022

*Expectativa

Cartas de tarô da Pavão Branco, editora de Henrique Macedo de Oliveira, 33, em Santo André (SP)

Coleções evocam fé, zodíaco e tarô para atrair consumidores

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Marcas de roupas, acessórios e cosméticos têm apostado em coleções com temas ligados à fé e ao misticismo para criar um vínculo com os consumidores e potencializar vendas. Para isso, usam campanhas que evocam aspectos emocionais e de bem-estar dos produtos.

Signos do zodíaco, imagens do tarô e outros símbolos de fé viram estampas de roupas, inspiram perfumes e até produtos alimentícios.

"É possível provocar o encantamento com aquela mercadoria, algo que extrapola a engenharia do produto e fala com o intangível", diz Marcelo Boschi, coordenador da pós em marketing da ESPM-Rio.

A Inspires, marca paulistana de cosméticos, usa a astrologia como inspiração para combinar aromas. Alegria, calma e equilíbrio são alguns aspectos que seus hidratantes seriam capazes de despertar, afirma a publicitária, aromaterapeuta e cofundadora da marca Adriana Parente, 46.

A coleção Astros foi desenvolvida com astrólogo Oscar Quiroga. Foram meses de pesquisa, entre testes da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e estudos que Adriana chama de "emocionais". Consumidores experimentaram os cosméticos e contaram à equipe suas impressões e emoções. Os produtos, vendidos online, custam entre R$ 55 e R$ 98.

Cosméticos, maquiagens, roupas e acessórios são beneficiados pelas narrativas que trazem o etéreo e o místico como tema porque têm conexão direta com o bem-estar, diz a professora de semiótica Clotilde Perez, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

"Quando a perspectiva de futuro é tensionada, com pandemia, guerras e aquecimento global, o consumidor busca conforto nas diferentes religiões e filosofias de vida. Para encontrar uma promessa de inspiração para o futuro", afirma.

Boschi, da ESPM-Rio, afirma que muitos empreendedores transformam suas crenças e valores em argumentos para venda, colocando no negócio aquilo em que acreditam.

É o caso da marca mineira Chico Rei, que produz roupas. "A equipe de criação tinha pessoas apaixonadas por signos e queríamos transformar isso em camisetas", diz Vitor Vizeu, 33, diretor de marketing.

A Chico Rei, que faturou R$ 22 milhões em 2021, lançou camisetas temáticas, uma para cada um dos signos do zodíaco.

Além disso, o site da loja classifica estampas de outras coleções de acordo com sua proximidade com os signos. É possível, por exemplo, ver quais roupas combinam com geminianos ou leoninos.

O público da marca é composto principalmente por jovens de 24 a 35 anos —70% são mulheres. É possível comprar os produtos online ou nas lojas físicas em Minas Gerais, nas cidades de Juiz de Fora e Tiradentes. O preço das camisetas varia entre R$ 47,90 e R$ 84,90.

A proximidade com o mundo místico também aparece em campanhas de grandes marcas. Em janeiro de 2021, a Dior lançou uma coleção de vestidos de alta-costura inspirados no baralho de tarô. O curta-metragem "Le Château du Tarot" (O Castelo do Tarô, em tradução livre) apresenta as peças e suas referências à astrologia.

"As empresas maiores conseguem antecipar essas tendências de maneira privilegiada", afirma Perez, da USP. Para ela, lançamentos como o da Dior refletem no comportamento de pequenas e médias marcas que buscam engajamento com seu nicho de atuação.

Antes de lançar uma coleção com motivos místicos ou religiosos, o empreendedor deve pensar se o tema combina a marca, diz Perez. É preciso se questionar, por exemplo, se há alguma relação entre o produto e o universo esotérico.

"Não dá para prometer um futuro certo ou cura. A marca precisa pesquisar muito e respeitar os limites daquela manifestação", afirma.

A coleção Amuletos, da joalheria Monte Carlo, reúne símbolos de fé de diferentes manifestações culturais, desde pedras que trariam boas energias, como ametista e quartzo, até pingentes de búzios e figas, presentes nas religiões de matriz africana.

"Uma joia que é um bem permanente, que pode ser tanto uma lembrança do passado como uma promessa de futuro" conta Deborah Rosenblit, 48, designer de joias da marca.

Ela afirma que a coleção busca ser plural, permitindo que o consumidor customize sua peça e reúna símbolos diferentes que expressam a complexidade de suas crenças. As joias são vendidas online e os preços variam entre R$ 390 e R$ 2.000.

A coleção é de 2019. A Monte Carlo não tem indicadores específicos sobre a venda da coleção, mas no último ano faturou aproximadamente R$ 200 milhões.

Cosméticos da marca paulistana Inspires

Gabriel Cabral/Folhapress

Maria Abramo, 61, que dá cursos de aromaterapia

Jardiel Carvalho/Folhapress

Profissionais deixam mercado tradicional para oferecer cursos esotéricos

Empreendedores transformam hobby em fonte de renda com aulas online, mentorias e workshops de tarô, reiki e aromaterapia

Juliana Veríssimo

SÃO PAULO Fabiana Omerod, 47, dá cursos online de astrologia, algo que uma década atrás não via como opção profissional. A curitibana é formada em farmácia e bioquímica e fez carreira em uma grande multinacional farmacêutica.

Só quando saiu da empresa onde trabalhava, em 2016, que teve a ideia de vender os dois conhecimentos que acreditava ter —seu know-how em marketing e vendas e sua experiência em astrologia, fruto de uma paixão cultivada desde a adolescência.

Fabiana passou a oferecer consultoria para empreendedores e criou um curso sobre o assunto, mas teve só duas alunas. Ela seguiu com a consultoria e acabou desistindo das aulas esotéricas.

Quando seu marido foi transferido para a Nova Zelândia, passou a desenvolver formações na área de negócios, a distância. Em 2019, porém, ela viu crescer a demanda por leituras de mapa astral.

Foi aí, em 2020, que Fabiana resolveu dar uma segunda chance ao curso de astrologia, dessa no formato online e com a parceria de um coprodutor com experiência em tráfego digital e em anúncios para redes sociais. Hoje, ela oferece também turmas de mentoria, um curso de estudos avançados e workshops.

Nesses dois anos, a empresária conta que teve mais de 700 alunos e faturou, juntamente com seu parceiro comercial, cerca de R$ 500 mil.

Depois da pandemia, percebe que os alunos estão mais ansiosos por um contato intimista e acredita que o futuro está em cursos individualizados e mentorias. É neles que tem investido agora.

Apesar do sucesso, não pretende mais oferecer aulas no modelo atual, que custa entre R$ 997 e R$ 1297 e dá acesso a 18 horas de conteúdo base, 58 horas de workshops de conhecimentos específicos e nove encontros online ao vivo.

A mestre de reiki gaúcha Mirta Gomes, 71, também acredita que clientes têm buscado um contato mais pessoal nos atendimentos de reiki e acupuntura.

Ela chegou a comandar mais de 20 terapeutas que realizavam 200 atendimentos semanais em um instituto no Rio de Janeiro. Hoje foca cursos e, cada vez mais, mentorias, que lhe permitem manter receita e diminuir carga de trabalho.

Apesar de a formação de profissionais responder por cerca de 60% de sua receita mensal, que varia entre R$ 6.000 e R$ 7.000, conta que as consultas individuais ainda fazem parte da rotina.

"Não dou aulas todos os dias, apenas programadas com antecedência," diz. Seus cursos são sempre ao vivo, sejam eles online ou presenciais.

Mirta também veio do mundo corporativo. É formada em contabilidade e administração e tem experiência no mercado de capitais. Aos 45, fez um curso de medicina chinesa e desde então não largou as terapias holísticas.

A paulistana Maria Angélica Abramo, ou Maria Ábramo, 61, como passou a assinar por indicação de uma numeróloga, também deixou uma carreira estabelecida como assessora de imprensa para se dedicar a ensinos esotéricos.

Navegou por diferentes técnicas até se apaixonar pela aromaterapia. "Estudar óleos essenciais sempre foi um hobby para mim, mas não via como profissão," conta.

Maria, que tem o curso de aromaterapia como carro-chefe, oferece também workshops pontuais.

As aulas presenciais ocorrem uma vez por ano e reúnem de 18 a 20 alunos. O curso de aromaterapia essencial, de 180 horas, custa entre R$ 600 e R$ 1.200.

Verônica Marques, que é professora e coordenadora do núcleo de empreendedorismo e inovação da ESPM-Rio, lembra que o fato de um negócio ser visto por muitos como não convencional não exime o empreendedor de pensar nele e o estruturar de maneira tradicional.

Isso exige que o profissional avalie sua proposta de valor, suas atividades principais, os recursos que vão ser usados, o valor de seu saber específico e de sua reputação.

> **Os profissionais devem pensar em que tipo de experiência autêntica podem oferecer para o cliente. É importante se diferenciar dos demais. Se ele não for diferente, não vai crescer**
>
> **Verônica Marques**
> coordenadora do núcleo de empreendedorismo e inovação da ESPM-Rio

A venda de cursos, principal fonte de renda de Maria, gera incertezas. "Há meses em que entram R$ 4.000 e outros em que não ganho nada," diz.

A crise econômica e a pandemia, acredita, mudaram o cenário. "As pessoas tinham um poder aquisitivo que permitia que fizessem um curso por prazer. Hoje isso mudou e minha renda caiu." Num mês de 2018, a empresária conta que chegou a ganhar R$ 14 mil.

Ela também acredita que o cenário esteja pior por conta da concorrência. "Tem muita gente promovendo usos perigosos, inclusive de óleos essenciais para crianças," diz, lembrando que esses produtos não devem ser ingeridos.

Natural de Ilhabela (no litoral paulista), Jonas França, 28, mestre em ciências políticas, também é um profundo estudioso do tarô. Ele ministra cursos sobre as cartas.

Duas de suas 6 turmas finalizadas acabaram nesse inverno e tinham 35 alunos cada uma. Eles pagaram R$ 800 por cada um dos dois módulos do programa.

Apesar de ver o número de interessados nos cursos crescer, Jonas também trabalha cada vez mais com mentorias. Além disso, oferecer workshops, cujas entradas custam entre R$ 50 e R$ 150.

"Por mais que menosprezados enquanto áreas do conhecimento, estudos vistos como esotéricos também estão sujeitos a um certo rigor e a uma ética profissional", diz.

Para Martinho de Almeida, professor da FEA-USP (Faculdade de Administração e Economia da Universidade de São Paulo), o melhor caminho para quem começa no mercado de cursos online é abrir uma MEI, que possibilita ao empresário dar recibos, assinar contratos e tomar empréstimo nos bancos.

O primeiro passo para isso é procurar um contador, que também pode dar conselhos sobre os impostos a serem pagos pelo profissional.

Empreendedor místico investe em gestão

Donos de negócios esotéricos buscam profissionais para estruturar empresa; objetivo é passar credibilidade

Paola Ferreira Rosa

CAMPINAS "O momento de crise no Brasil cria um ambiente propício para o desenvolvimento de produtos e serviços ligados a crenças, afirma o superintendente do Sebrae-SP, Marco Vinholi.

"Em períodos assim, muita gente vai atrás de respostas em outros campos, e aí o misticismo vem à tona", diz. Com isso, a leitura de mapa astral e a venda de artigos religiosos se tornam oportunidades de negócio.

Criada em 2019, a marca de produtos holísticos Lunnare Co., especializada em ervas e aromaterapia, cresceu durante a pandemia.

"Acho que o fato de as pessoas, naquele momento, estarem precisando de algo acolhedor, ajudou", afirma Karla Lopes, 30, fundadora.

A iniciativa nasceu como uma forma de reconexão com sua infância. "Na casa da minha avó tinha muita erva medicinal e eu ia muito à benzedeira."

Depois de perceber a oportunidade de empreender, estudou sobre o assunto para criar a empresa. Os produtos, primeiro, eram vendidos em feiras de artesanato e online.

Um dos passos para a profissionalização da marca foi o seu registro no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).

Na mesma época, Karla foi procurada por investidoras anjo, que atuam como conselheiras e estrategistas da empresa. O investimento serviu para escalar a marca e possibilitar a produção de parte dos produtos em fábrica, como os sprays energéticos.

Incensos, velas e banhos de erva, porém, continuam artesanais, feitos por Karla e três funcionários. "É um trabalho muito delicado. Acho que faz mais sentido, até para o valor de marca, ser feito à mão", afirma ela.

O site da Lunnare recebe cerca de 70 pedidos por mês, com ticket médio de R$ 140. Os produtos também são vendidos em lojas físicas por consignação e revendidos por marketplaces como Amaro.

Para o superintendente do Sebrae, o principal desafio para empreender com misticismo é a construção da credibilidade do negócio. Aspectos como uma divulgação alinhada ao público alvo e o investimento no espaço de trabalho devem ser considerados.

Karla Lopes, 30, fundadora e CEO da Lunnare CO., empresa de Belo Horizonte Douglas Magno/Folhapress

Essa é uma das preocupações de Maria Paula Horta, 26, que deixou a carreira na área de estética para se tornar taróloga. No início, em 2018, direcionou seu trabalho, então incipiente, ao autoconhecimento dos clientes.

Começou atendendo até 15 pessoas por dia, por R$ 20 a sessão. Depois de criar o perfil de sua empresa, a Luz Mística, no Instagram, passou a ganhar mais público. Com o aumento do faturamento, procurou um contador para a formalizar o negócio.

"Ler cartas pode ser entendido como uma prestação de serviço. Para quem gosta disso, e entende do assunto, vai ser um mercado [de atuação]", afirma Vinholi.

Hoje, Maria tem uma equipe de oito pessoas, com tarólogos, auxiliar de administração e produtora de conteúdo. A empresa faz cerca de 260 atendimentos mensais online, com ticket médio de R$ 187.

A taróloga afirma que o alinhamento entre o serviço oferecido e a expectativa do cliente vem de sua postura profissional. "Prometer alguma coisa para alguém a partir de plano espiritual cai no charlatanismo."

Dona da Ametysta, Tatiane Silva, 35, também se preocupa em comunicar de forma clara o que oferece. Depois de fechar sua loja física de produtos místicos na pandemia, migrou para o ambiente digital.

"Não adianta eu encher o meu cliente de produtos se ele não conseguir se conectar", diz.

Pensando nisso, uma de suas preocupações é com os fornecedores de sua loja.

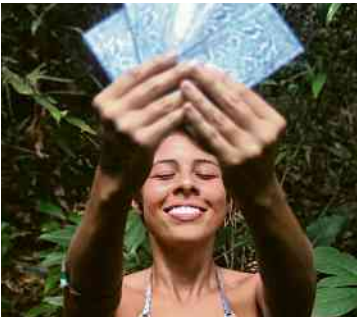
"Tem pedras muito bonitas que são sintéticas e eu opto por não vender. Não interessa vender um produto para uma pessoa afirmando ser natural se ele não for, porque a pessoa não vai receber nenhum benefício energético com aquilo", diz.

Hoje sem equipe, a empreendedora cuida de todas as áreas do negócio, exceto a contabilidade, que fica a cargo de um contador. A Ametysta recebe cerca de 200 pedidos por mês, com ticket médio de R$ 100.

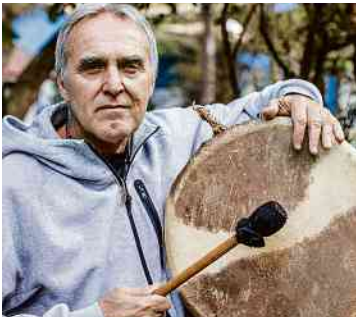
Leia seis depoimentos de quem usa as redes sociais para falar de esoterismo e espiritualidade

Tânia Gori, 53
Fundadora da Casa de Bruxa [escola de cursos esotéricos], Santo André (SP), ela emprega 65 pessoas; pela escola, já passaram cerca de 30 mil alunos

'RITUAIS NÃO SÃO CURA, SÃO ORIENTAÇÕES'

As pessoas me perguntam o que uma bruxa faz. Ela é uma pessoa que se coloca contra os erros da sociedade. É questionadora e rebelde. Com a modernização, a bruxa se tornou uma terapeuta, conselheira e oraculista. Ser bruxa não é saber o que o outro está pensando e voar de vassoura. Atendo meus clientes por meio do tarô, da runa ou de um oráculo que fale comigo. Posso também indicar rituais com banhos, ervas e cristais. Isso tudo não é cura, é orientação. A Casa de Bruxa surgiu em 1996. Na época, sentia um vazio por não fazer o que gostava, profissionalmente —sou bacharel em contabilidade e teologia. Aí decidi criar uma escola que ensinava as pessoas sobre o meio holístico. Desde então, ensinamos 30 mil alunos a, por exemplo, fazerem rituais. Hoje, a empresa tem 15 funcionários registrados e 50 autônomos. As redes [ela tem cerca de 72 mil seguidores no Instagram] ajudam a minha imagem e mantêm o negócio. Não ganho dinheiro nelas, mas penso em criar um podcast. Adoro contar histórias.

Sue Muniz, 28
Criadora da página Águas de Março, Itacaré (BA). Taróloga, ela usa o alcance de suas publicações nas redes sociais para atrair novos clientes

'MEU PROPÓSITO É AJUDAR OS OUTROS PELA ESPIRITUALIDADE'

Ainda não ganho dinheiro com a minha página de 105 mil seguidores no Instagram por si só. Uso o alcance, então, para conseguir clientes de tarô. Hoje, tenho entre 10 e 15 por mês e quero chegar aos 30. Cada consulta custa R$ 120. Também trabalho numa loja, mas imagino que no futuro o tarô será minha única fonte de renda. Há três anos, tive depressão. Na época, morava em São Paulo e trabalhava como publicitária. Fui mandada embora e paguei terapia com o valor da rescisão. Essa psicóloga também era dirigente de uma casa de ayahuasca e me apresentou à espiritualidade. Comecei a fazer mapa astral, estudei tarologia e voltei para a Bahia. Desde então, minha vida profissional destravou. Descobri que meu propósito é ajudar os outros por meio da espiritualidade. Foi nessa época que mudei o foco do Águas de Março. Até então, era um perfil, com 40 mil seguidores, sobre música, arte e cultura —daí o nome da página. Quando resolvi escrever sobre autoconhecimento, o número de seguidores começou a crescer.

Léo Artese, 65
Fundador do site Xamanismo Universal, São Paulo. Atuante no xamanismo desde a década de 1990, ele é mestre de cerimônias e oferece cursos na área

'SEM MONETIZAR REDES, GANHO O SUFICIENTE PARA VIVER BEM AOS 65'

No início da minha carreira no xamanismo, na década de 1990, eu divulgava o trabalho em livrarias esotéricas e em lojas de produtos naturais. Já com a internet, criei o site e as redes sociais. Essa é a forma atual de entrar em contato com o público. Tenho 240 mil seguidores no Facebook e 57,5 mil no Instagram. Ainda não tenho o intuito de monetizar as redes. Minha equipe de conteúdo comenta que eu deveria virar influencer, mas trazer as práticas de mercado para a nossa área pode fazer com que percamos a essência da espiritualidade. Trabalhei por vários anos como gerente de marketing numa multinacional. Em 1994, tive depressão e abandonei o emprego. Desde então, sou mestre de cerimônias e vendo cursos sobre xamanismo. Já trabalhei na Europa, nos EUA e no Caribe. As entradas custam, em média, R$ 200. Mas ninguém fica sem ir pelo dinheiro. Se a pessoa não tem condições, peço para ela ajudar em algo estrutural do evento. Ganho o suficiente para, aos 65, ter o meu carro e uma boa qualidade de vida.

Edu Scarfon, 36
Astrólogo e tarólogo, São Paulo. Além das consultas de tarô e dos mapas astrais, Scarfon responde a dúvidas pontuais de seguidores em suas lives, por R$ 25

'AINDA É BOM ESTAR NA TV, MAS NAS REDES AS COISAS VIRALIZAM MAIS'

Hoje considero Instagram e YouTube mais importantes que rádio e TV. Fui projetado por programas de Rede TV, SBT e Gazeta, mas não posso ficar refém delas. Embora ainda seja bom aparecer na TV, o conteúdo nas redes sociais viraliza mais rápido. Nelas, dá para conversar com seu público diretamente. Meus perfis ganharam seguidores em 2014, quando venci "Os Paranormais" [quadro do programa Domingo Legal, no SBT]. Na época, porém, as redes sociais eram pouco exploradas comercialmente, e aproveitei só o aumento no número de consultas de tarô e mapa astral. Nas minhas lives no Instagram e no Youtube, hoje, cobro R$ 25 por resposta. O pagamento é via Pix. Isso ajuda quem não pode pagar uma consulta [cerca de R$ 350]. Também ganho com publicidade. Anuncio produtos naturais, de alimentação saudável e utensílios para pets. Animais são importantes para as energias positivas. Há um ano, criei a Astral TV, emissora online focada em espiritualidade e bem-estar.

Tatiane Lisbon, 30
Astróloga, criadora da página A Papisa, São Paulo. Nas redes sociais, faz anúncios para marcas de diversos setores do mercado

'JÁ FECHEI CONTRATO DE PUBLICIDADE DE ATÉ R$ 40 MIL NO INSTAGRAM'

Minha marca foi criada em 2016. Além do perfil no Instagram [com 70,5 mil seguidores], tenho blog, loja e ofereço consultas online. A maior remuneração vem da publicidade. Comecei a receber por isso em 2018. Na época os anúncios eram só de moda e beleza, mas a pandemia pulverizou a astrologia para outras áreas. O preço varia. Se for um story do Instagram, custa entre R$ 8.000 e R$ 10.000. Algo mais elaborado, com posts e vídeos no feed, é mais caro. Já fechei publicidade de até R$ 40 mil. Grande parte desse dinheiro é investida na própria Papisa. Quero estruturá-la como empresa. Isso é muito diferente dos últimos anos. Formei-me em design de interiores, mas não gostei da área. Em 2015, tentei ganhar dinheiro fazendo o que eu gostava: tarô e astrologia. Fui contratada em 2017 por um call center esotérico. A empresa cobrava R$14,90 dos clientes por minuto. Eu recebia um salário mínimo. Na época, conheci a astróloga Madama Brona, e ela compartilhava meu trabalho nas redes dela. Aí minha página estourou.

Ricardo Hida, 46
Astrólogo, São Paulo. Hida usa as redes sociais para atrair público para seus cursos e consultas; ele diz focar a qualidade dos serviços, que têm preços um pouco mais altos e clientes fieis

'O MAIOR DESAFIO É CONSEGUIR SABER ONDE ESTÁ O SEU PÚBLICO'

Hoje, o mercado esotérico atende jovens, velhos e pessoas de esquerda e de direita. O meu público é de pessoas acima dos 45. Converso com eles na rádio Vibe Mundial FM e em textos para revistas. Geralmente, são as pessoas para quem vendo cursos. As redes sociais são trampolins para o meu trabalho. O objetivo é ter mais visibilidade nelas para que mais pessoas cheguem aos cursos. O desafio é saber onde está o público. Fiquei surpreso, por exemplo, quando meu vídeo teve cerca de 300 mil visualizações no TikTok. Minha remuneração é diferente da dos influenciadores de milhões de seguidores, porque foco em cobrar mais por um serviço melhor, e não atiro para todos os lados. Cobro R$ 600 por um mapa astral, e no mínimo R$ 300 por curso. Esse mercado esotérico é muito fiel e tem taxa de retorno alta. Quando alguém gosta, volta. Também sou pesquisador do Núcleo de Estudos de Novas Religiões e Novas Espiritualidades da PUC-SP.

Depoimentos a Pedro Lovisi

Saneamento

Contagem regressiva para a universalização

Meta é fazer com que a quase totalidade dos brasileiros tenha acesso a serviços de água e esgoto até 31 de dezembro de 2033

No último dia 15 completaram-se dois anos do novo Marco Legal do Saneamento Básico, como é popularmente conhecida a lei Nº 14.026. Ele prevê que até 31 de dezembro de 2033 devem ser garantidos o atendimento de 99% da população com água potável e de 90% com coleta de esgotos no Brasil. A lei estipula, também, que os contratos de prestação dos serviços públicos de saneamento básico deverão ter metas quantitativas de não intermitência do abastecimento, de redução de perdas e de melhoria dos processos de tratamento. O desafio para concretizar essas ambições não é pequeno. Hoje, de acordo com o Instituto Trata Brasil, a ausência de acesso à água tratada atinge quase 35 milhões de brasileiros, e ainda existem 100 milhões que não são atendidos com a coleta de esgoto. Além disso, dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) 2020 revelam que apenas 50% do volume de esgoto gerado é tratado, ou seja, pelo menos 5,3 mil piscinas olímpicas dele são despejadas diretamente na natureza a cada dia.

Luana Siewert Pretto, presidente-executiva do Instituto Trata Brasil, avalia que o Novo Marco Legal do Saneamento Básico é importante, primeiro, porque estabelece metas claras e objetivas para todo o país. Outro ponto de destaque, segundo ela, é o que se refere à centralização da regulação na Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), o que traz homogeneização com relação a normas de referência para o setor. Em outras palavras, as regras estabelecidas pela ANA são levadas em consideração pelas agências reguladoras de saneamento infranacionais (municipais, intermunicipais, distrital e estaduais). Outro aspecto positivo, na avaliação de Luana, é o do estímulo à competição. A partir do Novo Marco os contratos de programa, que antes eram feitos sem licitação, passam a exigi-la.

Luana evidencia, ainda, alguns "marcos intermediários" trazidos pela nova lei, como a necessidade de comprovação, por parte das dos atuais prestadores dos serviços de água e esgoto, de capacidade econômico-financeira para atingir as metas de universalização, o que deveria ter sido feito até 31 de dezembro de 2021. Segundo o Trata Brasil, dos 3,9 mil municípios que precisavam apresentar a documentação, 1,1 mil, não o fizeram ou foram considerados irregulares pelas respectivas agências reguladoras. Já 2,4 mil (cerca de 62%) estão em situação absolutamente regular e 325 foram considerados regulares, mas com algum tipo de restrição. "Aqueles municípios que estão irregulares terão de apresentar alguma solução, seja fazer concessões à iniciativa privada, seja buscar recursos onerosos no BID ou em outros bancos", explica Luana.

Na avaliação de Neuri Freitas, diretor-presidente da Associação Brasileira das Empresas Estaduais de Saneamento (Aesbe) e presidente da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece), um dos pontos positivos do Novo Marco Legal do Saneamento Básico foi o de colocar o tema em evidência no Brasil. Ele também entende como ganho a instituição de metas por parte do poder concedente, já que isso, para as companhias de água e esgoto, independentemente de sua natureza jurídica (pública ou privada), dá melhores condições de cobrar o cumprimento de contratos tendo em vista a necessidade de alcançar índices estabelecidos. "O que acho que não foi pensado no Marco Legal é que, se o objetivo é universalizar os serviços, tanto faz se isso será feito por empresas públicas ou privadas. Mas, comparando-as, as públicas têm muitas amarras no ponto de vista de contratação. Toda vez que houve um grande projeto no país, criaram-se legislações e estratégias específicas para facilitar os trâmites das contratações, como na Copa do Mundo e nas Olimpíadas", aponta Neuri, que considera que deveriam ser criadas condições mais favoráveis para as companhias contratarem e executarem. Ele observa ainda que não foi pensado o financiamento por parte de instituições a que tanto empresas públicas como privadas recorrem, como, por exemplo, o BNDES. São entidades que oferecem taxas mais baixas e prazos mais elásticos para pagamento, porém persiste uma burocracia muito grande. Ele ressalta, também, que o Novo Marco Legal não trata do saneamento básico rural e que deveria ter se dedicado mais ao tema ambiental. A nova lei fala em prioridade e procedimentos simplificados para licenciamentos, mas não especifica o que isso significa.

Na avaliação de Neuri, o desafio de alcançar a universalização no prazo estipulado é gigantesco. Entre potenciais gargalos estão uma potencial falta de recursos financeiros e de capacidade para execução dos investimentos. Para o presidente da Aesbe, é provável que as altas do dólar e do petróleo tenham impactado previsões feitas anteriormente sobre o montante necessário à universalização. Mas não é só isso. "Precisamos, primeiro, ter todas as regras claras, o que ainda não acontece. Com toda a reestruturação que houve no setor, de regionalização, seja por unidades regionais, por microrregiões, por blocos, por regiões metropolitanas, ainda não há planos regionais", explica.

Para Neuri, o Novo Marco sinaliza a necessidade de encontrar alternativas para o ganho de eficiência e o atingimento das metas, seja com financiamentos, com parcerias público-privadas, ou com a opção por modelos como os que foram adotados nos casos da Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) e da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), em que houve concessões de serviços. Ele vê com bons olhos a pluralidade de possibilidades para avançar. "Não sou do tipo que acredita que exista apenas uma forma de fazer. Ter opções diversas é importante até para avaliarmos quais são as melhores", pondera.

Projeto e comercialização: Point Comunicação e Marketing Tel.: (11) 31670821 - point@pointcm.com.br
Redação e edição: Gustavo Dhein | Layout e editoração eletrônica: Manolo Pacheco e Sergio Honorio

Benefícios

Um direito, uma necessidade, uma oportunidade

Saneamento básico traz benefícios variados à população e à economia do país

Em 28 de julho de 2010, por meio da Resolução 64/292, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) reconheceu explicitamente o direito humano à água e ao saneamento para o pleno desfrute de vida e de todos os demais direitos humanos. Aqui no Brasil, no último dia 6 de julho, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania aprovou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 2/2016, que modifica o artigo 6º da carta magna brasileira. Ela torna o direito ao saneamento básico em um direito social, assim como já o são a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a alimentação, a previdência e a segurança. Agora a PEC segue ao plenário do Senado, onde será submetida a dois turnos de discussão e votação. Se a consolidação do saneamento básico como direito é um fato aparentemente consumado, o efetivo acesso a ele ainda é um desafio não só Brasil, mas global (veja box abaixo). O que se sabe ao certo é que proporcionar às pessoas os serviços de água e esgoto resulta em uma série de vantagens para os cidadãos e para o país como um todo.

"Temos um estudo que aponta que a universalização do saneamento básico traria benefícios de R$ 1,1 trilhão para o Brasil", diz a presidente-executiva do Instituto Trata Brasil, Luana Siewert Pretto. Os ganhos são amplos em razão de os investimentos no setor serem transversais, ou seja, atingirem positivamente diversas áreas da sociedade ao mesmo tempo. O estudo a que Luana fez referência foi publicado em 2018. Intitulado Benefícios Econômicos e Sociais da Expansão do Saneamento Brasileiro, ele destacou que o valor de R$ 1,1 trilhão em ganhos econômicos e sociais poderia ser obtido em 20 anos, já descontados os recursos necessários à universalização. "Como se dá esse ganho? Com a redução nos gastos com saúde, com aumento de produtividade (há redução de afastamentos do trabalho), com a valorização imobiliária, com o avanço do turismo, etc.", explica a presidente-executiva do Trata Brasil.

Por exemplo, o estudo apontou, tendo como base os dados do IBGE 2017, impacto expressivo do saneamento sobre o valor dos ativos imobiliários e sobre a renda gerada pelo setor. Considerando dois imóveis em bairros similares e que se diferenciam apenas pelo acesso ao saneamento, aquele que estava ligado às redes de distribuição de água e de coleta de esgoto poderia ter seu valor elevado em quase 16,4%. No caso do acesso à água tratada, o diferencial de valor era de 9,0%, na média do país. A ausência de banheiro reduzia o valor do imóvel em 7,4%. Isto indica que a adequação do saneamento básico com a ligação de uma moradia às redes de distribuição de água e de coleta de esgoto permitiria elevar o valor do imóvel em quase 33% (valor que equivale à acumulação dos três efeitos).

Com relação ao turismo, trata-se de uma atividade econômica que não se desenvolve adequadamente em regiões com falta de água tratada e de ambiente por coleta e tratamento de esgoto. Com base no modelo estatístico adotado no relatório do Trata Brasil, estimou-se ganhos de R$ 2,1 bilhões anuais no setor com a universalização dos serviços, o que significaria uma renda maior para os trabalhadores, mais lucros para as empresas e maior arrecadação de impostos para os governos.

Os números coletados apontaram, ainda, que os salários de trabalhadores que vivem em áreas sem saneamento são menores do que os recebidos por pessoas nas mesmas condições de empregabilidade (educação, experiência etc.), mas que moram em locais com coleta de esgoto. Com relação à educação, calculou-se que se for dado acesso aos serviços de coleta de esgoto e de água tratada a um estudante que não contava com eles, espera-se uma redução de 3,6% em seu atraso escolar. Não à toa, portanto, Luana reforça a ideia de que o saneamento pode transformar histórias. "Quando ele não está disponível e em decorrência disso uma criança ou jovem não comparece à escola, por exemplo, diminuem inclusive as perspectivas de mudança de patamar social. A partir do momento que há o saneamento e um jovem consegue frequentar as aulas, melhorar a sua escolaridade, ir bem no Enem, isso muda, e aumenta a possibilidade de ascensão", diz.

Finalmente, um tema que é costumaz e que não pode ficar de fora quando se fala em saneamento básico é o da saúde. De acordo com o Datasus, só em 2020 foram registradas mais de 167 mil internações e 1.898 óbitos por doença de veiculação hídrica. Investir em saneamento não apenas reduziria essas estatísticas, como proporcionaria um alívio financeiro no âmbito da saúde. Já em 2014, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que, para cada dólar investido em água e saneamento, são economizados 4,3 dólares em custos de saúde no mundo.

No recente balanço sobre os dois anos do Novo Marco Regulatório do Saneamento Básico, lançado pelo Instituto Trata Brasil no último dia 12 de julho, a entidade reforça os impactos positivos da destinação de recursos ao setor. De acordo com o estudo, considerando-se o cenário de investimento do Plansab, de R$ 36,2 bilhões anuais para se alcançar a universalização, a economia brasileira potencialmente se beneficiará com um crescimento do PIB de aproximadamente R$ 45,5 bilhões anualmente. Além disso, o valor investido tem potencial para proporcionar um aumento na arrecadação tributária de mais de R$ 2,9 bilhões anuais e a criação de 850 mil novos postos de trabalho permanentes.

Um objetivo mundial

A falta de saneamento afeta várias regiões do mundo e o problema é um dos focos dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU), que, em princípio, deverão ser alcançados até 2030. O ODS 6 prevê garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água e do saneamento para todos até lá, mas para isso será necessário pelo menos quadriplicar o ritmo dos avanços registrado entre 2016 e 2020. Segundo o informativo Progresso em termos de água potável, saneamento e higiene nas famílias, divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), houve melhorias no período mencionado. No entanto, o relatório deixa claro que, se não ocorrer uma aceleração nos investimentos, em 2030 apenas 81% da população mundial terá acesso à água potável em casa, ou seja 1,6 bilhão de pessoas ainda estará excluído; apenas 67% terão serviços de saneamento adequados (o que representa 2,8 bilhões de pessoas sem acesso); e somente 78% terão instalações básicas de lavagem das mãos (o que significa deixar 1,9 bilhão para trás).

Indústria

Investimentos devem impulsionar capacidade produtiva

Produtos brasileiros têm qualidade e contribuição importante para o PIB nacional

"O Marco do Saneamento é uma esperança para o setor em que, sendo bem realista, o Brasil tem uma dívida muito grande com a população", diz Pedro Taves, diretor Comercial e de Marketing da Saint-Gobain Canalização e que também preside a Associação Brasileira dos Fabricantes de Materiais para Saneamento (Asfamas). Falando sobre as companhias que integram a Asfamas, Taves descreve que hoje elas representam 90% do PIB do saneamento básico brasileiro e estão empolgadas com a lei Nº 14.026, que prevê a universalização dos serviços de água e esgoto no país até 2033. "São empresas que acreditam, que estão otimistas, e que vão fazer os seus Capex à medida que os investimentos no setor forem aumentando. O nível de qualidade dos produtos brasileiros também é elevado, e a indústria do saneamento consome muito localmente, então ela é muito importante para o Produto Interno Bruto nacional. Os fabricantes de tubos estão aqui, os de hidrômetro também, os de bomba em sua maioria, etc.", afirma o executivo.

Luana Siewert Pretto, atual presidente-executiva do Instituto Trata Brasil e que já atuou como diretora de Relações Institucionais e Governamentais na Asfamas, diz que existe diálogo entre todos os atores da cadeia para que não haja nenhum caminho crítico na universalização. Ela relata, ainda, que o setor está investindo cada vez mais em tecnologias, principalmente na gestão de perdas, com o uso de internet das coisas. "Ou seja, com o Novo Marco passou-se a pensar mais em novas tecnologias, e um dos nossos objetivos é fomentá-las para que avancem e busquemos, com o menor custo, entregar a água e o tratamento de esgoto", avalia.

INOVAÇÃO

Com relação à Saint-Gobain Canalização, Taves diz que a empresa está atenta às transformações setoriais, o que inclui, por exemplo, uma preparação para a maior participação da iniciativa privada. "Já estruturamos um setor interno para atendê-la, já que muda muito a forma de abordagem. Além disso, temos um plano para incrementar a produção", pontua. Ele ressalta, ainda, que a Saint Gobain tem Centros de Pesquisas e Desenvolvimento, incluindo o de Capivari (SP) no Brasil, e um dedicado especificamente à canalização, na França, que garantem a evolução dos itens que ela oferece ao mercado. A empresa está lançando, agora, a sua nova geração de tubos de ferro dúctil, com revestimento externo em epóxi líquido azul, que aumenta a capacidade anticorrosiva e é o responsável por garantir maior proteção ao zinco durante o transporte, manuseio e montagem. Os tubos podem operar por mais de cem anos, diminuindo assim a recorrência na execução de obras, além de serem totalmente recicláveis. Com seus produtos, a Saint-Gobain Canalização pretende garantir "o caminho seguro das águas", o que é fundamental no combate às perdas do recurso natural, que são altíssimas no Brasil, chegando a 40%.

Ranking

Cidades em melhor situação estão no Sul e no Sudeste

Estudo revela disparidade entre regiões e a estagnação de municípios entre os mais mal colocados

O Instituto Trata Brasil divulga, anualmente, o Ranking do Saneamento com o foco nos 100 maiores municípios brasileiros. Na última edição do documento, lançada no dia 22 de março em alusão ao Dia Mundial da Água, em parceria com a GO Associados, foram analisados indicadores de 2020, publicados pelo Ministério do Desenvolvimento Regional. O que se percebe é uma enorme distância entre as cidades mais bem colocadas no ranking e aquelas que se encontram no final da lista. Nos 20 municípios que se encontram em melhor situação, 99,32% da população têm acesso a redes de água potável e 95,59% são atendidos com rede de coleta de esgoto. Já entre as cidades nas 20 últimas posições, os indicadores são, respectivamente, de 82,52% e 31,78%.

A publicação revela que, historicamente, nas primeiras posições do ranking há predominância de municípios dos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Já dentre os 20 piores costumam aparecer cidades da região Norte, bem como algumas do Nordeste e outras do Rio de Janeiro. "A edição de 2022 evidenciou uma estagnação dos municípios que sempre estão nas piores posições. O que nos assusta é que estas cidades, mais uma vez, são da região Norte do país, aonde o acesso ao saneamento ainda é mais deficitário do que em outras regiões. Há capitais que estão trabalhando nos últimos anos para saírem dessa posição, mas não é a regra, é a exceção", declarou Luana Siewert Pretto, Presidente Executiva do Instituto Trata Brasil, quando do lançamento do Ranking 2022.

As 10 mais bem colocadas:
Santos (SP) - Uberlândia (MG) - São José dos Pinhais (PR) - São Paulo (SP) - Franca (SP) - Limeira (SP) - Piracicaba (SP) - Cascavel (PR) - São José do Rio Preto (SP) - Maringá (PR).

As 10 mais mal colocadas:
Maceió (AL) - Gravataí (RS) - Várzea Grande (MT) - São Gonçalo (RJ) - Ananindeua (PA) - Belém (PA) - Rio Branco (AC) - Santarém (PA) - Porto Velho (RO) - Macapá (AP)

INVESTIMENTOS

O Ranking do Saneamento fez também uma análise sobre investimentos no setor em capitais brasileiras, que, entre 2016 e 2020, somaram cerca de R$ 23 bilhões em valores absolutos. O município de São Paulo (SP) realizou quase metade desse montante, com aproximadamente R$ 11 bilhões, e foi a cidade com o maior investimento total no período, seguida por Brasília (DF), com R$ 1,5 bilhão, e pelo Rio de Janeiro (RJ), com R$ 1 bilhão.

Com relação ao valor médio anual investido por habitante, o patamar nacional para a universalização, de acordo com dados do Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab), é de R$ 113,30 per capita. A média das capitais, no entanto, foi de R$ 91,03 por habitante, valor quase 20% inferior.

Com relação aos resultados do ranking de 2022, o Instituto Trata Brasil fez a ressalva de ele ainda não retratar dados de 2021, quando houve uma mudança de comportamento de estados e municípios brasileiros estimulada pelo Novo Marco do Saneamento, fazendo com o que o país movimentasse R$ 42,2 bilhões na carteira de leilões dos serviços de água e esgoto em diversas localidades. O reflexo desses aportes poderá significar a melhora de indicadores.